FON FON
ANNO XXV — N.º 27
Rio, 4 de Julho de 1931
PREÇO: 1$000

Maldicta doença que me tira a disposição até para o trabalho

Lydia

De Ribeiro Pontes

— Marcos, tambem vieste á inauguração!...

A' festa?... A' orgia?...

Era a primeira noite em que, escancaradas, as portas do novo "Caffé de la mode" sorriam pelos jorros de luz, escandalosos, orientaes, attrahindo a bohemia elegante da cidade. Fugir ao tédio, amezendar-se... e o "jazz" faz o resto!

Marcos, spleenético, responde com um leve aceno ao amigo e toma logar á mesa.

O marmore branco das mesas lembrava-lhe as pedras do necroterio onde se retalham cadaveres, e, ali, ante a "champagne", elle queria singularmente dissecar as almas. Seu bistury? A ironia...

Um corpo... uma alma... Lydia!

O "jazz" phantastico cabriola um "fox" e na mente fria de Marcos desenha-se a sua visão... Lydia... uma interrogação na vida...

Explicar mulheres, comprehender as Gauthier, Foscarina, Cleopatra... tão difficil... tão facil... Entreabrem-se num sorriso e enigmatizam-se numa existencia...

Deixar que seus olhos negros, ou verdes, desçam á conquista de alguem e, depois, não comprehendel-os...

Luz! Flores! Sensações! Orgia! Esquecimento!

* * *

Lydia... Lydia... e a mulher esguia, heráldica, muito sobranceira... um vestido branco a bailar numa fantasia humana... cabellos loiros — moldura rica duma cabeça louca...

Olhos, dois pontos, esperando uma affirmativa...

Mulher: sim. Mulher em tudo.

* * *

O *garçon*, bandeja á mão, aguardava para servir "chartreuse", e Marcos, batendo com o castão da bengala sobre a frialdade da mesa, compunha em seu cerebro uma sensação nova, um novo grito ao tédio que o prostrava...

Lydia! Para mulher tinha muitas sensações... para ideal: nenhuma.

Procurál-a, vêl-a, dominál-a...

* * *

Marcos tinha visto Lydia no ultimo espectaculo duma troupe japoneza.

Estava, nessa noite, divinamente principesca: tinha mais ar de pequena santa que de real mulher... não lhe fugiam dos olhos os raios quentes do amôr a buscar outro amôr na multidão ululante da sala do theatro... Si tinha enervamentos, desejos, refreava-os em seu intimo, e a bocca — uma offerta e uma recusa — não se entreabria para sorrir!

* * *

E o "jazz" continuava, louco, alteando e diminuindo... rugidos de vagas... risadas... um fogo de artificio na escala das notas...

* * *

Tocou a ultima... O "chartreuse" de Marcos entornou-se.

Era a hora de partir.

* * *

No alto, a lua plagiava a face dum palhaço que está cançado de beber...

Marcos sahiu.

Um auto aproximou-se e elle desappareceu na portinhola aberta.

* * *

Dentro, uns braços estatuários e sensuaes o enlaçaram e sua bocca encontrou os lábios duma mulher...

Lydia...

* * *

Depois, uma gargalhada feroz, de raiva, despreziva... um corpo de mulher que rola na lama da cidade e um auto aristocrático que segue ao seu destino...

O emprezario do circo contractou o engulidor de sabres para servir de porta bengalas, num dia de recepção em sua casa...

Perdoavel! distracção de um cavalheiro, recentemente chegado de Nova-York, e que espera ser attendido, num mercado...

DUPLA REVELAÇÃO

DE ZIUL

UM pesado silencio ia por todo o vasto salão. Em cima do piano, aberta, uma caixa contendo um violino, denotando que alguem se servira delle momentos antes. Numa das luxuósas poltronas, um rapaz a tirar compassados rolos de fumo de um cigarro. A' sua frente, num "divan", uma graciosa figura feminina. O silencio era-lhes angustioso. Ella resolveu falar em qualquer coisa.

— Vamos, Helio, ha muito te conheço, e nunca tive a curiosidade de perguntar-te si tocas algum instrumento.

— Eu, Celia!?... Não.

— Não!?... Então é por isso que, quando toco, te deixas ficar numa attitude contemplativa, como si eu fôra a propria arte.

— Sim; aprecio muito a maneira como tócas. A preferencia pelas musicas tristes vae muito com o teu temperamento nostalgico.

— Achas!?

. . . .

Era sempre assim... Uma conversa insipida, natural do genio de Celia e opposta ao de Helio, que, no emtanto, se prestava sempre a ouvil-a com attenção e carinho.

E' que elle amava aquella moça de natureza infantil, parecendo não ter "olhos de vêr", a supplica bailando constante na insistencia de seus olhares.

O rosto de Celia, de um oval mimóso, com os grandes olhos parados e tristes, era para elle como uma nêsga de céo que se não fartava de contemplar. Bastante timido para uma declaração, esperava sempre que os olhos della lêssem nos seus aquellas palavras que os labios não tinham força para proferir.

Helio guardava de Celia um seu particular. A' educação esmerada, que sua familia lhe proporcionára, tinha sido inclusa a musical. E, por coincidencia, aprendera o mesmo instrumento de Celia.

Tocava-o com a arte de quem tem o curso feito e com brilhantismo.

Receioso, porem, que, si a moça soubesse esse particular, se esquivasse de tócar na sua presença, escondia, cuidadoso, aquillo que elle chamava de si para si, "o seu grande segredo".

Uma noite, havia festa na casa de Celia. Sua mãe fazia annos e o luxuoso salão estava repleto de amigos da familia. Apesar de ser uma festa de caracter intimo, não faltaram os brindes á mesa farta, nem as musicas ao piano e violino.

Um amigo de Helio pediu-lhe que executasse qualquer coisa ao violino.

Vendo descoberto o seu segredo, elle não poude resistir e, no proprio violino de Celia, arrancou as notas maravilhosas de uma sonata de Beethoven.

Uma chuva calorosa de applausos suffocou o ultimo accorde.

Helio aproveitou o dispersamento dos convidados para dirigir-se á varanda que dava para o jardim. Um mundo de desencontrados pensamentos vinha-lhe á mente, quando sentiu alguem aproximar-se.

Voltou-se e achou-se em presença de Celia.

— Então, Helio, por que escondeste, por tanto tempo, que tócavas violino e tão divinamente?!

— Receiôso, Celia, que, si o soubesses, não mais tócasses na minha presença.

— E's, então, tão timido assim?!

— Sim; a ponto de esconder-te sentimentos, que outro mais ousado já teria revelado.

— Não comprehendo, Helio!

— Não comprehendes, porque não sabes a linguagem de uns olhos quando um coração ama. Nunca reparaste o tempo que passava olhando-te, embevecido?!

— Não, nunca!... e posso assegurar-te que me proporcionaste hoje uma dupla revelação...

E, numa gargalhada frêsca e de prazer, arrastou-o para o salão, sahindo a dançar com elle uma valsa... de amôr.

A esposa (escolhendo chapéos). — Que tal me fica esta, Jorge?

O marido. — Quanto custa?

A esposa. — Noventa mil reis.

O marido. — Não a compres; fica-te horrivel.

PREÇOS
DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000
Venda avulsa
em todo o Brasil, 1$000
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON - FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barrozo
THESOUREIRO: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2 - 0377 — Administração: 2 - 4138 — Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

EMPRESA
FON-FON e SELECTA
S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.
Representante na Europa: E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Renovando a Cutis com oxygenio

Uma cutis pobre nada mais é que a accumulação de materia morta que se adhere fortemente ao rosto, provocando, assim, manchas, pallidez, rugas e secura da pelle.

Somente o oxygenio é o que póde, mercê de sua conhecida acção destruidora de toda a materia morta, extirpar essas nocivas accumulações e isto sem affectar os tecidos sãos.

Descobriu-se que a Cêra Pura Mercolized contem oxygenio, de maneira que este, ao pôr-se em contacto com a cutis, a limpa totalmente.

Poucas applicações de Cêra Pura Mercolized bastam para que surja livre e saudavel a formosa tez que toda a mulher possue immediatamente debaixo da velha cuticula desfigurante.

Por uns sete mil reis mais ou menos póde-se encontrar em qualquer pharmacia ou drogaria uma caixinha de cêra "mercolized" que contém uma quantidade sufficiente para a realização de um tratamento completo.

— Si se deseja obter o colorido "natural" da cutis não se deve fazer uso do rouge; ha que applicar-se, em troca, o pó de carminol puro.

Cêra Pura Mercolized

(em inglez: "Pure Mercolized Wax")

Em todas as boas pharmacias, perfumarias e lojas que vendem artigos de toilette, em todos os paizes do Mundo.

A legitima "Cêra pura m[illegible]d" é vendida somente em latas douradas de dois tamanhos.

PRE[illegible]ENDA NO BRASIL, RS. 12$000 E 7$000.

Realidade...

Estou ficando magra... e a rosea côr,
Vae, pouco a pouco, o rosto meu perdendo.
E, de meus olhos tristes, o fulgor,
Vae, lentamente, desapparecendo...

Falta-me o ar! e que supplicio horrendo
Viver assim, neste árido estertor!
Reconheço que estou me enfraquecendo,
Porque sinto, no peito, horrivel dor...

Aprofundo-me em scismas... Vejo a Morte
Acenar-me, de perto, a negra mão...
E' o fim que se aproxima... E' linda a sorte!

Deixar a vida em plena mocidade!
— Eis de minh'alma a louca aspiração
Que se vae transformando em realidade...

ZEITA MOREIRA

A PIEDADE

Má feira, realmente! Animaes mal vendidos, generos comprados muito caro, briga na estalagem e esta chuva que cáe, cáe...

A rua cobre-se duma agua esbranquiçada, na qual chafurdam enormes vermes roseos. Aqui e ali, os prados abrem os olhos mornos de seus charcos, á margem dos quaes piam corvos.

— Que primavera! — rosna Gineston. — Tudo vae apodrecer antes de nascer. Toca, porcaria de animal!

Furioso, para estimular o ardor da besta fatigada, deu um violento ponta-pé, calçado de tamancos cheios de pregos, no flanco do animal, ponta-pé tão violento, que, perdendo parte do equilibrio, o homem quasi cahiu na terra encharcada.

— Attenção! Vaes te machucar! — murmurou a mulher, pois julga prudente não demonstrar a piedade que sente pelo velho servidor maltratado...

Outro ponta-pé. O animal geme. Deante delle a encosta alta e aspera, e atraz todo esse peso deshumano: relha de arado, saccos de batatas para a semente, vasilha nova... O animal já não póde: que o atirem para o chão, não se mexerá mais: as ferraduras gastas não mais seguram o solo fugidio; todo o peso do mundo puxa-o para traz e, para a frente, nada o ajuda!

Mas, subito, o homem segura a redea e puxa, puxa até desarticular a bocca. Uma ajuda, hein? Vamos! Mais um esforço! A mulher adivinha e propõe:

— Deixa-o, vou empurrar por detraz.

Para ter mais força fecha o guarda-chuva, amarra o avental na cabeça e, exposta á chuva, que lhe corre pelo pescoço, ella empurra com as duas mãos, com o busto, a pequena carroça, que torna a andar.

— Pobre velho! — rosna a mulher: — está como eu: não póde mais!

— Eh, Baptista! — grita Ginestou, que não gosta de chuva.

E elle segue com passo cambaleante, mão nos bolsos, bem resguardado em sua capa impermeavel á tormenta. Gente da feira segue-os á distancia. Alguns conhecidos saudam-nos; outros, estranhos, vindos de aldeias distantes, da planicie onde a vida é menos rude, espantam-se de ver aquella mulher velha penar atraz do burro, e risos estalam, insultuosos ao orgulho de Ginestou.

— Porqueira de animal! — monologa elle. — Preciso desfazer-me disso! Mas quem o quererá? Não vale mais nada! Novo pensamento rumina-lhe no cerebro, lentamente, como uma toupeira debaixo da terra dura: sim! Preciso desfazer-me dese animal... Come e já não tem forças... Vá, fingindo, grita elle, frisando a ordem com um socco.

A encosta torna-se mais suave. A mulher, esbofada, póde, finalmente, repousar um pouco, e com voz velada pela fadiga, replica:

— Baptista faz o que póde. Mas ha dezoito annos que moureja em nossa casa!

— E que come!

— Tão pouco, um nada de capim aqui e alli...

— Imbecil! Um pouco de capim aqui e ali durante vinte annos, faz um famoso maço, sabes? E's tão estupida que não pensaste nisso! Pois bem. E' preciso acabar com isso! Vou matar o burro. Ahi está!

Ahi está... A toupeira cavou seu sulco subterraneo... Surgiu á luz e pára, deslumbrada com a sua descoberta: matar o velho servidor! Que bom negocio! Ninguem o quer...

— Tu... Tu não farás isso! — supplicou a mulher, inquieta. Ginestou cresce arrogante:

— Que? Eu não farei? Não mais tarde que amanhã de manhã, se fizer sol. E' preciso que eu cave um buraco. A chuva me estorvaria. Mas isso não vae durar. Sim, amanhã. E tu tens que ficar calada.

Inutil, realmente, pedir ao rude senhor a quem se dera, havia um quarto de seculo, na cegueira dum amor ingenuo. Ella sabe agora a fonte limpa que Ginestou é mau, não porque seja um camponio — elle é da aldeia de homens justos e delicados — mas porque é feito a(

Isabelle Sandy

sim, pela natureza. Sim! Inutil pedir-lhe a graça para o velho burro, mas saber! Saber como elle queria acabar... Pensava elle numa morte rapida? Um tiro de pistola no ouvido, simplesmente...

— Deves matal-o com a tua pistola, suggere ella, muito preoccupada em dissimular a tortura.

— Minha pistola? Não faltava mais nada que gastar chumbo com esse animal! Morrerá depressa naquella idade; algumas pauladas bem applicadas...

Então, uma rajada de revolta soprou nalma da velha escrava; pela primeira vez na sua vida ella se rebellou e sentiu que *isso não se consummaria, porque ella não consentiria!* Como? Ignorava ainda. Mas era certo, o burro não seria morto dessa maneira, ferozmente, como si fosse um assassinio!

Suas mãos, seccas e duras como raizes, crisparam-se subitamente sobre o braço do homem.

— Não farás isso? Dize. Não ousarás?

Elle voltou-se, pasmado, daquella resistência:

— Que? Que é que eu não faço?

— Não matarás o animal, como dizes.

Elle explodiu.

— Ah! E' isso que tu ruminas, velha maluca? Certo que o matarei, como disse! E não passa de amanhã de manhã, porque fará sol, estou vendo!

Deante da porta ordenou:

— Leva-o para a cocheira, mas não lhe dês nada a comer, não vale a pena. E' mais economico!

Ella obedeceu, silenciosa, agarrando-se á idéa de que aquillo não se consummaria. Ha coisas que se não podem fazer! Sim... Mas como evitar o projecto da fera? Talvez a noite o fizesse mudar de idéa... Que esquecesse...

Ella dormiu mal e só pela manhã; mas umas pancadas fortes a despertaram; sem duvida, o homem cavava a fossa...

Então ella levantou-se, vestiu-se, fez o café e serviu-o a Ginestou, sem dizer palavra, o qual havia interrompido o serviço para ir almoçar. Parecia satisfeito, quasi calmo, mas uma luz má brilhava-lhe por debaixo das palpebras semi-cerradas.

Quando acabou de limpar a bocca com as costas da mão, ordenou:

— Podes-mo trazer dentro de um quarto de hora e tu o segurarás.

Ella não respondeu, deixando-o partir; depois, calçou grossos sapatos, poz no bolso uma grande fatia de pão e foi desamarrar o burro:

— Toma um pouco de pão, pobre velho! Partimos! — disse ella.

Poude sahir da cocheira sem ser vista, mas quando chegava ás ultimas casas da aldeia, gritos ecoaram:

— Eh! Mariotte! Estás surda?

Ginestou procurou-a por toda parte! Não ouves?

— Ouço, mas parto da mesma fórma, prompto: elle quer matar o burro com pauladas e quer que eu o ajude...

— Oh! Oh! — fizeram as mulheres, sacudindo a cabeça. A pauladas!

— Elle nos serviu de muito, não é justo matal-o assim!

— Ella tem razão! — disseram algumas vozes que abafaram o riso cruel dum adolescente.

No emtanto o homem chegava, pallido de raiva e mais gaguejando que falando, dizia:

— Ella pa... part... a louca! Por causa de um burro!

— Eh! Deixe-o morrer naturalmente, grita uma mulher idosa; está velho como nós! O teu cabello não está branco, tambem?

Não deves ser assim cruel!

— A pauladas! Não tens vergonha?

— Sim! A pauladas na cabeça, repetiu Mariotte, que sentia a aldeia toda a seu lado. E desde hontem de manhã não lhe deu nada a comer!

Boquiaberto, o homem olhava a velha escrava enfrentando-o, olhava o burro afagado pelas mãos das mulheres, olhava toda a aldeia sem comprehender, porque a sua alma rasteira de bruto ignorava os milagres que a divina piedade pode operar no coração dos homens.

Vencido, rogou quasi humildemente:

— Leva o animal para casa, Mariotte. E põe capim na sua baia...

Miragem de outomno

Será saudade? Amor? Nem sei, siquer...
Mas o meu coração, nervoso, fala
De beijos e suspiros de mulher,
Na pompa azul da tarde côr de opala.

E eu que já a esquecia... Sem querer,
Ao som da brisa suave que trescala,
Desfólho o derradeiro malmequer
Na esperança doentia de encontrál-a!

E ao concerto do outomno, sensitivo,
Ha miragens de sonho e de quebranto
Nas mãos de um pôr-de-sol contemplativo!

A saudade me aperta o coração...
E emquanto dos meus olhos róla o pranto,
As folhas mortas rólam pelo chão!...

(Do "Folhas Mortas").

BRIGIDO TINOCO

(Continuação do numero anterior)

ELZA — Elle! Será possivel?!

ATHOS — Não ha que duvidar.

ELZA — E essa mulher?

ATHOS — E' uma linda morena. Contou-me que o amante é um refinadissimo "scroc", que ambiciona conquistar uma pequena millionaria.

ELZA — Mas é impossivel! *(Com desespero)*. Impossivel! Não o creio. O senhor pretende é desmanchar meu casamento, expôr-me ao ridiculo. Julga, talvez, que me resolva a casar com você.

ATHOS — E' injusta, Elza. Depois, ahi está a photographia. E a morena não tarda.

Elza põe-se a passear, nervosa, pela sala.

SCENA III

OS MESMOS E MARCIO

Marcio entra. Elza interrompe o passeio. Corre para Marcio. Abraça-o.

ELZA — *(apontando para Athos)* — Diga-lhe que mentiu! Diga-lhe! *(Afastando-se de Marcio, que finge admiração)*. Porque isto não póde ser! Agora, depois de tudo prompto... De haver convidado o que o Rio possúe de mais fino... Que escandalo, Deus meu!

MARCIO — *(com fingido espanto)*. — Mas, querida, afinal, de que se trata? Explique-se, por favor! *(A' parte)*. A coisa está preta!

ELZA — Este senhor accusa-o de vigarista. Diz que uma mulher, sua amante, disse... *(Para Athos)*. Vamos, senhor, repita o que disse.

ATHOS — Disse que o senhor é um grande aguia, um chantagista, que sei mais!

MARCIO — Mas isso é uma infamia, senhor! Não sei onde estou que não lhe parto a cara!

ATHOS — *(mordaz)*. — Perdão, illustre comediante! Mas é inutil a sua sciencia declamatoria e previno-o de que seus insultos não me attingem...

MARCIO — Talvez que a coragem não seja dos seus predicados o maior.

ATHOS — Isto não interessa ao senhor.

(Elza dá um grito. Ambos voltam-se para ella, que, muito esbaforida, lê algo nas costas do retrato).

ELZA — *Escutem*: *(lendo)*. "A' querida e inesquecivel Maria da Graça, offerece o teu, de coração, Mario. *(Triumphante)*. Mario não é Marcio!

MARCIO — Não lhe disse? Não sou eu.

ATHOS — E' o senhor. Com a differença de que o senhor não é o que parece ser.

MARCIO — Sou eu, mas não sou eu, porque eu não sou o que pareço ser. Que Diabo vem a ser isto!? Olhe, amigo: Charada não é commigo!

ATHOS — E' simples.

MARCIO — Parece-lhe?

ATHOS — Perfeitamente.

ELZA — *(arremedando Athos)*. — Perfeitamente. *(Irritada)*. Então explique-se.

ATHOS — Não custa. Marcio não é o nome desse senhor.

MARCIO — Qual é então, o meu nome, faça o favor de me dizer? — Bem sabe que sou um desmemoriado.

ATHOS — Seu nome é Mario; seu cognome "O escovado". Sabe

SCENA IV

CHICO VIOLA — *(apparecendo, com a cabeça envolta em ataduras)*. — Muito bôas tardes!

MARCIO — *(desconfiado)*. — Que arranjou você na cabeça?

CHICO — Não foi nada. Uma paulada, apenas.

MARCIO — Onde?

ATHOS — Conte-nos. Deve ser interessante.

UMA GAROTA

DOIS ACTOS DE

perfeitamente disto. Como tambem sabe que a sua memoria é das melhores.

MARCIO — "T'ahi"! Pelo que vejo, o meu amigo conhece o meu passado melhor do que eu, que o não conheço.

ATHOS — Insiste?

MARCIO — Por que não?

ELZA — Acabemos com isto. Ou o senhor Athos traz aqui a tal mulher, com provas sufficientes, ou queira não tornar a esta casa.

ATHOS — Elza, não a comprehendo. Meu interesse é defendêl-a desse pirata e...

ELZA — *(com energia)*. — Já lhe disse: Quero provas!

ATHOS — Tel-as-á.

MARCIO — *(A' parte)*. — O que vale é que Maria da Graça está debaixo de sete chaves. *(Respirando forte)*. Upa! Quasi que me estraga o plano. *(Para Athos)*. Faça o favor de nol-as apresentar.

ATHOS — Tenha paciencia. Si julga que conseguiu raptar Maria da Graça, está enganado.

MARCIO — *(Dando um salto)*. — Hein?!

ATHOS — *(ironico)*. — E' o que lhe estou dizendo. O Chico Viola, quando levava a sua amante presa, foi interdictado por mim e por um collega de jornal. Deixamos o Chico sem sentidos.

MARCIO — Não é possivel! O Chico é um sujeito valente e...

ELZA — *(admirada)*. — Marcio, que diz!?

MARCIO — *(cahindo em si)*. — Nada... Ou melhor que esse senhor é um mentiroso.

ELZA — Ah!

CREADA — *(entrando)*. — O senhor Chico Viola quer falar ao sr. Marcio.

(Marcio olha, com alegria triumphante, para Athos.)

ELZA — Faça entrar o visitante!

CHICO VIOLA — *(Modesto)*. — Qual o que! Emfim, para lhes ser agradavel, contarei: "Hontem, eu e minha mulata — um pequenão! — fomos cear num cabaret da Lapa. Ia tudo muito bem: comia-se, bebia-se, ria-se. Em dado momento, notei que uns "gajos" estavam se engraçando com a minha mulata. Ah, seus moços! Nem lhes conto nada! fiz um sarilho dos diabos. Elles eram cinco... seis... oito... contando bem eram nove contra eu só. Mas commigo é alli: amarrotei tudo. Um dos meus contendores, porém, um peralvilho, — que nem era um homem inteiro: era meio homem, — veiu, por detraz, traiçoeiramente, e záz: sapecou-me, em cheio, uma cadeira, uma garrafa, sei lá! Abaixei tonto, assim... *(Imitando)*. Rodei o braço em torno e cahi. Mas ao cahir trouxe cinco commigo.

ATHOS — Você, pelo que vejo, é mesmo valente.

CHICO VIOLA — *(com modestia, rodando nas mãos o chapéo)*. — Qual nada, seu moço! A gente se arranja como póde...

MARCIO — Então, você trouxe os papeis?

CHICO VIOLA — Sim, senhor!

MARCIO — Passe-os para cá.

CHICO VIOLA — *(fingindo procurar nos bolsos os papeis)*. Diabo! Quer vê que deixei no outro terno?

MARCIO — *(approximando-se de Chico)*. — Será o diabo! *(Em voz baixa ao Chico)*. Cáe fóra! O negocio está preto! Prendeu a Maria da Graça?

CHICO VIOLA — *(no mesmo tom)*. — Prendi.

MARCIO — *(Idem)*. — Dá o fóra.

CHICO VIOLA — *(idem)*. E os cobres?

MARCIO — *(idem)* Aqui estão!

(*Passando sorrateiramente o dinheiro ao Chico, que, rapido, o embolsa*). Vá! Summa! (*Em voz alta*). Não encontrou os papeis? Vá buscál-os depressa, pois tenho que os apresentar ao juiz de paz, com o qual já combinei tudo.

(*Chico Viola vae a sahir, quando uma voz intempestiva de mulher se faz ouvir do lado de fóra*).

A voz — Tenho que entrar, custe o que custar. O meu amante está ahi dentro.

Outra voz — Não póde!

A voz — Entro, entro e entro!

Marcio — (*com espanto*). — Essa voz...

MODERNA

JOSÉ MARIA SENNA

Chico Viola — Raspemo-nos depressa.

SCENA V

OS MESMOS E MARIA DA GRAÇA

Maria da Graça — (*que entra, rebolando-se toda. Para o Chico Viola*). — Então está aqui tambem, hein? Espere um pouco que temos que conversar. (*Para Marcio*). E você, hein? Então, você ia se casar?

Athos — Tenha a bondade de contar a esta senhorita o que sabe.

Maria da Graça — (*Approximando-se de Elza. Mira-a por todos os lados, girando-lhe em torno*). — Esta é que é a noiva, não?... Bonita, ella é; que pirata! (*A Elza*). Mas a senhorita não me leva a palma! (*com "pose"*). Veja lá! O meu amante é meu, sabe? Elle só queria o seu dinheiro.

Elza — (*rispida*). — Explique-se!

Marcio — E' uma intrusa, Elza! Não creia nella. (*apontando para Athos*). Foi comprada por aquelle cavalheiro.

Athos — Acha?

Maria da Graça — Intrusa, não é, seu...? Depois lhe direi o que você é. Elle diz que sou uma intrusa. Não repetirá depois da leitura deste papel. Vejam. Leiam. (*Entrega a Athos o papel*).

Athos — (*passando os olhos por elle*). — Uma certidão de obito do sr. Marcio de Albuquerque. (*Entrega o papel a Elza*).

Marcio — Minha certidão de obito! Curioso!

Maria da Graça — Sua, não! Do seu irmão, morto em consequencia de um desastre. Viajava elle num bonde, quando bateu com a cabeça em um poste. Desmaiou. Levaram-no para o hospital. Quando voltou a si, não sabia quem era. Perdêra a memoria. Morreu pouco depois. Eu e Mario (porque este se chama apenas Mario) fizemos-lhe o enterro. Mario apossou-se dos papeis do morto, que era um sujeito remediado. Como se parecia muito com o irmão, poude saccar, falsificando a letra, o deposito de alguns contos que o fallecido tinha em um banco, antes que o banco tivesse noticia do fallecimento. Gozámos um pedaço! (*Batendo nas costas de Mario*). Hein, seu maroto? (*Com tristeza*). Mas o dinheiro acabou-se. Mario, de um dia para o outro, levou o sumiço. Imaginei logo que elle preparava alguma das delle e não me enganei.

Elza — Meu Deus!

Maria da Graça — Não chore, pequena! Mais soffreu Christo!

Elza — Que escandalo!

Athos — Havemos de evitál-o, si possivel!

Marcio — (*Para Chico Viola*): — Passa os dois contos, seu ordinario.

Chico Viola — Não se enxerga!

Athos — (*A Marcio*) Retire-se!

Elza — (*Apontando para Marcio*). — Elle tem o meu collar e dei-lhe hoje dois contos.

Athos — (*A Marcio*). — Queira entregar-me o collar e o dinheiro.

Marcio — Não tenho nenhum collar! E quanto ao dinheiro, está com o Chico.

Athos — Queira attender ao meu pedido, sinão... (*Apanha o telephone*).

Elza — Que vae fazer?

Athos — Chamar a policia.

Elza — Está louco! E o escandalo?

Maria da Graça — (*ao mesmo tempo*). — Não prendam o meu homem. (*Chorando, abraça-se a Marcio*).

Athos — Então, dêm-me o collar e o dinheiro.

Maria da Graça — (*implorando*). — Dá, ó Mario!

Marcio — (*com má vontade*). — Vá lá! Toma! Agora, o dinheiro, meu caro Chico.

Chico Viola — (*A Elza*). — Sinhazinha, dá-me o dinheiro. Fui eu quem a salvou do mar. Como a sinhazinha estava desmaiada, foi facil a elle imputar-se o salvador.

Elza — Mas esta... Fique com o dinheiro e suma-se. Sumam-se todos!

(*Chico e Marcio sahem a discutir, acompanhados de Maria da Graça*).

SCENA VI

ELZA E ATHOS

Elza — E agora?

Athos — Agora... Elza, si você me permittisse... Bem sabe que a amo. Um amor desinteressado, um amor que nasceu e floresceu na nossa infancia. Lembra-se? Ainda eramos crianças e eu já lhe dizia: "quando crescermos, havemos de nos casar". Recorda, não é?

Elza — Sim, Athos, eu me lembro. Mas não o comprehendi. E de mais sou tão original, tão moderna! Desprezei sempre o amor, porque todos o queriam, o procuravam. Recusei todos os homens, porque todos se pareciam. Queria um differente entre todos. Marcio comprehendeu isto. Viu que não bastava haver-me salvo: era preciso ser differente dos outros homens. Dahi, o papel de um desmemoriado que representou. E agora...

Athos — Agora?

Elza — O escandalo!

Athos — O ridiculo.

SCENA VII

OS MESMOS, D. MARIA E D. JOANNA

D. Maria — (*surgindo, acompanhada de D. Joanna*). — Que barulhada é esta aqui?

D. Joanna — Um zum-zum...

Elza — Não aborreçam! (*De subito*). Amanhã eu me caso!

D. Maria — Que novidade!

D. Joanna — Ha muito que já sabiamos disto.

Elza — Mas ignoram com quem vou me casar.

D. Maria e D. Joanna — Esta agora!

Elza — Não é velha, é nova: Caso-me com o Athos.

Athos — Commigo! Querida...

D. Maria — Esta menina está doida!

D. Joanna — Louquinha!

Elza — Não é exacto! Tudo lhes explicarei. Vamos para dentro. Emquanto me visto para o jantar, pol-as-ei a par dos acontecimentos. (*Para Athos*). Vá providenciar sobre os seus documentos.

Athos — Meu amor...

Elza — Não se trata disto. Trata-se de estar prompto para nos casarmos amanhã.

Athos — Mas, Elza...

Elza — Já disse! Vá depressa! Amanhã me casarei, custe o que custar, haja o que houver, seja com quem for, portanto...

Athos — (*Afobado*). — Si é assim... vou de avião!

(*Sáe correndo*).

— *P a n n o* —

As physionomias das grandes cidades

Algumas cidades do Brasil

INTERESSANTE, bem interessante, o trabalho do escriptor "globe-trotter" norte-americano Thomas R. Ybarra, proselyto de Daniel Marsh nas suas divagações psychologicas citadinas.

Na nossa vadiagem através o norte do Brasil conseguimos, numa visão de aeroplano, algumas observações, falhas, mas subsidio ao original estudo a que se propõe o "Diario de S. Paulo".

Comecemos pelo Territorio do Acre, em cuja antiga capital estivemos:

Senna Madureira... — Afigura-se uma menina, cujas seducções a tornaram requestada; depois as exigencias sociaes a impelliram á vida breve dos prazeres mundanos... e teve tudo o que a belleza attrae. A vertigem do viver empolgou-a; assim lhe morreram a mocidade e o encanto. Tornou-se mulher... Nada de "coiffeurs", nada de "manicures", nada de massagistas, nada de preparados. Com os cabellos brancos, as mãos mal tratadas, as rugas apergaminhando o rosto, as carnes flacidas, orgulhosa no seu retiro, olhando para o passado (seu alimento), amargando o presente e, estoicamente, fitando o caminho por onde vem o futuro... ella se queda, sem palavras de amargura, apenas relembrando os annos onde pontificou...

Manáos! — Não sei por que, ao falar em Manáos, instinctivamente nos deixamos genuflectir e procuramos beijar a fimbria, gasta, de seu vestido de princeza de lenda. Tão falada é ella, que dispensaria este alinhavado insulso. Raul de Azevedo appellidou-a a "cidade risonha". Ella acolhe, sempre, o viajor com aquelle sorriso das damas de linhagem. E' uma cidade que em meio á noite negra da agua do rio brilha como um diamante monumental; é um sonho dentro da realidade verde das florestas e da amarellidão caudal da sua rêde potamographica. A Antinéa, de Pierre Benoit, no "Hogar" amazonico. A Yára deslumbradora e deslumbrante. Manáos — é uma princeza no exilio...

Belém, do Pará — "Quem passou por Belém, tomou assahy... ficou". E' a cabocla rescendendo a "cheiro", de olhos negros, tentadores, com o cravo preso ao "có-có", rebolando as ancas, "bunita", passeando em "canua" cheia de "pupa a pdua", "flur" di perfume esquisito atirada á babel de perto movimentada, ao largo da Polvora, em cujas calçadas largas, cheias de mesas, se toma sorvete de burity, de assahy, de cupuassú, de muricy... A terra das pupunhas. E' a velha cabocla com "patton" e patichuli...

São Luiz, do Maranhão — E' a cidade presepe, lapinha de pastoras de suburbio, onde a innovação moderna procura arrumar a tortuosidade geometrica das ruas. Tudo pequeno, excepto o homem — invertendo a phrase de Euclydes da Cunha, sobre a Amazonia. E', dizem, a Athenas brasileira...

Fortaleza! — "Terra de Sol", de Gustavo Barroso! "Cidade-luz"! Eden das mulheres lindas! Terra da luz e belleza e graça! Estamos em salão onde se reune a aristocracia: princezas, grã-duquezas, duquezas, marquezas, viscondessas, condessas, baronezas, embaixatrizes, gentishomens. Ellas entreolham-se através os "lorgnons", medindo-se as extensões dos decotes, a riqueza das "toilettes", a intensidade do "rouge"... Elles lubricamente fitando pelo monoculo as carnações que florescem... O criado, em libré de gala, annuncia: "A senhora condessa de...". Todos se voltam para a porta. Entra uma bella mulher, fazendo-se notar pelo esmero do vestido de baile, com decote sem exaggero, ausencia de pintura, a enorme cabelleira negra aberta em cachos, presos sobre a testa, irradiando candura, belleza, fascinio! O vestido de linhas perfeitas, recortado á regua... Fortaleza é uma fidalga que faz inveja a muitas.

Recife — A Veneza, sem doges, nem gondolas, nem "canzioni", mas onde o Amor tem a mesma fulgurancia.

Natal — E' a menina com pretenções a moça. Quer usar combinação com calças, meias compridas e sapatos á Luiz XV...

Maceió — E moça do tempo dos alguazis, dos ouvidores, dos juizes de paz, na metamorphose para a mulher norte-americana...

São Salvador — E' o dr. J. J. Seabra. Velho, forte, serio, olhando para todos com a bondade dos que sabem ser fortes.

Victoria — E' a cidade-amphitheatro, ou melhor, certas creaturas magras, com grande desenvolvimento do collo... A' primeira vista, divulga-se tudo...

Rio de Janeiro! — A chronica já esposou a denominação de "cidade-mulher", que bem serviria a São Paulo com o seu tempo instavel. O Rio, é o Rio, unica cidade cuja personalidade se muda da Muda para Copacabana, do Meyer para o Flamengo. Tem a alma das mulheres de cada bairro, de cada suburbio, de cada ilha. Despida, como suas banhistas, em Copacabana; franca, expansiva, como a gente da Avenida... Barulhenta, como os comboios, a população do Meyer, Cascadura, Engenho de Dentro. Faladora, como os bondes, a mulher da Tijuca... Onzeneira, estreita, a alma dos moradores das ruas da Alfandega, S. Pedro, Senhor dos Passos, General Camara... Indiscreta, Gonçalves Dias, Ouvidor... Menina e moça, a Ilhôa... E, sendo a variedade o que mais agrada, o Rio é a cidade adoravel.

Nictheroy — E' a "gata-borralheira" das cidades do Brasil.

São Paulo — Tem a alma da mulher italiana, lançada no "brouhaha" novayorkino. "Ma no parlamo piú. Niente, per ché "la donna é mobile..." São Paulo é uma mulher que chora quando devia rir... e gargalha sob o crepe, enervante, da sua garôa...

Adonai de Medeiros.

CONDESCENDENCIA MATRIMONIAL — Recebeste alguma resposta do annuncio em que pedias uma esposa?
— Sim, noventa e cinco.
— E que diziam?
— Todas ellas o mesmo: "Póde o senhor dispôr da minha".

O feminismo e o problema economico

EM todos os paizes do mundo civilizado o movimento feminista tem-se a tal ponto desenvolvido que, hoje, se póde affirmar não serem mais os direitos da mulher uma simples aspiração do sexo, mas uma campanha em marcha victoriosa.

Mas, como em todas as campanhas, ha nesta os evolucionistas e os extremistas; ha os partidarios da emancipação da mulher nos limites das suas actuaes possibilidades, dentro das tradições religiosas e sociaes, e ha o que poderiamos chamar a "extrema esquerda", que pretende a mulher na plena independencia de idéas e acções, concorrendo com o homem em todos os mistéres, despojando-se das prerogativas do sexo, para a luta pela fortuna e pela gloria.

Essa especie de "maximalismo" feminista retardaria de muito a victoria da campanha; a grande maioria das mulheres aspira a uma emancipação "relativa"; querem os direitos que lhes têm sido negados, de intervir na administração publica, votando e sendo votada; querem a possibilidade de merecer cargos publicos; querem a igualdade civil e politica; mas não desejam, de fórma alguma, abdicar das prerogativas do seu sexo, masculinizando-se nas toilettes, nas attitudes, nos habitos sociaes.

E ainda bem que assim é. Fóra tirar á vida o pouco de poesia que lhe resta, fazer o nivelamento do mundo pela cóta masculina. Que seria da mulher se abandonasse o culto da elegancia e da moda, se deixasse de cuidar, com apuro e bom gosto, da belleza do seu rosto, da esbeltez do seu corpo?

O feminismo não exclue o femininismo. Ao contrario; familiarizado com os problemas concretos da vida, conhecendo como os homens as peças da formidavel machina da civilização, estará a mulher em condições de melhor prover ás necessidades do seu lar, a escolher com mais acerto os elementos de conforto e belleza que tornam um interior agradavel e desejavel.

Tambem no que respeita á sua toilette, a mulher moderna, a mulher independente está em muito melhores condições de escolher o que mais lhe convém, alliando os preceitos do bom gosto ás regras de hygiene e aos dictames da economia.

E querem ver? Consideremos

O vendedor. — Vê o senhor que apparelho admiravel? Evidentemente, qualquer idiota o faz funccionar.

apenas um ponto entre muitos; a acquisição de tecidos.

Uma senhora que acompanha a marcha do progresso, integrando-se nelle, não ignora que as fazendas cujas côres desbotam foram tingidas com anilinas communs; que essas fazendas, por melhores que sejam, são anti-economicas, porque, uma vez lavadas, perdem parte do seu colorido, ficam esmaecidas e *fanées*; a propria luz do sol é bastante para tirar-lhes a vida, o brilho, a belleza do colorido.

Ora, um vestido desbotado é, para todos os effeitos, um vestido "velho" que nenhuma senhora de bom gosto desejará usar; é, portanto, um vestido posto de lado, ou seja — dinheiro posto fóra.

O mesmo se diga com relação aos tecidos de adorno da casa: cortinas, sanefas, pannos de mesa, almofadas, etc.

Levada pelos principios de bom gosto e de economia, a mulher que conhece o valor social da elegancia e o valor economico do dinheiro não compra sinão tecidos e vestidos que tragam a marca registrada "Indanthren", porque é essa marca que designa as fazendas de côres fixas, resistentes ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens, quer se trate de fazendas de algodão, linho ou seda vegetal.

A' proporção que a mulher progride, melhor se esclarecem as suas idéas deante dos problemas praticos, como esse da côr fixa que os corantes "Indanthren" resolveram completamente.

Algumas phrases do «Diario» de Olenia

S. Paulo, 2 junho.

VI-O na cidade. Estava elegantissimo, num costume "gris" de meia estação. Os homens são como os livros. Os primeiros capitulos são, quasi sempre, interessantes...

Escreve novellas curtas. Porque si o leitor não gostar do enredo, não se zanga, por ter perdido pouco tempo...

Ama a synthese. Tanto na literatura como no amor. Assim, nunca escreve, nem diz mais asneiras do que as necessarias...

E' um homem moderno. Dynamico. Pratico.

Talvez de mais até. Não sei si todos os homens modernos são assim, mas este, para poupar esforço de memoria, durante exercicios physicos, como dançar, jogar golf, etc., escreve, antes, tudo o que terá necessidade de dizer-me depois... E quando está perto de mim, não diz nada. Em compensação, porém, tenho sempre o que ler...

---

10 junho.

Isso já é demais! Esta semana elle já escreveu dois contos, cujas personagens principaes são morenas... Arre!... Nem que fosse portuguez!...

Como é triste ter-se um namorado escriptor!

---

17 junho.

Como sou feliz por ter um namorado escriptor! A heroina de uma sua novella policial, publicada hontem, num jornal do Rio, é um plagio escandaloso da minha pessôa... Só o que me desgosta é não ter sido elle o heroe, que depois casou com a moça...

Si elle quizesse, na vida, plagiar este conto!... Mas, na realidade, os literatos são tão differentes, tão "logares-communs"...

---

20 junho.

Hontem, ouvi, indiscretamente, um dialogo que me desagradou.

"Elle" conversava com um chronista mundano, que tem uma cara horrivel e um livro de contos nas mesmas condições. De repente, o chronista perguntou:

— Que fizeste do teu automovel?

— Vendi-o.

— Por que? Precisavas de dinheiro?

— Não. Justamente porque ainda sou bastante rico. Si estivesse arruinado, não o venderia. Um auto é indispensavel a um homem que perdeu a fortuna e ainda deseja recuperál-a...

— E agora andas em carros de praça?

— Somente. Não é muito mais interessante passear com tua amante do que com tua mulher?... Pois o mesmo se dá com os automoveis: o nosso póde ser melhor, muito mais chic, mas é, sem duvida, muito melhor a gente passear, sem ter de incommodar-se com os pneus, o oleo, a gazolina e muitas outras coisas..."

---

13 julho.

Escriptor: homem que póde mentir, sem escandalizar ninguem e escandalizar todo o mundo dizendo verdades...

Brenno Silveira.

CASA DE ORATES

FUI visitar meu amigo Pafuncio Beldroegas, novellista indigena, em seu retiro solitario, uma confortavel vivenda colonial, com alpendre largo e vaccaria ao lado. Um auto-omnibus poz-me á frente da chacarinha. Mangueiras annosas ensombram aquelle recanto. Sente-se um pronunciado odor de therebentina e manacá.

Pafuncio é um typo "sui-generis", ou melhor, o mais singular philosopho jamais conhecido: propõe-se a estudar a comedia humana por intermedio de suas victimas — os anormaes ou loucos. Por haver sahido da bitola do senso commum, o pensador curiboca dedicou-se a essa especialidade, sem duvida de muito proveito para as sciencias humanas. Si bem que não andasse elle á procura de incognitas como a quadratura do circulo ou do motu continuo, defendia uma these original: a lucidez dos loucos. Parodiando Erasmo, faria um novo "Elogio da Loucura", si acaso não o tomassem por um simples doido. Pafuncio aproximou-se o mais possivel de seus typos predilectos. Ali perto está do hospicio de alienados, com sua galeria de orates em villegiatura. Já escrevera uma serie de estudos ou monographias que nada deixam a desejar aos "Contos Drolaticos" de Mestre Balzac.

— Ora, viva, Pafuncio insigne! — disse eu, entrando em sua casa. — Vamos dar á taramela dois dedos de prosa. Venho expressamente entrevistal-o sobre a obra que está executando...

— Bemvindo seja a esta casa, caro confrade! — respondeu elle, amigavelmente, erguendo os olhos de uma ruma de tiras manuscriptas. — Aqui, como vê o amigo, trabalha-se. Estou compondo a minha obra, uma galeria de typos curiosos, dentre os quaes se encontram verdadeiros genios. Estudei duzentos loucos e encontrei em todos elles evidentes signaes de genialidade. São individuos dotados de superior raciocinio e poder de abstracção e que, por motivos independentes de sua vontade, perdem o senso pratico para a vida commum e ficam inadaptados ás contingencias do mundo real, donde a sua condição de indesejaveis ideologos.

O Pafuncio falava com estranha convicção e quem o ouvisse acreditaria em suas idéas. Relanceei os olhos em meu derredor: estantes negras, atulhadas de livros. Nas lombadas, nomes de afamados neurologistas, incluindo os nossos nacionaes Austregesilo e Afranio. Decididamente, o Pafuncio levava a sério suas pesquisas em tão escabrosos assumptos, pois lidar com gente maluca não é tarefa muito agradavel.

— A' proporção que eu aprofundo o meu estudo, adquiro cada vez mais a convicção de que a sociedade actual não age como devia agir em relação a esses individuos, portadores de um exagerado pendor intellectual: uns são musicos, outros mathematicos, todos em estado latente e que jamais conseguiram desenvolver sua tendencia innata, porque o ambiente lhes foi hostil e não comportaria as suas idéas. Não é certo que as grandes invenções e os mais adeantados passos da civilização em todos os tempos foram o producto do cerebro de alguns ideologos em taes condições, isto é, verdadeiros loucos, possuidores de uma intuição maravilhosa, quasi premonitoria, e que nos respectivos meios em que viveram foram havidos como simples mentecaptos? Colombo, Rousseau, Voltaire e outros illustres lucidos não receberam esta denominação? Todos elles pensavam acima de sua época, foram superiores ao pensamento de seu seculo. Sem exagero, podemos affirmar que o mundo por elles tem sido impulsionado. *Mens agitat molem...* Elles tiveram a coragem de romper com os preconceitos do vulgo, afim de impôr seu systema de idéas novas, ainda inadaptaveis, é certo, mas perfeitamente viaveis, em futuro não muito remoto. Parece á primeira vista um contrasenso, mas é pura verdade. Si, por acaso, eu sahisse á rua dizendo isto, todos me chamariam de louco, pois que estaria defendendo uma these arrojada. Que acontece antes da revelação de uma loucura? O desabrochar de um genio. Qual a differença entre um louco e um são? E' que aquelle pensa e age de um modo, e este de outro. No fundo, uma questão de conveniencia. O mundo considera utopia tudo aquillo que está acima de seu julgamento. O bom senso é um preconceito necessario, no qual se vão bater todas as idéas novas. Quando essas idéas amadurecem, isto é, quando adquirem capacidade de adaptação á vida pratica, entram a formar fileira no rol dos preconceitos ou idéas victoriosas. O mundo ideologico é um circulo viciado, uma eterna ronda de lutas e treguas, de victorias e derrotas... O louco é simplesmente um egoista que descobriu o meio mais suave e pratico de supportar o peso da luta pela vida. O seu companheiro são, o que vive lá fóra, a lutar com a mascara da sensatez burgueza, tambem defende o ponto de vista que mais lhe convem, considerando indesejavel todo aquelle que se desvia da trilha do bom senso. Imagine-se uma coisa. Si o mundo fosse povoado exclusivamente por individuos dessa especie, quero dizer, loucos. Si acaso apparecesse um sensato, seria immediatamente recolhido ao asylo. Erasmo dizia que o mundo seria um paraiso si todos os homens fossem loucos. Não creio que assim acontecesse, mas estou certo de que o mundo actual está cheio de malucos vencedores. Lá fóra está o grosso da tropa...

Pafuncio calou-se, e, após alguns momentos de reflexão:

De Lauro R. Andrade

— São idéas originaes as minhas, não acha? Comprehende-se bem que o mundo moderno está actuado por uma loucura universal. Lá fóra está o grosso da tropa...

Olhei surpreso o meu interlocutor. Quem sabe si elle tambem não era um simples doido? Não, não podia ser. Elle morava ali, porque a casa era propria, e ha longos annos se dedicava áquelle estudo. Era um ermitão, misanthropo e calado, sempre agarrado com livros de sciencias hermeticas e psychiatria.

— O mundo está cheio de malucos. Lá fóra, na sociedade, existe o estado maior da tropa de mentecaptos. Uns bons: são os inoffensivos. Os outros, máus, respeitados, ricos, benemeritos, conselheiros... Todos elles defendidos pelas convenções sociaes. O "grand-guignol" da vida, fervilhante de fantoches, está á disposição de qualquer observador que possua a coragem de olhar a verdade sem uma peneira nos olhos. Os personagens são sempre os mesmos, travestidos de accordo com as épocas da civilização. Houve uma idéa infantil, a da mythologia; uma idade heroica, em que todos os homens eram obrigados a matar e vencer o mais fraco. Agora estamos atravessando a idade da luta velada, a época da hypocrisia. O deus moderno devia ser Janus, bifronte e cornudo... Aqui estão alguns typos da minha galeria: Anjo Gabriel. Sabe de cór a "Cidade de Deus", de Santo Agostinho, e fala italiano como gente grande. Um prodigio de memoria. Quem quizer ouvir um sermão apologetico, approxime-se delle e ouvirá uma parodia perfeita de uma catilinaria thomista. Tem idéas assombrosas sobre a "Mystica" de S. Gregorio e outros doutores da igreja. Outro, um mathematico incubado. Calcula prodigiosamente o quadrado ou o cubo de qualquer numero. Monomania numerica. Enlouqueceu porque não conseguiu concertar a taboa logarithmica do jogo do bicho... Outro, um poeta penumbrista. Diz que é Fagundes Varella. Recita trechos inteiros da "Divina Comedia" de Dante e do Alonso Marinho... Enlouqueceu porque não consentiram o seu casamento com uma prima do olho vasado, tambem maniaca...

Mais outro. Allan Kardec, o cavallo de pedra. Obsessão espirita. Já exerceu o cargo de thesoureiro de uma sociedade espirita e hoje diz que está sob a influencia de uma phalange de espiritos malignos. Adepto da quarta dimensão, já andou tambem á procura do motu continuo. Outro ainda. Um propheta moderado. Philosopho sensualista, diz que o mundo não existe, e tudo o que se vê é uma representação umbratica da ubiquidade espiritual. Escreveu, ha annos, um folheto que corre mundo: "A hypotipose do mundo" — no qual mostra haver sido precursor da theoria relativista. Esta galeria é composta de loucos officializados. A outra, de loucos authenticos, desses que a familia ignora: esta galeria ficará occulta, pois si acaso a publicasse, seria accusado por crime de calumnias. Assim é o mundo, meu caro: si, por acaso, eu tivesse a ousadia de escalpellar a miseria moral que campeia infrene por este mundo a fóra, seria considerado um louco, um Quixote ridiculo com pretenções a ser palmatoria do mundo... Portanto, limito-me a estudar as victimas da sociedade, deixando os seus algozes impunes. Os meus typos são inoffensivos, pois vivem recolhidos no hospicio; os outros, esses, sim, merecem um bisturi implacavel, de um escriptor á maneira de Balzac ou Zola... Cervantes foi injusto. O ridiculo deveria recahir sobre a rotunda pança do sordido burguez. Os Quixotes não existem mais actualmente, e si ha algum, procuremol-o entre os doidos. E quem sabe si eu já não estou com a fama de louco? Ha longos annos moro aqui perto do asylo de alienados e a convivencia mantida pela necessidade de estudál-os a fundo, fez-me adquirir uma certa estravagancia nas attitudes. Mas só podia ser assim. De medico e louco todos nós temos alguma dose, não acha?"

Pafuncio falou bastante. Estava soberbo com sua eloquente confusão mental. Raciocinava claramente em certas occasiões. Logo após, desandava em obscuras divagações. Observei o seu aspecto, os seus gestos desordenados, a sua monomania chronica, e sahi de sua casa convicto de que ali estava um dos mais curiosos personagens de romance realista...

Pafuncio era simplesmente um louco manso, mantido pela familia naquella chacara socegada, longe do bulicio da cidade e bem perto de sua verdadeira mansão — o asylo dos orates...

Em meu caminho, emquanto a viatura corria veloz através a estrada recempedrada, eu puz-me a ordenar as idéas dispersas e a concatenar o enredo de um conto drolatico, cujo personagem seria o entrevistado professor de Arronches, psychiatra nas horas vagas, o que praticava coherentemente o methodo do velho Hippocrates — *similia cum similibus curantur*...

O mundo é uma roda de compensações estravagantes: o elogio da loucura só poderá ser feito por um individuo profissional, e, neste caso, a ficção cede o logar á pura realidade, pois que o Pafuncio, o ineffavel Pafuncio, existe em toda a parte...

Uns são conscientes de sua missão, outros inconscientes, compenetrados de serem as mais sensatas creaturas do universo...

O discernimento humano é vario como o destino das coisas, e si os Pafuncios reinam em todos os cantos do planeta, é porque são uteis em sua divina loucura...

ADELIA BOMFIM (Capital) — V. ex. me faz lembrar aquillo que os francezes chamam "une femme-crampon". Agarra-se a um pobre cidadão, que nada lhe fez, nem pretende fazer, e — zás! — toma xarope de grammatiquices estereis... Mas, agora, que toda gente se prepara para seguir a simplificação orthographica? Vive v. ex. a incendiar-se de alegria, com os seus 45 janeiros — somente porque me apanhou num flagrante de ignorancia grammatical. E' que eu escrevi a conjuncção *si* com *s* e *i*, á maneira de Ruy Barbosa e de tantos outros mestres da lingua, como Julio Ribeiro, Castilho, etc.

(No seu *Diccionario*, Jayme Séguier diz: "*Si, conj.* O mesmo que *se*. (Desusado em Portugal, mas geralmente adoptada no Brasil.) Todas as grammaticas portuguezas dão *si* como conjuncção. Si ha uma forte corrente, contraria a essa graphia, a verdade é que ella é usada no Brasil.

D. Bomfim acha que sou cretino, pelo facto de escrever *si* e não *se*...

Francamente! D. Bomfim ainda se deve dar por feliz em notar que me occupo com a sua intelligencia negativa...

Mais ainda: v. ex. dá cambalhotas de gozo, lambe os dedos com satisfação gulosa, e faz mil e uma piruetas — simplesmente, porque eu, em vez de dizer: "peça-lhe analysar" ou "peça-lhe que analyse" — como os classicos portuguezes — escrevi, brasileiramente, como é uso entre nós, pelo menos na linguagem corrente: "peça para analysar".

Ridicula, idiota, mesquinha grammatiquice!

No *para*, d. Bomfim *parou* embevecida com a sua *trouvaille*, a revirar os olhos languidamente, deliciada, buscando vêr si lhe notavam as attitudes caricatas — as mesmas daquella artista comica — creio que Louise Fazenda — a qual se tornou famosa ao lado de Carlitos.

Por que esse jubilo de caricatura animada? Por isto, simplesmente: de hoje em deante, a sra. Bomfim não continuará na sua obscuridade: apparecerá, virá á tona do oceano da sua mediocridade — com o seu narigão vermelho — e toda gente dirá, ao vel-a bater palmas jubilosas: "Viva D. Bomfim! E morra o bôbo do Yves, que se vae apagar, irremissivelmente, achatado pela "professora" das Arabias!"

Quá, quá, quá, quá!

D. Bomfim, v. ex. lembra essas solteironas desilludidas de um casamento "convenable", as quaes se dão ao delicioso prazer de bisbilhotar, pelo postigo, a vida das vizinhas bonitas, que têm namorados chics e distinctos.

A solteirona, no amargor da sua melancolia, se vinga em lhes contar os vestidos, as vezes que sáem e entram; indaga quanto devem ao padeiro, ao açougueiro, e o que vão comprar nas feiras livres. A

Saibam

solteirona não procura vêr si as suas vizinhas têm admiradores, e si são dignas de admiração, si contribuem para isso. No seu despeito vesanico, ella só se preoccupa com averiguar si as meias das moças estão com uma falha, ou si se lhes rasgou uma renda da blusa. Ahi, ella exulta. Pula de contente, e, como um radio vivo, sáe a mexericar, pela vizinhança, o desastre da meia cara e o pequeno rasgão da renda vaporosa. Tudo mais a solteirona obscurece, num tacanhismo intellectual, que não exalta, não engrandece, mas arraza e destróe. E' que ella traz dentro da alma o virus terrivel de um derrotismo estreito e mesquinho.

Pezames, D. Bomfim, por essa semelhança com a solteirona irrequieta. Quanto ao resto, os seus argumentos são de uma fragilidade espantosa. Si digo que v. ex. é mediocre, — como um éco da minha voz, v. ex. repete convencida: — mediocre; si affirmo que a graphologia descobre certos signaes de chatismo, na sua letra, v. ex. replica com entono: a sua letra é que revela chatismo...

...E depois não admitte que assegure estar a sua intelligencia pelo avesso...

Santa pobreza de espirito!

Até sabbado, sim?

ARY BARBOSA DA SILVA (Capital) — Não se póde dizer, em bôa consciencia, que o sr. escreve incorrectamente. Isso não! Mas o diabo é que os seus themas são banaes. Como literatura não despertam o menor interesse. E' uma série de logares-communs.

Exemplo:

A APOTHEOSE DA PRIMAVERA

A cigarra, cujo cantico estridente não mais se ouve, ha pouco, chorando a agonia crepuscular do verão e a proxima resurreição da primavera que, então, agóra, lhe orna o tumulo de flôres, annunciava a fecundidade immensa e prodigiosa...

Pobre cigarra! Dorme o teu somno, entre o perfume suave que envolve a natureza! Pois tiveste destino mais feliz que o que têm as "rosas" de Malherbe: apenas desabrocham annualmente para desfolhar-se no mesmo instante na renuncia da gloria inattingivel...

Por fallar em perfume, lembrei-me de que o mez das flôres

todos...

não tarda a vir, os braços abertos para o céo distante, sereno...

Isso não é literatura, é thema escolar, e mediocre. Quando o sr. escrever coisa mais solida e menos *terre-à-terre*, terá o logar que pleiteia. Por ora — não.

MARY PALO (Minas) — Muito agradecido pela remessa dos quatro exemplares da revista "Cinema-Graft", de Juiz de Fóra. Como bem assignala na sua missiva, essa publicação representa um esforço digno de applausos e de maior sympathia, — dada a precariedade graphica e o ambiente em que appareceu.

A sua revista offerece uma leitura variada e preciosa, pelo seu cunho informativo.

N. VIEIRA (Pernambuco) — Primeiramente, dou aqui a sua missiva. Eil-a na integra:

"Yves: Você é um bicho madeira. Gosto de ver assim: diz tudo, responde tudo que se lhe perguntem, e anarchiza muita gente bôa, com sua satira picante e intelligente.

Eu gostaria que você me respondesse a razão de ser do *ciume das mulheres*. Aliás, isso não é para mim; pouco se me dá que ellas sejam ciumentas — sou solteiro, passadista e não tenho namorada. A resposta interessa é a uma jovem loira recem casada que se vive a roer de "cuidados" do marido e pediu-me uma explicação (se eu fosse pirata!...) dessa "coisa doida" que ella não comprehende mas que a atormenta e martyriza sobremaneira. E ella argumenta que as femeas dos outros animaes não têm ciumes.

Que me diz você com sua incyclopedia gozada?

A resposta constitue um favor a "loirinha", que de certo ficará gostando de você, e lhe escreverá um punhado de asneiras para a secção... da cesta (ia dizendo do "Saibam todos").

Adeus Yves —

Seu leitor assiduo" etc.

A resposta não será longa, como talvez espera. Será curta, como a importancia que deve ter um sentimento de ciume.

O ciume, que a mulher manifesta por nós, é ciume della mesma. Quer dizer, de tal modo ella gosta de si (nunca de nós) que não admitte possa outra mulher lhe fazer sombra... Nem mesmo em sonhos...

Dahi o motivo por que certas damas não perdoam que os maridos durmam muito, e ronquem como certos animaes. E' signal de que sonham. E, sonhando, bem podem vêr "outra", que não ellas...

DARCY (?) — Sr. poeta, o sr. é delicioso! Não precisa escrever contos nem poesias: escreva cartas como a de hoje. Basta isso.

Aqui no "Saibam todos" anda agora tudo muito triste. Crise de espirito, de talento — de uma porção de coisas necessarias a uma secção humoristica. O sr. veio solucionar o problema. A sua carta é uma prova de que pode desopilar o figado de muita gente. Por Deus, Caro Darcy, escreva cartas, cartas e só cartas. E o sr. será recompensado pelas leitoras bonitas desta pagina: será lido...

E' verdade que o sr. foi cruel: chamou-me *professor* e repetiu, d i v e r s a s vezes, "illustre sr." "Illustre sr." não sou eu — é o sr. "Darcy" — o delicioso epistolographo.

Mas não faz mal. Tenho fé em Deus que alguem ainda ha de chamar o sr. "moço intelligente". E' o que desejo.

A sua missiva é mesmo uma delicia. Leiamol-a com attenção:

"Snr. Yves. Antes que tudo peço-lhe venia para, pela segunda vez, dirigir-me ao illustre Snr. visto a minha primeira não ter tido o acolhimento que desejava e esperava ante ao seu cavalheirismo.

Notei porem, logo ao principio, quando já havia postada no correio, que me havia esquecido de pôr com as devidas exigencias o coupon que ora, devidamente préenchido, appenso. Renovo, entretanto, o pedido de sua apreciação para esta e á que me refiro; visto crer, ter com esta, satisfeito os requisitos da secção "SAIBAM TODOS".

Tomo pois, a liberdade de juntar um soneto e um pequeno conto ambos de minha lavra, para serem levados ás columnas dessa tão querida quão apreciada revista.

Não me será chocante as "pauladas" que o illustre Snr. ha de me dar por causa de meus trabalhos e muito principalmente por causa do meu soneto, porque o illustre Snr. ha se debatido incançavelmente com os "modernos poetas", e nada ha conseguido, porquanto de momento surge um.

Logo que o illustre Snr. abrir minha carta e se deparar com meu soneto dirá:

— Já appareceu mais o diabo de um poeta que só serve para azucrinar minha paciencia.

Mas paciencia, illustre professor. Não sou poeta porem meu peito vibrou um momento na ancia de fazer um soneto chamando a quem me deixou bebendo o fel amargo da saudade: partiu para voltar jamais.

(Conclue na pagina seguinte)

Agora me diga, com este ella irá para mais longe ou virá enxugar as lagrimas que meu coração ha chorado, com o calor do seu?

E, como creio que o illustre Snr. já tenha amado ou ainda ame, pergunto-lhe: por que chora o coração quando sente saudade sem que os olhos se exprimam?

Darcy"

Para mostrar que o sr. não necessita de escrever contos para maravilhar os leitores do "Saibam todos", basta este trecho do seu *O' as mulheres:*

Situada não mui longe da cidade, arrodeada de frondosas mangueiras e de jardins floridos, e bem asseiados; limpa como o firmamento nas noites de verão; como se alli zelasse as mãos carinhosas de uma mulher, estava uma casinha onde morava um joven camponez, que, desde a morte de seus progenitores já ha annos, vivia zelando o que herdara, ao lado de seus creados e de seus estimados e amestrados cães.

Não, caro poeta, si o sr. jura que é meu camarada, jure tambem que só escreverá cartas para o "Saibam todos"...

LALAIDE (S. Paulo) — Agradeço-lhe immensamente a lembrança gentil que teve de offerecer-me esses dois bellos livros: "Collar partido" de Martins Fontes e "Cartas esquecidas" de Frei Francisco da Simplicidade. E' pena que só agora tenha tido opportunidade de ler esses dois escriptores paulistas. O primeiro eu já conhecia atravez de alguns poemas esparsos, não ignorando que é um dos maiores poetas do Brasil; o segundo, porém, me era inteiramente desconhecido. Hoje, porém, me felicito por ter occasião de travar conhecimento com elle.

O principal v. ex. não me disse — que era ter ou não recebido o album que lhe enviei por intermedio de duas graciosas paulistanas que me deram a honra da sua visita.

PE' DE REVOLVER (Bahia) — Lá vem o sr. *Pé de revolver*. Cuidado! Pode ser que acabe se transformando no dito. *Seu Pé de revolver*, si o sr. é capaz de dar algum *tiro* por ahi, não me negue. Quero tomar precauções...

Vejamos a sua missiva:

"Illmo. Snr. Yves. Cordiaes Saudações. Tenho em meu poder a sua esperada resposta vinda por intermedio do "Fon-Fon n. 19, do corrente mez.

Embora a mesma não viesse ao meu gosto, não me desanimo, nem fico revoltado por o teres atirado á cesta, porem lamento a acolhida que tive, certamente, por não estar á altura de ser publicado, porque, como na materia és de facto um mestre eu me curvo reverente; mas não deixando de lhe declarar que tenho publicado aqui, nos jornaes como sejam: "O Grito", "O Liberal" e "O Tempo", sem haver rejeição dos meus humildes trabalhos pelos seus encarregados.

Juntando a presente mais duas composições da minha lavra intitulados: "Soffrimento" e Desventura" que peço a fineza de lê-los e sobre os mesmos fazer jús aos seus merecimentos.

Sem mais, aguardo a sua prompta resposta e subscrevo-me como seu

Amigo agradecido e Admirador
Em tempo: Finesa responder com o pseudonymo de *Pé de revolver*."

— Ouvi dizer que o seu marido a adora.

— Sim; e até dormindo. O coitado, porém, é tão distrahido, que muitas vezes me chama com nomes differentes...

Agora, leiamos a *belleza* do seu soneto:

DESVENTURA

Cançado de viver tão negra vida
Perdida já do amor, que crueldade!
Sorte mesquinha dura e tão sor[dida]
Me persegue o viver com impie[dade]

Meu coração tão ermo de amisa[de]
E' o jazigo de uma alma dolorida;
Nem lhe resta o balsamo da sau[dade]
Agro-doce lembrança tão querida!

Que espero mais de meu cruel des-
[tino
Soffrimentos! miseria! des-
[espero!...
Tendo a mente dorida em desa-
[tino!

Assim tão dura e negra é a minha
[sorte
Deste ingrato viver já nada espero
Peço que venha libertar-me a
[morte

Francamente, Pó de revolver. Quando um poeta não chega a ser nem coronha, o mais acertado é disparar... para o "outro mundo." E é bom que não fique nem fumaça desse tiro... Porque é sabido que de cinzas a Phenix resurgiu. E ha Pés de revolver que podem reapparecer como a ave fabulosa. E que medo, caro poeta, o sr. me faria!

A esposa — Tira-me o retrato, Jorge.

O marido — Sim; cheguemos, porém, um pouco mais para perto daquelle moinho: assim a photographia apresentará alguma coisa interessante...

Agora tome um conselho — que não é do Accacio: substitua aquella rima *sórdida*. Ella é mesmo *sórdida*. Mas o sr. quer tornal-a *sordida*, com o accento tonico no i. De uma palavra proparoxytona quer o sr. fazer uma paroxytona. Não é possivel! E olhe lá: si o sr. tem mesmo o desejo de morrer, conforme declara na chave do seu soneto, é bem de vêr que a sua idéa não chega a rezar nem mesmo um Padre-nosso pela sua alma...

E' bom, portanto, o sr. retirar aquella rima *sórdida*...

MISS ATLANTICO (Capital) — Infelizmente, não lhe posso dar nesta secção a resposta que me pede.

Direi, no emtanto: "Miss Atlantico", o que deseja é divertir-se á minha custa... Dahi a razão que ha para a sua pergunta...

JORNADA SENTIMENTAL — Versos de *Lyse Dorison* — E' curioso notar a fertilidade literaria da mulher brasileira, nestes ultimos tempos. Já se póde mesmo ter o grande receio de que ella acabe superando o homem, neste dominio de actividade mental.

Porque si formos confrontar a arte dos nossos homens de letras com a das intellectuaes que surgem, diariamente, veremos que esse confronto deixará em plano inferior os primeiros.

Para não citar os nomes consagrados no scenario da intellectualidade feminina, alludirei, tão somente, aos mais novos, isto é, os que nos chegam dos Estados e vão apparecendo, dia a dia, na capital da Republica.

Do Ceará nos veiu, recentemente, essa formidavel mentalidade de escriptora que é Raquel Queiroz, com o seu grande romance O Quinze. O Pará possue Juanita Machado e Eneida Moraes. Pernambuco conta, entre os nomes illustres femininos, o da suave poetisa Beatriz Ferreira, o de Heloiza Chagas e, segundo me informa Stenio de Sá — a sra. Ilda Souto Uchôa, de quem nada conheço, aliás. O Rio Grande do Norte nos dá Palmyra Wanderley, com a sua *Roseira Brava*. No Rio temos Dilke Barbosa Rodrigues e a scintillante e original Conchit Cid. Maura Senna Pereira, em Santa Catharina, é um nome festejado. O Paraná tem Didi Caillet, — culta e formosa. S. Paulo, além de Colombina, nos revela agora Lyse Dorison.

Lyse Dorison apparece, não como uma incipiente, mas como uma artista que sabe modelar os seus poemas com esmeros de filigranista subtil. Sente-se que não é uma displicente, que faça versos como faria *crochet* ou serziria meias, nas suas horas vagas. Ella escreve por uma questão de temperamento, por uma necessidade psychica. Dahi o motivo por que as composições do seu livro reflectem, no seu conjuncto, uma sensibilidade fina e deixam rescender um doce perfume de lyrismo.

Vejamos, para exemplo, estas quadrinhas — genero difficilimo, no qual raros poetas sobresáem...

Você me diz, e suspira
que se rala de saudade;
você diz tanta mentira
que até parece verdade.

(Conclue na pag. seguinte)

De você tenho saudade,
e o meu coração padece.
Mas quem amou de verdade,
não perdôa e não esquece.

Sou borboleta em adejos
de uma flor para outra flor.
Aqui, vou colhendo beijos,
e lá — vou colhendo amor.

Em summa, o livro de Lyse Dorison é um desses poemas que se se lêm com interesse crescente.

MARGARIDA — (S. Paulo) — A sua cartinha não deixa de interessar ao "Saibam todos"... Eis porque me deu ao grato prazer de transcrevel-a na integra.

Leiamol-a:

"Snr. Yves. Pela segunda vez, escrevo ao Snr. animada com o sorriso que me acolheu, quando lhe escrevi, pedindo a sua opinião sobre os versos de uma Djénane...

Já faz isso, algum tempo e certamente o Snr. não se lembra mais da Margarida que, entretanto, não se esqueceu do Snr. nem das palavras amigas, com que, generosamente, respondeu sua carta... E' tão raro, encontrar-se uma creatura que não nos magoe ou que nos sorria sem interesse...

Creia, Snr. Yves, a sua resposta foi muita cousa para mim e quero que acredite — as suas palavras estão mais no meu coração do que na minha memoria...

Devia, ha mais tempo, ter agradecido a sua gentileza... O Snr. não percebeu a minha falta, nem podia mesmo perceber a indelicadeza de uma mulher desconhecida e indifferente... Mesmo assim, peço-lhe perdão...

Volto hoje a lhe escrever, pedindo outro grande favor: Poderia escrever alguma cousa sobre a renuncia?

Não sei porque, coleciono, ha muito tempo, o que os nossos melhores poetas e prosadores têm escripto sobre essa malvada imposição da vida que nos faz estagnar numa resignação quasi miseravel...

Falta-me o seu sentir sobre essa mentirosa promessa de felicidade...

Desta vez, com certeza, o Snr. não me acolherá sorrindo... Se assim for, queira me perdoar e me esquecer mais uma vez... — *Margarida*".

Renuncia...

Para mim, a renuncia não é mais do que uma attitude literaria. Não creio em renuncia.

Renunciar é collocar os proprios interesses abaixo das conveniencias de outrem. E eu considero a alma humana muito egoista — maximé neste seculo — para que possa ter desses desprendimentos.

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Nietzsche define a renuncia como um gesto de covardia. E realmente assim deve ser encarada. Quem renuncia, denota ser infenso á luta, ou não possuir energia para isso. E si, nesse caso, a renuncia tem logar, é signal de que não foi ditada por um sentimento espontaneo.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2 - 4136

FON-FON — 4-7-931

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

AS DOENÇAS CHRONICAS DA DIGESTÃO

Assim, ella implica fraqueza — que é uma forma da resignação, do conformismo, em face de uma situação que se nos depara como um desafio á luta.

Só desse modo é que a renuncia se explica. E quando alguem renunciar a um bem por um sentimento de altruismo, esse alguem é duplamente covarde. Primeiro, por não ter o heroismo de confessar a sua fraqueza; depois, porque intimamente não se conforma a imposição que o forçou a assumir a sua attitude de renuncia.

Em "La Sagesse et la Destinée", Maeterlinck deixou este pensamento profundo: "Le but suprême de la sagesse est tout juste de trouver le point fixe du bonheur dans la vie; mais chercher ce point fixe dans le renoncement et l'adieu á la joie, c'est l'aller chercher assez sottement dans la mort".

Lindo e certo. Não é? A vida não é feita de renuncia, mas de aspirações e desejos de vencer, de triumphar, de conquistar victorias.

E no amor? perguntará. No amor, a renuncia é uma estupidez. A's vezes, é vingança.

Li certa vez, não sei si em D'Annunzio, em Anatole France ou Bourget, qualquer coisa que se resume nisto: Um homem era noivo de uma creatura leviana. Um dia elle sabe que é traido por ella com um amigo delle. Desesperado de paixão, declara a sua *renuncia* ao amor da sua dama e, mais tarde, não se conformando com a ingratidão que soffrera, morre prosaicamente de dôr.

Mas toda vez que os dois namorados se procuram beijar, eis que o fantasma do traido lhes apparece, como no *Hamlet*, e os atemoriza: "Eu prohibo, em nome de um morto, que vos ameis!"

E elles nunca puderam ser felizes:

Era a vingança da renuncia forçada.

Não acredito em espectros, mas admitto que tudo isso se dê — no dia em que se renunciar ao amor por amor de alguem...

J. CARMIN (?) — Não servem os seus versos, poeta.

DE LAYES (?) — Sim. O seu poema é bonito. Será publicado. Espere a sua vez.

RIBEIRO PONTES (Santa Catharina) — A sua collaboração será aproveitada. Entreguei-a ao secretario — com as minhas recommendações.

Yves

O VESTIDO SEMPRE NOVO

— Lindo esse seu novo vestido!

— Este meu novo vestido tem já tres mezes de uso...

— É possivel?

— Sim; mas explica-se: elle conserva toda essa frescura de colorido, todo esse aspecto de "novinho em folha", porque é de fazenda tinta com os corantes

— É admiravel!

— É, sobretudo, elegante e economico. Os corantes "Indanthren" são insuperados em resistencia ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.

Verifique ao comprar fazendas e fios se trazem a etiqueta registrada.

"Unidos para sempre, até a morte os separar."

É este o caracter dos laços matrimoniaes no Brasil, onde uma alta moral religiosa tem protegido a sociedade contra as investidas vãs do divorcio, planta damninha que não póde medrar em terra christã como a nossa.

É em tal base de *união até morte* que se fundam os lares brasileiros, cujo caracteristico é o espirito tutelar da esposa, guarda vigilante e incondicional da familia.

Mas para que a joven esposa possa arcar desde o inicio da vida conjugal com suas responsabilidades de zeladora do lar, é preciso que saiba defender a propria saude, contra os males periodicos a que está exposta todos os mezes. Para isto basta ter sempre na lembrança que para os *Incommodos de Senhoras* nada ha que se compare ao infallivel remedio

A Saude da Mulher

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 27

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1931

OS SANTOS DA MINHA INFANCIA

Agora, que já passaram os rumorosos e tradicionaes festejos de Santo Antonio, São João e São Pedro, e já vão longe os écos das ultimas bombas e as luzes dos ultimos balões de junho se perdem na distancia dos espaços, eu vos posso dizer porque entristeço quando chega o mez das fogueiras e das sortes e não acompanho a alegria inquieta dos que celebram as suas noites gloriosas.

Santo Antonio chegou este anno em um sabbado de sol, e teve homenagens excepcionaes por motivo de seu setimo centenario. Fogueiras no campo. Festas nos salões, com discursos e musica. São João veiu numa quarta-feira cinzenta, e assistiu, mesmo assim, á vertigem luminosa dos seus balões de todos os annos e de todos os tamanhos. Balões de papel, que subiam, subiam, para cahir no mar ou dentro de algum quintal de pobre, como um consolo a quem não póde soltar balão... E a criançada, na rua, aos gritos, procurando *tascál-os*... Mas quanto balão, queimando-se no ar, queimava as esperanças dos garotos que desejavam possuil-o!... A mesma eterna philosophia da vida. O mesmo symbolo eterno...

São Pedro, padroeiro dos pescadores, discipulo amado de Christo, apostolo da virtude, porteiro do céo — São Pedro foi festejado numa segunda-feira fria como as aguas que elle atravessou em companhia de seu divino Mestre. Seu dia teve esplendores lyricos da poesia. Foi um dia luminosamente alegre. Repetiram-se as fogueiras de Santo Antonio e os balões de São João. As mesmas honras. O mesmo enthusiasmo infantil dos pequenos soltadores de bombas. A mesma poesia dos estoiros...

Santo Antonio, São João e São Pedro... Estamos em julho, e ainda envolve a cidade o halo espiritual desses tres principes do céo, que uma vez por anno descem do seu reino e vêm ouvir o espocar das bombas e ver, da terra, a ascensão dos balões que não chegam á metade do caminho do infinito... Felizmente, junho passou. Felizmente para mim, que me tomo de melancolia sempre que vejo a garotada do meu bairro correr atraz de um balão ou soltar uma bomba para festejar os santos da minha infancia. Quanta vez eu tambem corri, no meu sertão distante, em busca de balões que os outros meninos soltavam! Quanta vez, perto da fogueira que ardia no terreiro da fazenda de meu pae, de tição em punho, alegremente, ingenuamente, sem pensar na vida nem no dia de amanhã, queimei, em louvor de Santo Antonio, de São João e de São Pedro, todas as *bichas* e todas as bombas que podia! Naquelle tempo, que nunca mais ha de voltar, eu sabia gritar, satisfeito e feliz, como as crianças do meu bairro, nas noites festivas de junho. Minha ventura, então, se resumia num pouco de liberdade para soltar, á noite, os balões e as bombas que, de dia, ganhava de meus paes... E era bem mais feliz do que hoje, que só tenho o consolo estéril de recordar...

Por isso mesmo é que entristeço quando chega o mez de junho...

MARTINS CAPISTRANO

Garça Morena

SEVERINO SILVA

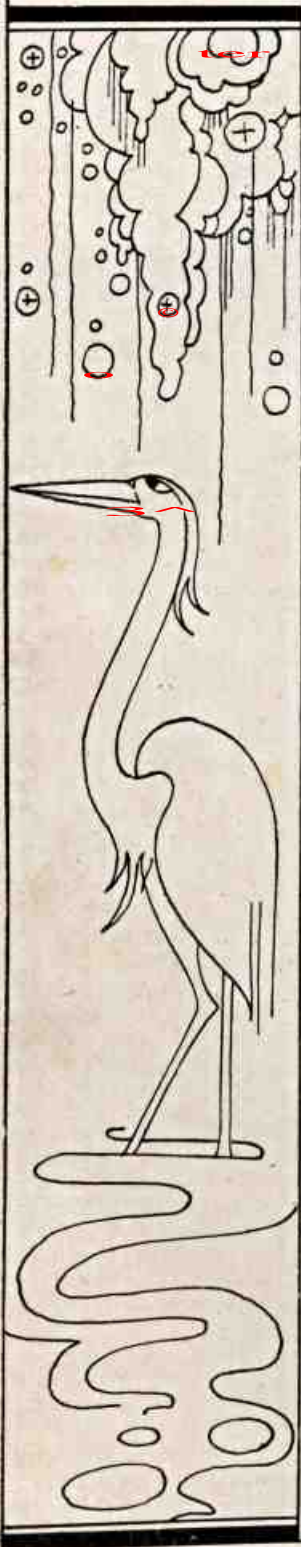
Bemdigo a Deus e á Natureza,
por te encontrar no meu caminho,
Garça Morena,
— rosa cheirosa e sem espinho,
fructo encantado de belleza!

O meu olhar flammeja, a minha alma delira,
ao ver-te assim flexivel, e pequena,
e boa, nesta vida má, Garça Morena.
No teu olhar revelas
maciezas de luar, turbilhão de procellas,
a candura evangelica e a mentira.

Na tua voz rumorejas
a popular quentura das cantigas,
que os simples cantam, quando estão contentes,
e a dolencia dos orgãos nas egrejas.
Cantas vindimas de uvas e de espigas,
gemes o cantochão funerario dos doentes.

No alto das arvores abrigadoras,
a tua irmã — de azas morenas e douradas,
alonga o olhar, contempla, sonha... E vôa...
Na ansiedade das azas insoffridas,
vôa sobre aguas mansas e sobre aguas rugidoras,
— sobre igapós, igarapés, angras, enseadas
e sobre a agua da lagôa,
recortada de ilhas verdes e floridas.

Na tua pupilla inflammada de trevas
brilha
toda a alegria das nossas manhãs.
E no teu corpo, e na tua alma levas
cheiros de cumarú e de baunilha,
mysterios de Yaras e muirakitans.

Garça Morena, tem pena
do Visionario a quem duramente castigas!
Tu, que vôas sobre o rio crystallino
e tambem vôas sobre o lodo,
tem pena de mim, Garça Morena!
Conta-me historias de fadas, minhas dôres asserena,
embala-me ao compasso daquellas canções antigas,
que me faziam dormir nos meus dias de menino!
E abriga-me todo, e envolve-me todo
na tua belleza de Garça Morena,
na tua pureza de Garça Morena,
na tua molleza, na tua candura de Garça Morena.

F A I A N Ç A S

TYPOS CURIOSOS

GOSTARIA de vêr o estudo que o grande Freud faria de certos typos que frequentam redacções.

Seria interessante a sua psychologia, ou antes, a sua psychanalyse.

Pitigrilli nos descreve, no seu romance *Cocaina*, aquelle irrequieto sujeito, que póde ser tido como classico, no dominio dos typos de redacção. E' "I'uomo-che-no-si-sa-che-sia".

O homem-que-não-se-sabe-quem-seja é aquelle que entra num jornal e estabelece intimidade com todos.

Conversa. Brinca. Discute. Pede favores. Amola. E vae-se embora, com espalhafato.

Quando sáe, todos os presentes indagam:

— Mas, quem é esse cavalheiro?

Ninguem sabe quem é.

A meu vêr, os individuos que frequentam redacções de jornaes se dividem em duas categorias distinctas: os desejáveis e os indesejáveis.

Os primeiros são os bons camaradas, que só nos dão noticias agradaveis. A sua palestra é interessante, é vivida, é proveitosa. Sempre se ganha com elles.

Dizemos:

— X... demora um pouco mais. E' tão cedo...

E elle:

— Não quero roubar-lhes tempo. Vocês têm o que fazer. Atrapalho o serviço.

E aponta o cartaz da redacção, onde se lê: "Seja breve"!

E quando sáe, ou nos deixa um convite para uma festa qualquer, um presente, uma lembrança amavel, ou nos pede um retrato para um artigo sobre a nossa pessôa. E' prestimoso.

Os indesejaveis são cavalheiros insistentes, exuberantes, mediocres, cacetes, afinal.

Dizem sempre:

— Sabe? O outro dia estava eu numa roda e ouvi falar mal de você. Cortaramlhe a pelle sem compaixão...

— Que me diz?

— E' verdade. Gente torpe.

Então, o indesejavel começa a dizer de nós o que pretendia dizer. Fala, porém, em nome da personagem imaginaria.

Geralmente, o indesejavel é um cavalheiro cynico. Traz-nos versos, prosa; em summa, a sua collaboração. Si não é attendido, não se pense que elle desanima: volta á carga com um impeto ainda mais violento.

UMA JOVEN POETISA

Lys Dorison é o pseudonymo da senhorita Lyse Schloenbach Blumenschein, filha da illustre poetisa Colombina. Mas é pena. O pseudonymo esconde uma personalidade artistica, em geral, que não assume, em publico, a responsabilidade do seu labor intellectual. A senhorita Lyse Blumenchein não tem, no emtanto, razão para isso. Devia ter assignado o seu formoso poema «Jornada Sentimental» com o seu verdadeiro nome. Porque o seu livro de estréa, que nos vem de São Paulo, terra da poetisa, é um relicário de beleza, onde vibram e cantam, numa symphonia de arte e sentimento, os rythmos emocionaes de sua alma de mulher. A senhorita Lyse Schloenbach Blumenschein é ainda muito joven. Por isso mesmo, sua «Jornada Sentimental» reflecte todos os anseios e inquietações de um espirito de verdadeira artista, dona de um talento scintillante e de uma sensibilidade luminosa.

Para elle, ninguem tem talento. Ninguem sabe escrever. E todos têm inveja dos seus meritos. Sempre se expressa na 1.ª pessôa: *eu*, porque *eu*... Sempre o seu *eu* está á vanguarda de tudo.

O indesejavel bisbilhoteia o que escrevemos. Fala ao telephone, interrompendo o serviço da casa. E si lê o cartaz que diz: "Seja breve", dá de hombros, e conclúe com desfaçatez irritante: "Isso não se entende commigo."

E' claro que, por educação, não se lhe vae dizer ao contrario...

O indesejavel é uma creatura ridicula. Deploravel. Digna de bengaladas valentes.

Cabotino, só tem uma preoccupação dominante: açambarcar as paginas do jornal. Quer photographias com legendas bonitas, feitas por elle mesmo; pede noticias para os amigos, afim de patentear importancia. E, não satisfeito com isso, quando fala de artes ou de letras, ou do proprio jornalismo, usa de expressões como esta: "Eu e os meus confrades..."

O indesejavel fica radiante quando morre um sujeito il-

(*Conclúe na pag.* 27)

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Passar recibo...

UM escriptor ou um poeta — não me lembro qual — disse da infancia que é uma phase sem piedade. E' é certo mesmo que as crianças, na sua inconsciencia, praticam pequenas perversidades inuteis.

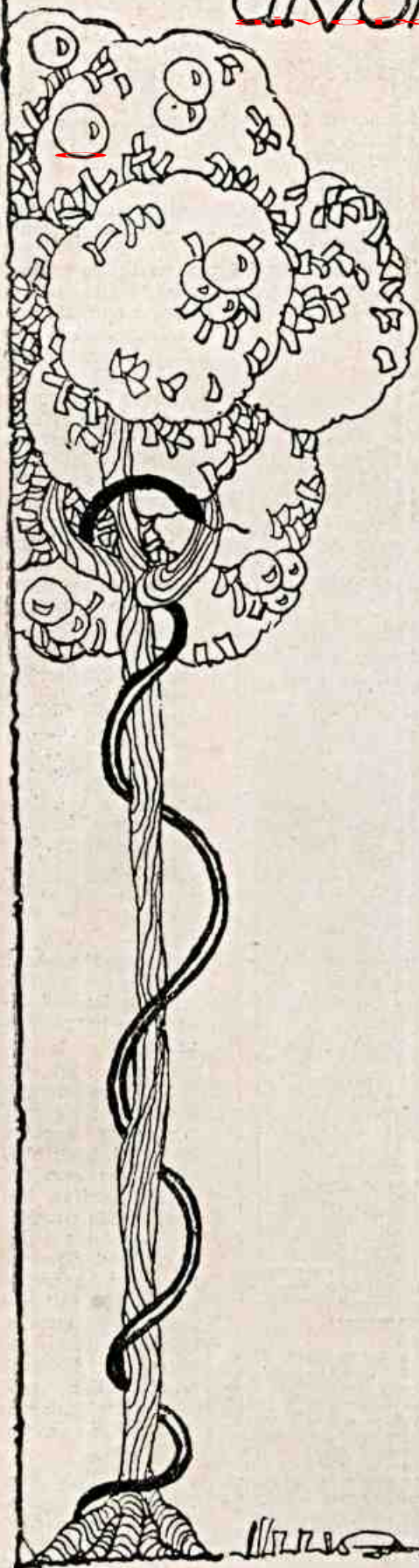
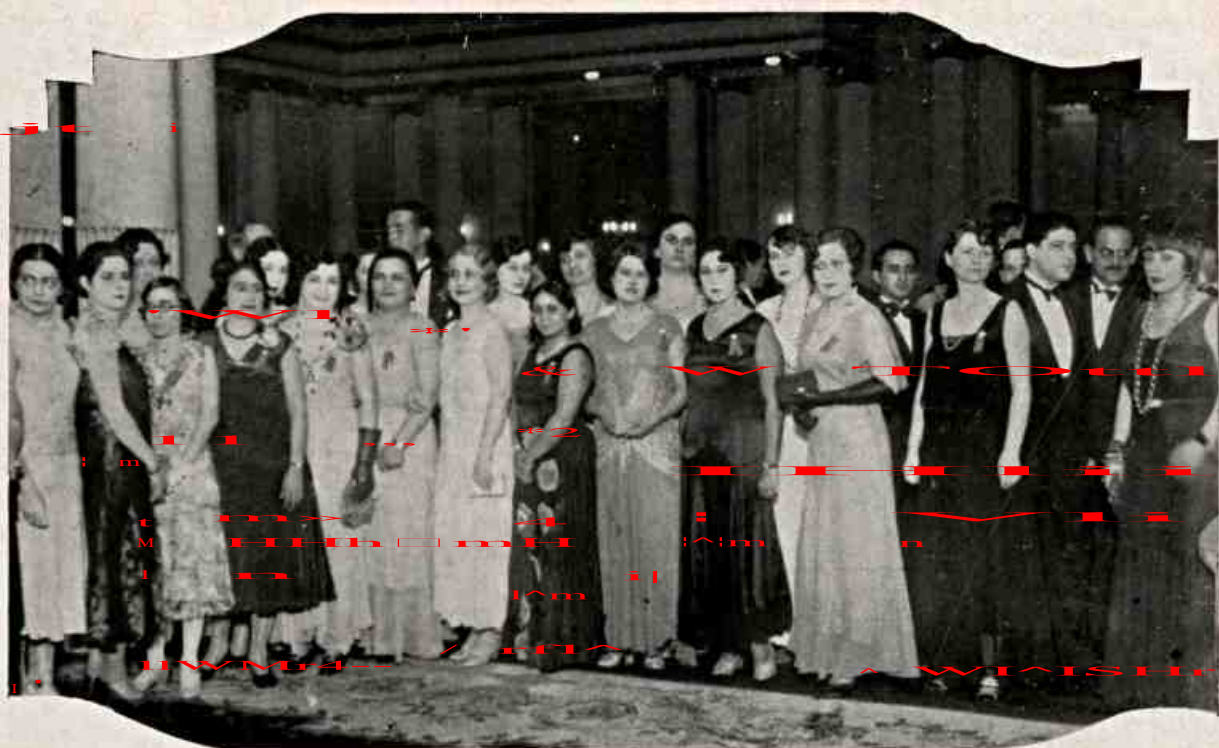
Uma dellas é amarrar uma lata ao rabo dos cães vagabundos, para vêl-os correr como malucos, arrastando por páus e pedras aquelle appendice barulhento.

Eu nunca fiz isso, quando menino, porque sempre fui amigo dos animaes; mas confesso que o tenho feito na idade madura, não com elles, que continúo a prezar, e sim com alguns bipedes que desprezo. E' um divertimento como qualquer outro...

Tiro-me, ás vezes, dos meus cuidados e por esta pagina, sem endereço, preparo uma lata á ponta dum barbante resistente. O mais curioso é que o proprio cadello humano a toma e com suas proprias mãos a prende á cauda, sahindo aos pinotes pelas columnas de qualquer jornal longinquo...

E eu, ao vêr-lhe os pulos e correrias, a espuma que pinga das commissuras, a ouvir-lhe o ranger dos dentes, os ladridos de insulto, o cainçar de furia e dôr, rio-me ás bandeiras despregadas no alto da torre de marfim do meu silencio, onde não chegam os salpicos da sua baba peçonhenta e onde não me attingem os seus saltos de hydrophobia...

De palanque, divirto-me com a raiva canina do pobre zoilo. Pois, em verdade, não ha maior falta de espirito e de intelligencia do que enterrar até ás vastas orelhas a carapuça que se atirou a êsmo, do que passar recibo á provocação maldosa, que é como o carrapicho que se põe sob a cauda do jumento para elle espinotear e quebrar as panellas de barro que leva para a feira...

Assim, se me imitam em tanta coisa, por que não me copiam no empenho que guardo de jamais passar recibo?

O Automovel Club do Brasil offereceu, no ultimo sabbado, uma brilhante festa ás delegadas do Segundo Congresso Internacional Feminista, que se realiza nesta capital. Constou a reunião, que decorreu lindamente animada, de duas partes: uma artistica e outra dançante. Encarregou-se da organização da hora de arte a illustre poetisa e escriptora sra. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, que soube, com o seu espirito fidalgo e o seu alto prestigio social, apresentar um programma digno da fina assistencia que enchia o luxuoso salão do Automovel Club. A parte dançante foi organizada pelo dr. Nelson Pinto, director-secretario do Automovel Club, e que é o grande animador das reuniões daquelle aristocratico «cercle».

FAIANÇAS

(Conclusão)

lustre. Sabem por que? Porque tem ensejo de apparecer, discursando no cemiterio, e vendo depois o necrologio publicado, ou o seu soneto dedicado á memoria do "inditoso Fulano"...

E' por isso que não frequento redacções. A não ser esta — de que sou modesto redactor...

Yves

COCAINA

Para que conquistar a mulher, quando podemos tomál-a de assalto?...

* * *

O amor é um só. Nós é que delle nos servimos de diversos modos...

Marion.

Aspecto da sessão solemne de Paz e Relações Internacionaes do Segundo Congresso Feminista, realizada sexta-feira penultima, na embaixada dos Estados Unidos.

Balcão Florido

OS DESENCANTOS DA ILLUSÃO

MINHA *princezinha distante* — Quando pego da penna para lhe escrever esta carta, tenho a alma e o coração dominados por um profundo desencantamento. E, numa ansia louca, trabalhado, dolorosamente, pela minha inquietação interior, é que busco alheiar-me e de todo fugir ao gritante *brouhaha* da civilização — desta brutal e arrogante civilização que vem enchendo a vida de desencanto, matando a illusão, e, portanto, mutilando cada vez mais o homem na essencia mesma da sua humanidade. Porque, minha suave e meiga "Cendrillon", nunca será a materia, nunca será a monotonia estupida da realidade núa e crúa que emprestará á vida a sua maior e verdadeira expressão. Essa expressão do finito a perder-se no infinito, do transitorio a reviver e perpetuar-se no eterno...

E, em vão, o espirito humano, pela sciencia, pelas especulações torturantes do pensamento, buscará apprehender, nas suas fontes originarias e primitivas, o mysterio impenetravel da vida. Porque, como disse um philosopho — *au bout de la pensée se pose la pensée qui supprime la pensée*. E que é Deus, minha princezinha distante. Deus que traz guardada a essencia das coisas na caixinha de surpresas e de maravilhas com que, de quando em quando, se diverte a fazer *blagues* deliciosas á custa da velleidade dos homens, que Elle creou á sua imagem e semelhança, modelando-os no limo malleavel, apenas tocado de um rapido e quente sôpro da sua divindade.

Que importa que o homem — na phrase de Napoleão — seja *une machine à vivre*, se o simples conhecimento desse complicado e perfeito mecanismo de vida não lhe dá a conhecer a essencia mesma do insondavel mysterio que o condiciona?

Ha e haverá sempre um systema de illusões e de verdades, primarias, condicionando a vida, que elle nunca comprehenderá, conseguindo, quando muito, pela duvida, deturpal-as ou mutilal-as na sua essencia. E essas verdades e essas illusões antes as adivinha e sente o coração do que a razão, como disse Pascal ao sentenciar que *c'est le coeur qui sent Dieu et non la raison*. E, *toute force de*

(*Conclúe na pag. seguinte*)

SOCIEDADE

Senhora Bertha Pinto de Moraes, figura de realce da «élite» social carioca e um espirito primorosamente dotado. Ao seu «Album» pertence aquelle hymno a Sergipe, de Hermes Fontes, que FON-FON publicou recentemente e que foi escripto para ser interpretado pela arte pessoal e encantadora da distincta senhora Pinto de Moraes.

Foi com uma sessão magna, seguida de baile, a que compareceu, acompanhado da exma. senhora Getulio Vargas, o chefe do governo provisorio, que o Club Militar festejou, na penultima sexta-feira, o anniversario de sua fundação e a posse de sua nova directoria.

BALCÃO FLORIDO

(Conclusão)

notre cerveau qui n'est pas immédiatement recueillie dans les vases les plus purs de notre coeur, risque fort de se corrompre et se perd — affirmava Maeterlink.

E' o que estão fazendo os homens, agora, minha Gatinha Borralheira, querendo acabar de vez, numa obra impiedosa de iconoclastas de toda suave e confortadora illusão, com os borralhos agazalhadores e os mysteriosos e deslumbrantes palacios de vidro onde a nossa phantasia e o nosso sonho sempre fizeram viver as "Cendrillons" e as princezinhas encantadas de todos os tempos!

Veja o sacrilegio humano a que ponto vae chegando, transformando em estupida realidade o que fez o encanto e a maravilhosa delicia dos olhos deslumbrados de gerações e gerações de creanças! Leia este recorte de jornal e pasme, como eu, que, afflicto, confugi, agora, para o sortilegio verde da miragem longinqua de onde nunca a desencantarei para sempre ter o suave encanto da sua suave illusão:

"Paris, 26 (U. T. B.) — A primeira casa de vidro a ser utilizada como habitação de familia acaba de ser construida aqui e os seus proprios habitantes poderão atirar-lhe pedras á vontade, sem perigo de quebrar os seus telhados..."

É horrivel, isso, não é?

Mas você, minha princezinha distante, fique tranquilla, inteiramente tranquilla, porque no palacio de sonho do meu coração sempre haverá uma illusão para eternizar a sua encantadora e resplendente figurinha de sortilegio.

Até breve.

HELIANTHO

A nossa formosa patricia senhorita Yolanda Pereira — «Miss Universo» — visitou, ha dias, o Campo dos Affonsos, e, a convite do major commandante Plinio de Oliveira, fez um vôo no apparelho pilotado pelo capitão Carlos Brasil. Na gravura acima, a senhorita Yolanda Pereira apparece em companhia desses dois distinctos officiaes e de outros militares e civis que, na occasião, se achavam presentes no aerodromo do Exercito.

Iolette, interessante filhinha do sr. João da Costa Marques, gerente do Banco do Brasil em Ponta-Porã, Matto Grosso.

O conhecido cavalheiro, vastamente relacionado na alta sociedade, entregou-se a um *sport* perigoso. Para rapazes solteiros, o caso teria explicação; entretanto, em se tratando de pessôa casada, o facto dá margem a conjecturas, as mais estravagantes.

Não atinamos por que o nosso herôe está atacado da mania de se exhibir nos theatros, acompanhado de uma garota interessante, porém solteira.

E' verdade que elle tenta occultar-se do publico, ficando sempre ao fundo de um camarote. Mas, como a garota é travessa e quasi sempre distribue sorrisos para pontos differentes da platéa, os circumstantes curiosos procuram descobrir a figura decorativa de fundo de camarote, resultando o espanto de todos quando verificam de quem se trata...

Um homem casado e uma garota solteira, em excursões repetidas pelos theatros, em passeios de automovel pela cidade, podem constituir um caso *innocente*, mas dá o que falar...

O cavalheiro tem uma esposa muito complacente, que lhe dá liberdade plena. Vae dahi...

COM o inverno, as praias ficam desertas. Não só o mar, nas suas continuas ressacas, não offerece o attractivo dos banhos, mas tambem a brisa, por vezes forte, afugenta os vadios amantes das prolongadas sestas sobre a areia fulva das praias...

Por isso, os raros banhistas que apparecem nas praias, para não tomar banho, são olhados com surpresa e examinados com curiosidade.

Que fazem?! Ora... é tão facil adivinhar! *Flirtam*, aproveitando, talvez, a unica opportunidade que lhes facultam paes severos, maridos zelosos, e até mesmo esposas ciumentas... Porque, pela manhã, é facil arranjar pretextos para respirar o ar das praias, que faz muito bem á saude. Mas, quando não é regulado esse passeio hygienico, quando o abuso substitue a prudencia, tão sábia em todos os movimentos da nossa vida, é certo advir um desastre qualquer...

E' o que esperamos aconteça com o casal galante, que pontualmente comparece á mais aristocratica das nossas praias, para o gozo da troca de amabilidades que ficariam melhor entre as quatro paredes de um quarto discreto... Elle, moreno, ella, loira — a attracção dos contrastes — apparecem relativamente cedo e esticam o *tête-a-tête* o mais que podem. Aquelles que passam no omnibus, para o trabalho, já sabem onde se encontra o casal galante, e pesquisam com o olhar para ver se lobrigam algo de extraordinario. Mas, a *sombrinha* atrapalha a curiosidade alheia...

O que póde resultar ao destemido casal é uma pneumonia. As manhãs estão frias e nas praias o vento fustiga a pelle, provocando ligeiros arrepios. Convem não insistir na imprudencia, pois as pneumonias são quasi sempre mortaes...

Chinita Ullman, a festejada artista choreographica que, ao lado de Carletto Thieben, outro grande artista da mesma arte, se apresentará hoje ao nosso publico, no theatro Municipal. As danças expressionistas de Chinita Ullman, no dizer dos criticos europeus, são vigorosas, apaixonadas, em rythmos admiraveis. A «Fantasia Persa», por exemplo, em que Chinita Ullman tem tanto realce, impressiona pelo caracteristico e expressivo jogo de suas mãos e corpo. A «Dança do Passaro» assemelha-se á de um duende estranho e irrequieto, em voltas e saltos inauditos. Não menos interessantes são as creações de Carletto Thieben, o afamado primeiro bailarino do Scala, de Milão, sanguinario e aterrorizante nas «quatro variações guerreiras» de Poldowski, leve e alegre na «Arlechinata» e estravagante e amalucado no «Re Clown». Esses dois artistas offerecerão uma curta temporada de danças classicas expressionistas no nosso primeiro theatro, sob os auspicios da empresa Piergili. Nota-se desde já a mais intensa curiosidade por esses espectaculos, que, certamente, levarão todo o Rio ao Municipal.

VIMOL-O o outro dia, de mão no queixo, olhar vago, atacado, certamente, da molestia que a politica chamou de *saudosismo*.

Acostumado a receber uma subvenção mensal do Thesouro, sob o titulo de subsidio, trepado ás costas largas do povo, perdeu o gosto para o trabalho.

Assignava a lista de presença, tomava um café, perguntava ao *leader* si tinha *ordens* a dar, e havia cumprido o seu alto dever civico de pae da patria!

Depois, uma fuga até a Avenida, uma sessão de cinema e um passeio ás proximidades do Flamengo, onde existia uma gaiola doirada com um lindo canario belga...

Como isso tudo era agradavel para quem só procurava a provincia e os eleitores nas vesperas das eleições, e como tudo acabou num abrir e fechar de olhos, tal qual os passes de magica!

O canario belga fugiu da gaiola, o subsidio acabou, desappareceu, e elle, que havia perdido o habito de trabalhar, anda por ahi de mão no queixo, olhar vago, e, si não tomar cuidado, acabará os seus dias falando sozinho...

E isso será coisa de se lastimar, um individuo andar por ahi a falar sozinho, quando, durante annos seguidos, se conservou mudo, sem coragem de pronunciar siquer o classico *apoiado*, lá pelas alturas do Parlamento.

Mas não desespere o illustre mancebo.

O *saudosismo*, como todas as molestias, deve ser curavel...

Ha de ser descoberto um remedio para o caso.

O que é preciso é ter paciencia...

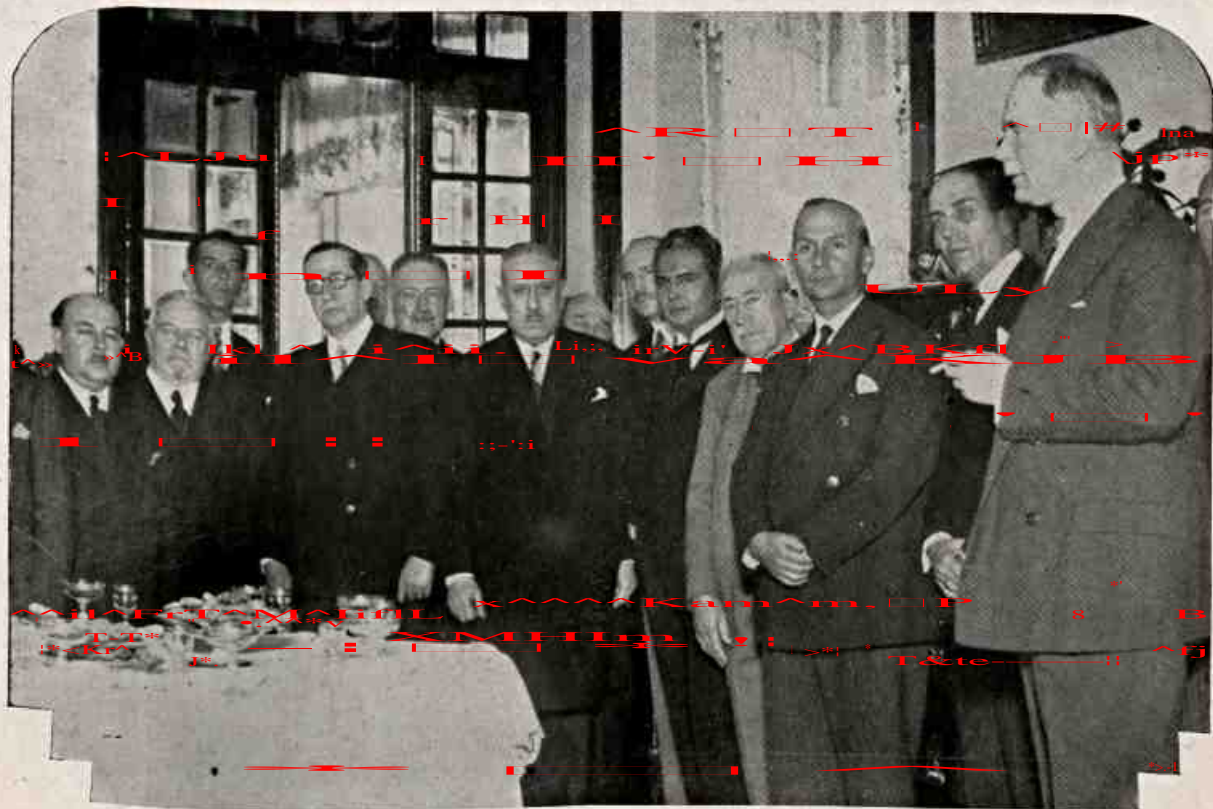
COCAINA

Quando o homem encontra uma mulher bonita, póde estar certo da sua desgraça.

* * *

A mulher, na occasião de confessar a idade, perde sempre a memória...

Marion.

A Academia Brasileira de Letras esteve, segunda-feira ultima, reunida em sessão solemne para commemorar o 14.º anniversario da morte de seu grande bemfeitor, o saudoso livreiro Francisco Alves de Oliveira, e proceder á distribuição dos premios aos laureados nos concursos literários de 1930, entre os quaes figuram os seguintes escriptores e poetas: Henriqueta Lisbôa, Palmyra Wanderley, Peregrino Júnior, Berilo Neves, Oliveira e Silva, Pedro Motta Lima, Paschoal Carlos Magno, Murillo Araujo, Guedes de Mello, Chermont de Britto e Sebastião Fernandes. A gravura ao lado fixa um detalhe da solennidade, vendo-se ahi o presidente da Academia, dr. Fernando de Magalhães, ladeado pelos academicos Gustavo Barrozo e Adelmar Tavares, quando fazia a entrega do premio que coube ao laureado Sebastião Fernandes.

Afim de homenagear o delegado de seu paiz á Conferencia Internacional do Café, ultimamente realizada em São Paulo, sr. Ospina Perez, o ministro da Colombia junto ao nosso governo, sr. Carlos Uribe Echeverri, reuniu segunda-feira pela manhã, na séde da legação, á avenida Atlantica, vários diplomatas e outras pessôas de suas relações, a quem offereceu uma taça de «champagne» em honra daquelle seu eminente patricio, que é o presidente da Federação Nacional de Fazendeiros de Café da Colombia, ex-ministro das Obras Publicas e antigo parlamentar.

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

CANDIDO PORTINARI

NÃO é esta a primeira vez que falo de Portinari. O irrequieto retratista, que tão justamente mereceu o almejado prêmio de viagem da Escola Nacional de Bellas Artes, é um dos melhores pintores do Brasil de hoje. Sua maneira de ver soffreu, é verdade, a influencia de alguns decadentistas da "retaguarda" no velho mundo. Mas isso foi-lhe util, por fazer cessar alguns maneirismos em perspectiva. Principalmente de Picasso e Modigliani, os "idolos" de Portinari, trouxe o artista alguns "clichês" bem gravados.

Não deixo de reconhecer na pintura desse "novo" a preoccupação de "não ter preoccupações". Já os conselhos que, como disse á imprensa carioca, recebeu de Van Dongen são confissões de preoccupações: — "A pintura é fácil! Admiro-me de como podem os senhores pintar difficil!" E ainda: — "Deixe de lado os azues. Tire da palheta essa tinta que não existe!" Portinari, a meu ver, só denotou fraqueza nesse particular. Adoptou, recebeu e divulga todos os conselhos que os Modigliani, esparsos por Paris, entenderam de lhe ministrar.

Si o artista mostrasse, a nós que o conhecíamos intimamente, propensões para a escola dos Van Gogh, dos Utrillo, dos Jean Marchand, dos haermans, — muito bem; que ampliasse seus conhecimentos, que se aperfeiçoasse nas inclinações ao contacto de taes mestres. Entretanto, não nos exteriorizando sentimento para essa pintura triste e descolorida — permitta-se-me —, ao contrario, tendo sido o mais fórte esbanjador de verdes, azues e violetas, — volta Portinari um pintor sêcco, aproveitador dos negros para accentuar leves volumes e planos das carnações, dos sépias, das terras, no acabamento quer dos retratos, quer dos fundos propriamente ditos.

O pintor Candido Portinari

Quanto ao córte, á linha dos quadros, também desappareceram as disposições elegantes, o gosto decorativo, tão evidentes em suas telas do periodo pre-viagem.

Emfim, do artista que conhecíamos, nós os que com elle privavamos, só ficou o talento de Portinari, pintor de innegaveis méritos e recursos, apenas excessivamente influído de maneiras interessantes mas que não farão escola aqui, por não serem nossas, nem mesmo delle.

Precisamos, — é inútil pretender-se um programma para o desenvolver de aptidões e objectivações artisticas, — necessitamos de quem plasme, com o vigor de Portinari, as coisas do Brasil, os homens, os animaes, as plantas, as paizagens, por processos, não direi novos, mas ao menos que não denotem tão abertamente a palmatória estrangeira.

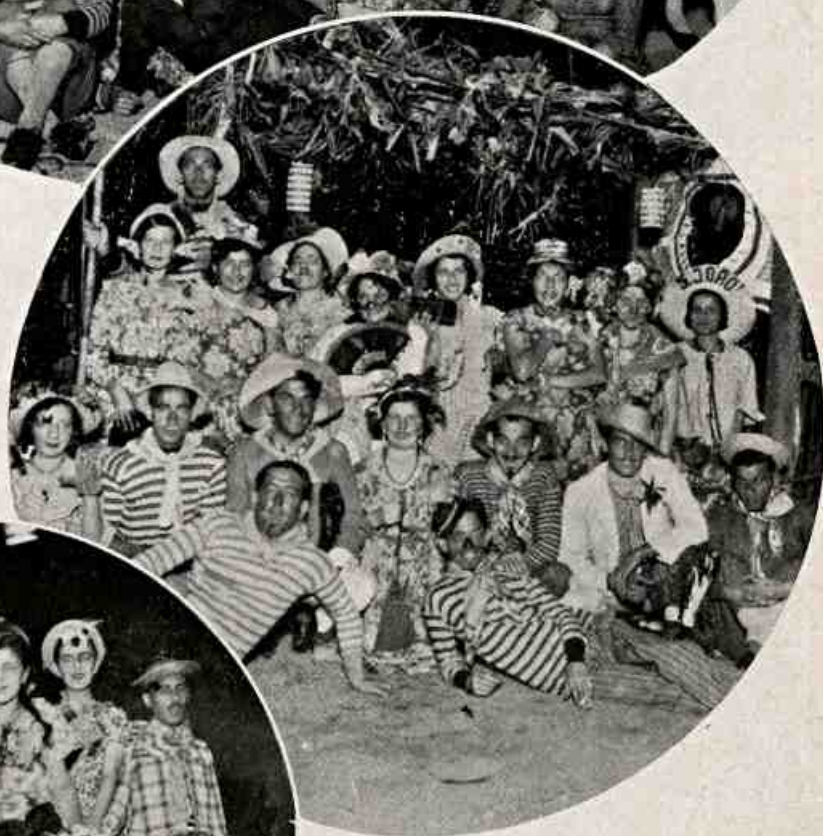
Entre Portinari e Oswaldo Teixeira deve haver um optimo, um ponto intermediario que não seja tristonho e deselegante, nem pronunciadamente chromolythographia fácil, do agrado das turbas adoradoras das côres berrantes, que arranham as retinas com caricias falsas.

Um, encantado pelas fealdades caricaturaes de Modigliani; outro, embevecido pelas bellezas de Raphael.

Entre os dois — talentos de que se orgulhará o Brasil de amanhã — a realidade, a Arte equilibrada que alguem baptizou de — Vida encantada de Sonho!

Destacam-se, dos trinta trabalhos da Exposição Portinari, no Palace-Hotel: *O violinista Borgerth* — o melhor quadro do pintor; os retratos dos maestros *Francisco Braga* e *Oscar Lourenzo Fernandes*, o do escriptor *Henrique Pongetti* e as *naturezas-mortas*, apenas um tanto pequenas como estudo.

HERNANI DE IRAJÁ

Decorreu cheia de encanto e de brilho artistico e mundano a primeira festa de arte que a illustre escriptora Mercedes Dantas organizou no Atlântico Club, na presente temporada, a convite da directoria daquelle gremio elegante de Copacabana. Tomaram parte no programma a escriptora e poetisa sra. Maria Eugenia Celso, a violinista Maria Jacobina, a joven bailarina Eros Volusia e outros artistas não menos conhecidos e applaudidos, que se vêam na gravura, ao centro Mercedes Dantas.

A noite de S. João no Gremio Sportivo 11 de Junho decorreu cheia de alegria e com um caracter typicamente sertanejo, com figuras e scenas que a cidade só vê em festas onde o espirito matuto se apresenta falsificado... São aspectos dessa reunião de caipiras... da Avenida o que focaliza a nossa pagina.

DESLUMBRAMENTO

A' Advlvnar Tavares.

Um violino cantou ao longe, na distancia,
A rhapsodia azul de deslumbrada ansia,
E o crepusculo dsceu, amargurado véo,

Fazendo-me lembrar na saudade da terra
A grande dôr atroz que o teu olhar encerra,
Contemplando a scismar o silencio do céo...

Freire Ribeiro.

Decorreram num ambiente de grande animação as festas joaninas que se realizaram nos salões do Fluminense Foot-ball Club. Fantasiados de caipira, á moda regional, muitos foram os convidados que contribuiram para o encanto dessa noite de folguedos, em homenagem ao glorioso S. João. Viam-se, no elegante club, as figuras mais prestigiosas da «élite» carioca, com os seus trajes roceiros. São flagrantes dessa festa caracteristica que o nosso «cliché» reproduz.

As tradições brasileiras nas festas da cidade

A escriptora Maria Neves de Castro Zayás é um espirito que honra as letras femininas do Brasil. Autora de vários livros, onde se patenteia um estylo cheio de scintillação, a par de um senso psychologico profundo, publicou, recentemente, um poema em prosa — "Anfora de Aromas" — que é um breviario de "paginas de dor, de evocação e de sonho", como ella mesma declara.

"La vida de un financista?", "La Cruz" e "Remembranzas intimas" são obras que a illustre autora de "Anfora de Aromas" publicou em hespanhol, respectivamente em 1920, 1923 e 1929, quando ainda residia em Havana.

A sra. Neves de Castro, que tem promptos mais tres livros — "O prisioneiro" (romance) "Serões de inverno" (contos) e "Palavras de fé" (chronicas) — escreveu especialmente para o FON-FON o conto que nesta pagina offerecemos aos nossos leitores.

A toxicomana

ALTO, bem formado, de olhos tristes, adornados de negras pestanas, o joven Martim de la Sierra era o «caso» mais falado daquella estação. Trajando-se á ultima moda, era visto sempre passeando em seu luxuoso automovel, tendo como único companheiro seu querido Tom, um «fox-terrier» lindissimo.

A' noite, sua distracção predilecta era o jogo. Mulheres não existiam para elle, e, como era moço e rico, todos o invejavam.

Elza Del Vale, também rica e descendente de uma familia distinctissima de Santa Maria, era a querida da sociedade gaúcha. Conhecia todos os sports. Educada em Paris e Nova York, amava a liberdade como os passarinhos as selvas virgens onde nascem e morrem. Vivia num lindo «bungalow», onde não faltava o mínimo detalhe de luxo e refinamento, que faziam resaltar sua belleza diabólica, quando, deante dos espelhos, contemplava sua formosa cabeça de sereia moderna, cobiçada pelos homens e odiada pelas mulheres.

Orphã e millionaria, seus caprichos eram recebidos com sorrisos benevolos... Ia a todos os bailes sozinha, e no dia em que appareceu, num clia, acompanhada do elegante Martim, suas relações ficaram admiradas. E assim successivamente foram vistos sempre em todo logar: bailes, theatros, excursões, etc. Mas ninguém se aventurava a perguntar-lhe nada... Numa recepção que deu em sua casa, como qualquer amiga lhe indagasse quando pretendia casar, ella sorriu gostosamente; e, accendendo um cigarrinho egypcio, depois de offertar outros ás companheiras estupefactas, respondeu-lhe:

— Nunca me casarei! Odeio o matrimonio, que escraviza a mulher!

Então, medrosamente, lançaram esta phrase:

— E Martim?

E ella, sempre displicente:

— E' simplesmente meu amigo, meu confidente...

Afinal, livre das visitas indiscretas e odiosas, chamou Margarida, a criada de confiança, para que avisasse o porteiro de que não estava em casa para ninguém, naquella noite...

A' hora pontual, Martim chegou, e, atravessando o vestibulo, se encaminhou para um mysterioso gabinete. Tirou do bolso uma pequena chave prateada e entrou, fechando-se-lhe a porta atraz, como por encanto.

Recostada na «chaise-longue», com os pequeninos pés apoiados na pelle de um tigre de Bengala, os braços em abandono, ella descansava as mãos adornadas de anneis, mãos maravilhosas, rivaes, talvez, das de Eleonora Adozz. A lampada de bronze, suspensa por dois cupidos, reflectia uma luz rosea em todo o ambiente, que convidava ao amor. No centro da saleta, uma mesinha, caprichosamente incrustada, sustentava os apetrechos necessarios para se fumar opio. Rico tapete persa cobria o chão, onde se espalhavam almofadas riquissimas e multicôres. Nos cantos, estavam collocados vasos onde ardiam madeiras perfumosas, creando uma atmosphera embriagadora e sensual, que transportava o espirito para o longinquo oriente dos mysterios e segredos. A sereia, vendo o amante, offereceu-lhe a bôcca, que elle beijou.

— Elza, meu sonho, meu amor, tu és a eleita da felicidade. Como sou feliz a teu lado! Dize... Fala... Tu também és feliz?

Ella fez um trejeito, olhou-o demoradamente e depois soltou uma gargalhada mephistophelica. Surpreso, desorientado, elle exclamou:

— Estás zombando de minha louca paixão? Por que?...

E cahiu-lhe aos pés, soluçando...

— Não, querido Martim! Sabes? Não sei dizer coisas lindas como tu e ao ouvir-te emmudeço e, para não chorar, rio..., rio como louca. O hysterismo suffoca-me. Soffro. E então não sei si te amo ou odeio!

— Elza, serpente fascinadora, si me não amas, por que me torturas?

E a Eva moderna, docemente, lhe falou:

— Sim, Martim! Quero-te... creio em ti... em tua bondade... Vem!

E o arrastou até a mesa de opio. Deu-lhe a piteira já carregada, tomou a sua e abraçaram-se nos macios cochins, dando inicio á absorpção do doce veneno que os conduziria aos fantasticos paizes do sonho e da chimera...

Quando Martim acordou, naquelle dia, encontrou junto da mesinha fatidica esta carta de Elza, que tinha desapparecido:

«Meu amigo — Emquanto te acaricia o somno da morte, faço meus preparativos para uma longa viagem. Não faças escandalo, porque seria inútil... O dinheiro e a distancia estariam commigo.

Sou uma mulher sedenta de aventuras e o ambiente burguez da minha terra é muito exhaustivo... Parto para Constantinopla. Sinto dentro em mim a vertigem do desconhecido... Demais, odeio-te por submisso e vulgar. Procurava um demônio que me torturasse, e encontrei um anjo inoffensivo. Esquece-me. — Elza.»

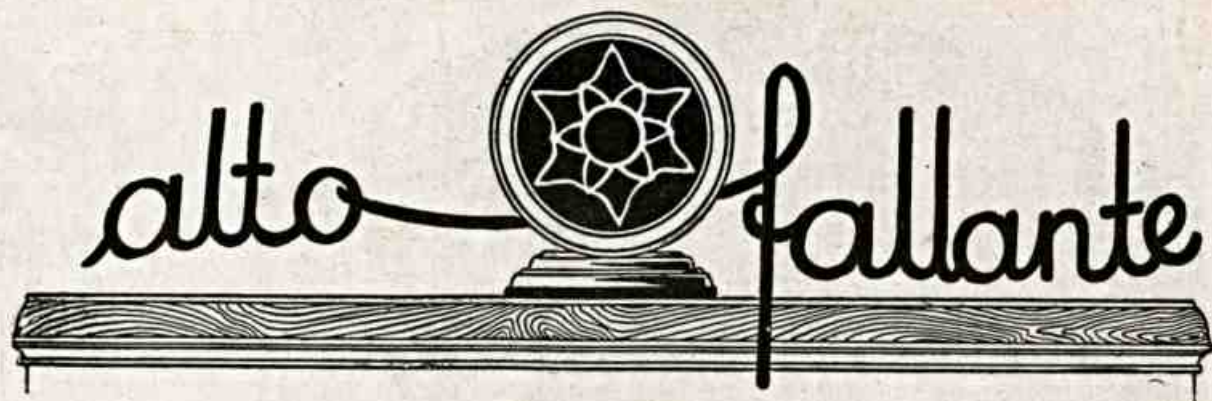
NEVES DE CASTRO

O chefe de policia do Districto Federal, dr. Baptista Luzardo, e o director do Serviço Hospitalar, dr. Pedro Ernesto, receberam, a 24 de junho, quarta-feira penultima, uma expressiva homenagem promovida pelo director e demais funccionarios da Policia do Caes do Porto, e que se realizou na séde daquella corporação, á avenida Rodrigues Alves. Na presente gravura apparecem os dois illustres homenageados, cercados pelos manifestantes.

FILIGRANAS

A nossa Avenida é um mostruario de exotismos. Sobretudo em materia de annuncios de cinemas, theatros e certas mercadorias. Um turista que passe por ella em certos dias ficará abysmado. Ora, a atravessam fileiras de soldados antigos de casacos vermelhos e barretinas de couro com desinfectantes de matar insectos; ora, tropilhas de embuçados com mascaras representando os mysterios das perfumarias nacionaes; ora, bandos de negros com azagaias e de caçadores de leões, chamando a attenção para fitas africanas; ora, bandos de ciganos de fantasia ou de grooms todos de encarnado; ora, o diabo emfim... Sim, o diabo côr de braza, com rabo e tridente, a proclamar a excellencia desse ou daquelle producto...

Até na reclame o brasileiro é um povo carnavalesco...

A serie de commemorações do 16.º anniversario do Tijuca Tennis Club foi brilhantemente encerrado com o baile que se realizou sabbado ultimo, nos salões do Club Germania, onde rutilou a «élite» da sociedade tijucana.

CHRISTO REDEMPTOR

O cruzeiro de luz, engastado no céo azul e limpido da patria brasileira, parece, estava a indicar-lhe, desde a sua revelação ao mundo civilizado, a predestinação da fé em que ella iria acendrar os sentimentos da sua formação espiritual no culto dos seus altares e dos seus lares.

Pro aris et focis...

E, do seu descobrimento á sua incorporação no immenso patrimonio da civilização mundial, a benção illuminada do Cruzeiro do Sul distende sobre o Brasil, como um symbolo resplandecente da sua predestinação historica, o conforto da protecção divina, incrustada no nosso céo azul e limpido, no mysterioso mandamento de fé inscripto no deslumbramento de luz do estellario tutelar.

Agora mesmo, quando a humanidade, desfallecida na sua fé, assaltada pela duvida e pela descrença, marcha, tacteante, pelas sombras da vida, em busca, talvez, de novas revelações de Deus, a nossa gente, numa reaffirmação magnifica e eloquente da sua religiosidade, ergue, no pincaro altaneiro do Corcovado, a imagem collossal do Christo Redemptor, a dominar a cidade, a dominar todo o Brasil, a dominar todos os corações brasileiros.

Ainda um dia destes subi aquelle recanto, hoje sagrado, onde, ao ar livre, em pleno coração da nossa natureza tropical, Christo Redemptor, avultando na sua grandiosidade cyclopica e eterna, abre os braços acolhedores da sua protecção sobre a patria commovida do Cruzeiro do Sul.

E tive orgulho da minha fé e de quantos, ali, em piedosa romaria, rendiam ao suave e meigo Rabbi da Galiléa o culto fervoroso e intimo das suas préces.

Christus imperat, Christo reina, hoje mais do que nunca, no immenso coração do Brasil, que foi e sempre será uma sementeira de fé aberta ao evangelho da sua religiosidade.

A cinza deste crepusculo de inverno adensa-se mais e mais, e o velario da noite desce sobre a cidade que, lá em baixo, se agita illuminada.

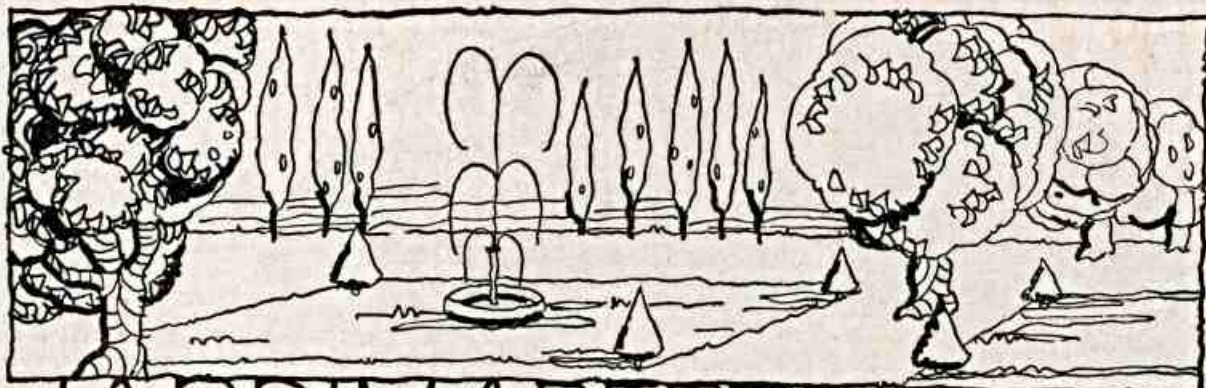
Com os ultimos romeiros que subiram á "montanha da nossa fé", onde se alteia, magnifica, a estatua collossal de Christo Redemptor, tambem desço o Corcovado, emquanto, no céo azul e limpido, o mandamento de luz do Cruzeiro do Sul fixa, no seu eterno resplendor, a gloria eterna do Rei dos Reis.

MAX LINDER

LETRAS FEMININAS

O registo do apparecimento de um novo livro da festejada escriptora patricia d. Amelia de Freitas Bevilaqua é sempre um motivo de jubilo para FON-FON, que a conta no numero das suas mais distinctas collaboradoras, bem como para os innumeros admiradores desse culto e nobre espirito de mulher. «Flor do Orphanato» é o titulo da nova obra com que a illustre escriptora enriquece a sua já vultosa bagagem litteraria. E' um escrinio de bondade, um suave relicario de saudade, a fixar, no carinho de uma linguagem repassada de enternecimento, a vida de resignado soffrimento de uma pobre criança. Um livro profundamente commovedor, na sua simplicidade descriptiva, este que nos offerece, agora, a apreciada escriptora e distincta esposa de Clovis Bevilaqua, o eminente e venerando jurisconsulto patricio.

Nos circulos intellectuaes cearenses e na alta sociedade de Fortaleza, o nome prestigioso da nossa distincta patricia, doutora Henriqueta Galeno, tem uma projecção accentuada e rara. Em torno desse espirito illuminado e culto de mulher, herdeira das tradições gloriosas de um grande nome da literatura brasileira, qual é o de Juvenal Galeno — o saudoso e venerando aedo popular, ha pouco desapparecido — gira, para bem dizer, toda a actividade intellectual do Ceará contemporaneo. Os salões nobres de sua residencia são o centro onde se reunem, de vez em vez, em magnificos serões de arte, os homens de letras de sua terra. Reunido agora, nesta capital, o Congresso Feminista, o interventor Fernandes Tavora designou essa admiravel animadora da vida mental cearense para representar o seu Estado naquella assembléa. E, no desempenho dessa honrosa missão, que lhe foi confiada, é que se encontra nesta capital a illustre filha de Juvenal Galeno.

A «Bola Alvi-Negra», formada por associados do S. Christovão A. C., realizou sabbado á noite a sua festa inaugural, que constituiu, ao mesmo tempo, uma homenagem á imprensa carioca e ao quadro social do glorioso alvi-negro. Foi uma reunião de aspectos pittorescos, onde os habitantes da cidade (mulheres bonitas e homens feios...) se divertiram, commodamente fantasiados de caipiras... Depois de executado o programma da primeira parte, que constou da cerimonia do baptismo da flammula da «Bola Alvi-Negra» (servindo de madrinha a senhorita Maria Soares Vieira), discursos, numeros de arte, etc., tiveram inicio as danças, que as «matutas» e os «matutos» esperavam com ansiedade, e que encheram toda a noite de sabbado, no «rink» do S. Christovão A. Club. A nossa pagina offerece os detalhes mais expressivos dessa festa caipira.

O apologo da roseira

TIVE num canteiro do meu jardim uma linda roseira, que me alegrava a vista e me inebriava com o seu perfume suave. Pagou, porém, muito caro esses dois crimes.

Como todas as roseiras, se compunha de raizes, caule, galhos, folhas, espinhos e flores. Dentro da terra negra e bem adubada, trabalhando dia e noite, quintessenciando os productos chimicos do sólo como verdadeiro laboratorio, as raizes obscuras, sujas de lama e estrume, ignorando a luz, viviam como os mineiros. Incontaveis, ramificando-se subterraneamente, sugavam a gleba feraz, engordando e sustentando todo o edificio vegetal que se amostrava lá fóra sob o ouro do sol. Outros trabalhavam á flor da terra com os elementos que as raizes lhes mandavam. Assim, o tronco fazia ascender a seiva e descer o ar, os ramos repartiam os alimentos por toda a roseira, as folhas respiravam e produziam a chlorophylla, servindo, quando cahiam mortas, de adubo ao proprio canteiro. Os aculeos defendiam a planta. Emfim, coroando aquella obra de cooperação que vinha das entranhas do sólo e se expandia ao ar livre, as rosas vermelhas desabrochavam. Ociosas e lindas, encantavam os olhos e espalhavam a sua essencia maravilhosa. Suas pétalas eram macias como sêda e sua côr purpurina lembrava labios de mulher. Nas suas corollas, os beija-flores e as abelhas vinham roubar o mel. Todo esse luxo e riqueza era o resultado do trabalho humilde e silencioso das raizes, da acção continua, discreta e forte do tronco e dos galhos, da respiração das folhas e da defesa dos espinhos. E das rosas partia o pollen que ia fecundar outras rosas em outros jardins.

Professor dr. Octavio Domingues Carneiro, que, com muito brilhantismo, acaba de conquistar, em concurso de provas publicas, o logar de cathedratico de zootechnia, na Escola Agricola Superior «Luiz de Queiroz», o reputado estabelecimento de ensino agronomico de Piracicaba, honra de S. Paulo e do Brasil.

Não sei que verme ou insecto espalhou no mundo subterraneo das raizes doutrinas perigosas: ellas mourejavam nas trevas dia e noite; entretanto, á custa de seu sacrificio, as rosas se espanejavam, felizes e futeis, á luz do dia; fóra da terra todos eram exploradores e bandidos — o caule explorava o producto das raizes que vendia aos galhos e que esses retalhavam ás folhas — uma commandita de ladrões defendidos pelos espinhos.

A propaganda dessa idéa produziu seus fructos. As raizes resolveram reivindicar o seu direito ao sol. Por que seriam inferiores ás rosas? Quizeram ser rosas tambem e exercer, de mãos dadas aos espinhos, a dictadura das raizes. Largaram o trabalho e a roseira murchou. Armaram-se e sahiram fóra da terra dispostas á luta, e a roseira morreu.

No mesmo desastre, foram arrastados as rosas, as folhas, os galhos, o tronco, os espinhos e as proprias raizes...

O festejado interprete da canção brasileira, Jorge Fernandes, que dará o seu primeiro recital na proxima sexta-feira, 10 do corrente, no salão do «Movimento Artistico Brasileiro», no Studio Nicolas.

Asdrubal Cardoso, nosso collega de imprensa, director do periodico «O Momento», que acaba de commemorar, com uma edição especial, a victoria do seu 7.º anniversario.

O escriptor e jornalista Paulo de Magalhães entre os convivas do almoço com que os seus collegas e amigos festejaram, domingo passado, o meio centenario das suas peças representadas, verificado esta semana com a estréa de sua nova comedia — «O homem que salvou o Brasil», que Procopio Ferreira e sua companhia estão, desde hontem, representando no Trianon.

O poeta Alfredo Cumplido de Santanna quando era recebido, sabbado á noite, na Academia Carioca de Letras. O novo academico faz, da tribuna daquella sociedade, o elogio do patrono de sua cadeira, Cruz e Souza, depois de ser saudado pelo seu illustre collega Carlos Rubens.

Aspecto da festa joanina realizada na noite de 23 de junho na residencia do sr. Dionysio Moura.

Uma nota de fino cunho social foi o enlace da senhorita Maria Yolanda de Moraes Ancora com o commandante Sylvio Monteiro Moutinho, ha dias realizado nesta capital.

O BRASIL EM FACE DO PRATA

A proposito do livro de nosso companheiro Gustavo Barrozo — *O Brasil em face do Prata*, o consagrado escriptor inglez Cunnighame-Graham escreveu estas palavras: "*O Brasil em face do Prata* é uma obra interessantissima. Faz muito bem o seu autor em dar um pontapé no lopismo. O sr. O'Leary ficará de cara á banda. Parece mentira, depois do martyrio de sua pobre mãe! Eu estive no Paraguay dois annos depois da guerra. Conheci muitas das victimas do infame tyranno Lopez. Vi o estado do paiz, — deserto, inculto, arruinado, despovoado, cheio de onças, os rios inçados de jacarés e os sertões com o gado vaccum amontado nas selvas, mais bravio do que os bufalos. Conheci bem o engenheiro Thompson, o dr. Stewart e outros antigos empregados de Lopez. Todos me falaram do desbota com horror, chamando-lhe covarde, tyranno, selvagem. Vi uma vez ó miserável padre Maiz. Que Deus não o tenha perdoado! Tratei com muitos ex-soldados dos exercitos de Lopez, muitos mutillados, famintos, andrajosos; entretanto, quasi todos ainda cheios de receio, mal se atrevendo a contar suas misérias. Não, senhor O'Leary, a outros cães o osso do lopismo!... Quando lá estive, o paiz estava occupado pela cavallaria rio-grandense. Os proprios soldados, que não eram cordeiros, como é natural, costumavam dividir seu rancho com os pobres paraguayos famintos. O culto a Lopez é a abrogação do patriotismo e da dignidade humana. Que fez aquelle caraiba um favor de sua terra?! Nada. Ou antes: peorou tudo. Encontrou o Paraguay submergido na ignorância, dominado pelo clericalismo, mas com o bastante "para não passar fome. Quando morreu no Aquidaban, deixou um deserto ensanguentado, mergulhado na miséria e sem esperança. Os paraguayos deveriam erigir uma estatua na praça principal de Assumpção a Xico Diabo que os libertou do seu Nero, si Lopez não foi peor do que Nero. Depois de tantos annos, quando penso nesse covarde, os nervos me irritam e vejo tudo rubro..."

A consagração da obra de Gustavo Barrozo sobre nossas guerras, vulgarizando a Epopéa Brasileira no Sul e repellindo a mentiralha do lopismo e do beverinismo está sendo consagrada dentro e fóra do paiz pelas mais altas autoridades no assumpto e pelas mais brilhantes pennas: Affonso Celso, João Ribeiro, o general Mario Barreto, Julio Dantas, que o denominou pelo *Correio da Manhã* — o Pedro Americo das Letras Brasileiras e agora Cunnighame-Graham, cujo depoimento pessoal do após-guerra paraguayo é sobremodo precioso.

Senhorita Hilda Garcia Pires e sr. Eduardo Chames, cujo enlace foi celebrado, recentemente, nesta capital, onde residem.

Um flagrante da cerimonia civil do casamento da senhorita Isaurina Paiva com o sr. Sylvestre Tristão, realizada na residencia do major Souza Caldas, padrasto da noiva e alto funccionario da Prefeitura.

FILIGRANAS

Antigamente havia tanto boato!... A tres por dois, a gente os ia encontrando pelas esquinas. E cada qual o mais perigoso! Para um homem sereno era até divertimento ouvil-os e occupação discreta e innocente colleccional-os. Ao fim da tarde, podia-se voltar para a casa com os bolsos cheios delles, de todos os tamanhos...

Depois, veiu a crise. O cambio derrapou na casa dos 3. A vida encareceu. Os impostos abafaram a economia e as economias officiaes tiraram o pão a muitos. Como por encanto, o boato desappareceu. Não se ouve mais um só, nem para remédio. Quem esperar salvação dum único, estará irremediavelmente perdido. A crise matou mesmo os pobresinhos dos engraçados boatos...

OS 7 DIAS DE "FON-FON" NO CINEMA

A' maneira antiga.

AMÔR E CHAMPAGNE

Film da Greebaum

com

Brita Apelgreen
Ivan Petrovich
Agnes Esterhazy

FRITZ (Ivan Petrovich) é bem o homem para quem a vida é uma canção entoada por lábios de mulher... Para elle a vida não vae além de uma taça de champagne e de um momento de amor... Por isso, despreoccupado e feliz, elle foi passar o inverno naquelle hotel de luxo, onde o vamos surprehender agora; o seu eterno bom humor definido no sorriso que não lhe sae dos lábios... Desde o primeiro instante, a sua figura insinuante, irradiando sympathia, se impoz e, como que tocadas de uma mesma attracção irresistivel, as mulheres que alli viviam começaram a cortejal-o. Mas, entre tantas mariposas, tontas de aventura, que foram deixar-lhe sobre o coração exactamente aquella que menos o impressionou foi a que mais fortemente o suggestionou com a sua elegancia e o seu espirito através a convivencia daquellas palestras depois do jantar e no serão no grande «hall» do hotel. Sybill (Brita Apelgreen) — esse o nome da romantica enamorada — com os dias que passaram mais e mais se sentiu presa a Fritz, que, por signal, cada dia se lhe mostrava mais indifferente... Mas uma noite — ah!... não fossem essas subtilezas de espirito das mulheres!... — Sybill soube prender Fritz, soube excitar-lhe a curiosidade, e, desde então, elle começou a interessar-se pelos seus encantos, pela sua brejeirice e pelo seu corpo de linhas seductoras... E de tal modo, desse dia em deante, elles começaram a se comprehender, que passaram a constituir a nota escandalosa do hotel, tão precipitados e indiscretos eram, trocando os beijos mais ardentes nos salões e as promessas e as juras mais eloquentes á mesa do jantar... Alvoroçada por isso e receiosa de que, com o correr dos dias, as ligações amorosas de Fritz e Sybill se estreitassem mais e mais escandalo provocassem, a governante della, Eleonora, deu-se pressa em telegraphar á senhora Lucie Forst, mãe da linda e loira amorosa. Lucie que muito zelava pela filha, não perdeu um instante, partindo para o hotel, ansiosa de salvar a fi-

A sua bocca era uma tentação.

Conspiração.

lha de um tão perigoso namorado. Mas, chegando ao hotel, cheia de fadiga e de fome, ao invés de procurar os aposentos da filha, installou-se noutros e ao jantar sentou-se vis-a-vis a Fritz. E no decorrer da refeição, Fritz, que se vira privada da companhia de Sybill, por enferma, começou a «flirtar» Lucie, prendendo-a como prendera as outras, pelos laços da mesma sympathia e da mesma suggestão...

O jantar ainda ia em meio quando Fritz, encorajando-se e certo da conquista facil, ensaiou a primeira tentativa para falar a Lucie. E, para tanto, indagou-lhe si não se lembrava delle, nos tempos não muito longinquos do alvorecer da juventude de ambos... Ella bem se lembrou que Fritz fôra namorado de sua irmã Elza, mas deixou-o embalar-se na illusão de que era ella propria, porque se sentiu subjugada pela força magnética dos seus olhos e dos seus attractivos de homem insinuante... E nessa noite escreveram, com os beijos mais ardentes e as caricias mais subtis, a mais linda pagina de amor...

No dia seguinte, radiante de alegria, restabelecida, Sybill, entre as caricias mais ternas, apresentou á mãe o homem que sonhava para esposo! Ante o proprio homem que conquistara na vespera e em cujas promessas acreditara, Lucie teve uma brutal sensação de revolta. E, premida pelo odio mais forte, sem saber definir por que sentiu no fundo do peito aquella colera i m m e n s a que lhe transbordava dos olhos — ao lampejo de uma idéa salvadora, disposta a tudo fazer para arrancar a filha das mãos daquelle homem perigoso que ella tambem amava, correu ao encontro delle, perguntando-lhe si os seus sentimentos de homem podiam acceitar, sem repulsa, a união com a sua propria filha, delle!... E ante a estupefacção de Fritz, el-

(Conclue na pag. 46)

Era o alvo das brincadeiras.

"A ESTRANGEIRA"

ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAPHICA DO ROMANCE «L'ÉTRANGÈRE» DE ALEXANDRE DUMAS FILHO

Interpretes — *Ruggero Luppi, Tina Lattanzi, Carla Martinelli, Mimi Aylmer, Oreste Bilancia, Maya Moreno, Enrico Signori, Sandro Salvini e Romano Calvo*

EM Paris. Num pequeno e luxuoso salão, um grupo de elegantes convidados e admiradores circumdam a senhora Dora, cujo casamento acaba de realizar-se com o senhor Clarkson, rico americano, conhecido na alta sociedade parisiense como o rei do cimento. A senhora Clarkson, irrompendo por entre os convidados, procura sahir daquelle compartimento, acompanhada do marido.

A elegante dama dirige-se para um quarto contiguo. Retira todas as joias com que esplendeu no acto nupcial, troca o vestido e, depois de falar ao telephone, desapparece.

O senhor Clarkson, ansiosamente, bate á porta.

— Dora! Allô, Dora!

Silencio. Empurrando vagarosamente a porta, verifica que o quarto está deserto. Sobre a mesa, todas as joias da esposa. O tilintar do telephone vem arrancal-o daquella especie de torpor. E' Dora, que o avisa de que partirá sozinha para o Egypto, onde tem uma missão a cumprir...

Num hotel do Cairo, Dora encontra a pessoa que buscava — um homem de quarenta annos, mais ou menos, typo vigoroso de aventureiro, e com elle mantem o seguinte dialogo:

— Dora, sou rico, posso vender o que tenho e partir com você para onde quizer. Quer ser minha esposa?

— Sua esposa? Iguaes promessas você fez a Urida... E a sua «Patroa»?

— Patroa? Aquella é apenas uma serva.

Nesse instante, assoma ao portal da sala a mulher que vivia em companhia daquelle homem.

— Somente uma criada? Basta, então, que uma estrangeira qualquer venha aqui para você me expulsar de casa?

— Retire-se!

Quando a mulher se retira, Dora quebra o silencio com esta pergunta:

— Diga-me, meu amigo, você arranjou essa mulher?

A phrase chega aos ouvidos da mulher como um insulto.

E dahi a segundos, um punhal é jogado violentamente e vae ferir de morte aquelle homem, que, antes de expirar, ouve Dora dizer por entre suspiros:

— Comprehende? Sou a filha de Urida, a pobre mulher que você desgraçou, esposou e deixou morrer na miseria... Minha mãe está vingada!

* * *

Em Paris, Clarkson indaga de seu procurador, Gerard, de tudo que havia occorrido a Dora. Os jornaes publicaram-lhe o retrato com a noticia da tragedia occorrida no Egypto.

— Não conhece minha esposa?

— Não quiz, então, divorciar-se desde o momento em que ella o abandonou?

— Divorciar-me? Nunca! Ninguem conhece melhor do que eu minha esposa.

E os dois continuam a conversar no saguão do hotel, quando uma carta chega ás mãos de Clarkson. Era de Dora, que relatava as dramaticas circumstancias em que sua missão terminára. Confessava-se fiel ao juramento que havia feito ao marido e affirmava encontrar-se em breve em Paris, onde mataria as saudades do esposo.

Horas depois, Clarkson encontra Dora.

— Eu sabia que você estava em Paris... Eu sempre soube o que fazia, pois os meus detectives acompanhavam os seus passos e de tudo me informavam.

— Quaes são os seus projectos?

— Agora, desejo permanecer aqui...

Dora, depois que regressara a Paris, installou uma casa de jogo, cercada de luxo e conforto, onde accorria a alta sociedade, representada

Pensava no destino.

pelos mais notaveis industriaes e nobres.

O duque de Sermont, assiduo frequentador do club de Dora, via nessa creatura uma optima opportunidade para concertar as suas finanças, pois Dora, além de linda e experiente das coisas da vida, possuia muito dinheiro. Chegou mesmo o rapaz a propor-lhe um divorcio com Clarkson e casar-se com elle. Ambos seriam donos do club e uma nova vida de felicidade seria gozada por ambos.

O duque de Sermont levantou-se da mesa e dirigiu-se a Dora, que passeava, sorrindo, pelo amplo salão, ornado da mais elegante arte moderna.

— A minha divida sobe sempre. Devo-lhe hoje mais trinta mil francos. Perdi toda a minha fortuna e estou arruinado. Mas ficam-me ainda o meu bom nome e um passado brilhante, que estão em suas mãos.

— Muitas mulheres, replicou Dora, dariam tudo para serem duquezas. Eu nada ambiciono e prefiro que continuem a chamar-me a Estrangeira...

Como o duque insistisse no seu proposito, Dora repelliu:

— Mas que deseja que eu faça de meu marido?

Nesse momento, entra no salão de jogo o jovem Gerard, procurador de Clarkson.

Parou um pouco deante do senhor Morrison, o rico industrial que desejava um marido nobre para a sua linda filha.

Dora, subindo as escadas, mal respondeu á pergunta de Morrison, que desejava saber si estava sendo attendido no seu pedido. Ella bem poderia arranjar um marido de sangue nobre para a sua filha, pois, com o dinheiro delle, a sociedade ganharia mais dois bons elementos. Gerard é attrahido para o lado da senhora Clarkson e ficam a sós.

Antes, porém, Dora fazia uma importante apresentação:

— Sr. Morrison, o duque de Sermont.

Dora fazia essa apresentação com a intenção de ver a filha do industrial esposa do nobre arruinado. Assim exigia o seu coração, porque a filha de Morrison surgia como uma rival perigosa, moça e linda que era. Gerard confessara a Dora o seu amor pela senhorita Morrison. Resignado, concluiu a sua confidencia, dizendo não ignorar que elle nunca seria genro daquelle homem que vivia sonhando um nobre para seu genro.

— Não fique triste, dizia Dora; ella preferiu um titulo ao seu amor.

E o annuncio do casamento repercutiu em toda a alta sociedade parisiense. Foram irradiados todos os pormenores do grande acontecimento.

Agora, na casa da duqueza de Sermont, realizava-se uma kermesse de beneficencia. O alto mundo social reunia-se nos elegantes salões da nova duqueza, onde se vendiam flores e toda a futil quinquilharia dos ociosos chics. O sr. Morrison fremia de contentamento. Explodiam gargalhadas e os sorrisos perversos sublinhavam os commentarios que se faziam em surdina.

— Duas duzias de meias para a sra. marqueza! — gritava uma voz.

— Quem é aquella moça?

— Não, sabe? Aquella é a minha filha, a senhora duqueza de Sermont.

Do lado opposto conversavam a duqueza e uma amiga:

— Quem será aquella senhora?

— E' a senhora Clarkson, especie de aventureira «snob», que explora um club só para homens. E foi nesse club que se combinou o teu casamento.

* * *

O ambiente continuava em festa. O sr. Morrison desejava ver-se só-

mente com alguns amigos mais intimos e com a nova familia, illustrada agora com a figura de um duque.

* * *

— Não deixe subir pessoa alguma, ordenou elle ao criado. A sala de cima está reservada para minha filha, a duqueza, e seus amigos.

Na sala de cima alguns amigos palestravam quando a duqueza foi surprehendida com a chegada de um cartão. Era Dora que offerecia 50 mil francos ao hospital, por um «cocktail» servido pela duqueza.

Dora subiu pelo braço do duque, que tanto a conhecia. Tomou o «coktail» e, ao despedir-se, disse á duqueza: «Um desafio em regra». O atrevimento de Dora é correspondido pela duqueza.

— Espero, duqueza, que me dará o prazer de sua visita. Não faltarão motivos para uma palestra agradavel. Temos um amigo em commum — o sr. Gerard... E retirou-se.

A duqueza, nervosa, quebrou o calice de que a «Estrangeira» se servira e no dia seguinte a duqueza visitava a «Estrangeira» no seu luxuoso palacio.

— Sim, eu fui a causa de sua infelicidade. Pela primeira vez sacrifiquei uma mulher, porque ella amava o homem que eu amo. Deixe de vel-o.

— Deixar de ver Gerard? Isso nunca! Ademais, acho pouco interessante continuarmos tal assumpto...

A duqueza retirou-se e Dora foi immediatamente para o telephone:

— Allô! Quero falar com o duque de Sermont. Olhe, meu caro, sua esposa está apaixonada, mas não por você, comprehende?

O duque quiz saber melhor o que se passava com a esposa, mas Dora largou o phone, num gesto de ciume e desespero.

A duqueza, momentos depois, ingressava no seu palacio. Recebeu-a, á porta, o criado, com um cartão de visita do sr. Gerard. — Elle disse que não voltaria.

Ao subir as escadas, foi abordada pelo marido, que lhe perguntou si não estava contrariada por haver perdido naquella visita.

Momentos depois, o criado descia as escadas com uma carta para o sr. Gerard. O duque interrompeu-o:

— Eu mesmo me encarrego de entregar essa carta ao sr. Gerard.

Deu o endereço e ficou pensando no que devia fazer.

Para um marido ameaçado em sua honra, não podia haver maior prova que aquella, e, usando de um «truc», o duque abriu a carta e leu o seu conteúdo:

«... estou desolada pelo contratempo, pois desejava muito falar-lhe, esclarecendo o mal entendido, cujas consequencias eu soffro. Sómente depois do meu casamento soube que tinha pedido a minha mão e que meu pae não consentira. Necessito vel-o immediatamente. A's 10 horas encontrará aberta a pequena porta do jardim do lado da rua Verrone.»

O duque acabou de ler a carta, fechou-a novamente, e foi directamente para casa de Dora:

— Receio que, á noite, furtivamente, um homem se introduza na casa dos duques de Sermont. E não se espante si amanhã os jornaes falarem de um marido trahido que fez justiça. Considerei, reflecti... Até logo...

Dora, afflicta, quer pedir a Gerard que não vá á entrevista que a duqueza lhe marcára. Corre ao telephone.

De todos os logares onde suppõe encontral-o, chega a mesma resposta: «Não está. Sahiu. Não volta para o jantar. Não appareceu».

Momento de ansiedade, de arrependimento, de desespero.

Clarkson chega á casa de Dora. Ella cae nos seus braços. Conta-lhe todas as propostas que o duque de Sermont lhe fizera, nos áureos dias de sua casa de jogo... E o homem, ferido no seu amor proprio, dirige-se para a residencia de Sermont, para um ajuste de contas. São 9,30 da noite. A duqueza conta os minutos, á espera do seu amado...

Clarkson entra, discute com o duque. Luta corporal. Dez horas... Evita o assassinio de um homem. Todos se acercam do local e Clarkson exhibe a declaração do duque de que desejava divorciar-se da duqueza...

Gerard e a duqueza vencem... e a «Estrangeira» segue depois, com o seu marido, para a America, onde elle é o rei do cimento...

A felicidade que a procurava.

Amor e Champagne

(Conclusão)

la, senhora da situação, disse-lhe que Sybill era o producto do primeiro amor que os vinculára naquelles dias longinquos, e que elle devia comprehender quanto era delicada a sua posição em face do caso. Fritz, vencido pela surpresa, deixou a cabeça pender na concha das mãos. E, na allucinação momentanea que o cegou e quasi o immobilizou naquella cadeira em que se sentara machinalmente, não comprehendeu que ali não era a mãe que defendia a filha — mas uma mulher que disputava a outra mulher a posse e o amor do mesmo homem!... Fritz não comprehendeu isso e deixou-se vencer...

Sybill, por sua vez, se entregou nos braços do maior desespero e verteu as lagrimas mais sentidas que já brotaram em olhos de mulher. E, por uma coincidencia desconcertante, sob a emoção dessa tragédia que lhe abalava a alma — nessa mesma noite, em meio á festa que se realizava no hotel, Sybill foi eleita a «Rainha da Belleza» — sendo coroada pela multidão, entre acclamações, vivendo a sua maior gloria de mulher com as suas lagrimas mais amargas nos olhos!...

Sob a emoção daquelle paradoxo cruciante, de ter soffrido na mesma noite o seu maior revez e a sua gloria maior, Sybill perdeu o controle dos nervos e dispoz-se a acabar com todos os seus soffrimentos, acabando com a vida. E, pelo abandono da madrugada, cautelosamente, partiu do hotel, deixando a Confissão do seu desvario numa carta, e, com os «skys» nos pés, poz-se a correr pelo deserto de gelo, em silencio, no frio cortante da madrugada, na ansia de encontrar o primeiro abysmo... A esse tempo, Ducie, dando pelo desapparecimento de Sybill, correu aos aposentos de Fritz, certa de que este a raptara. E na discussão que travaram, Fritz acabou sabendo que Sybill não era sua filha e que tudo aquillo fôra inventado tão somente para deter-lhe a loucura amorosa que os projectava um sobre o outro. Mas Fritz comprehendeu que urgia procurar Sybill. E partiu no seu encalço, louco de ansiedade e de amor, na esperança de salval-a, depois de mandar organizar uma expedição para outras batidas...

Duas longas horas decorreram. A manhã já começava a sorrir quando a expedição, abeirando-se de um abysmo, avistou lá em baixo, manchando a alvura da neve, dois corpos humanos muito achegados um do outro. O primeiro dos expedicionarios recuou, cheio de pavor. Persignou-se e chegou a rezar uma oração...

A «camera» aproxima-se, porém. E lá no fundo do precipicio, Fritz e Sybill vivem!... — vivem a loucura de um beijo ardente, no qual fundem os dois corpos num só e no qual marcam a aurora de um amor que não acabará nunca mais!...

ARCA DE RARIDADES

(NOTAS DE UM ANTIQUARIO)

III

TOCA as raias do sobrenatural a collecção de marfins religiosos de José de Souza Lima, ou sejam cerca de quinhentas peças onde ha para mais de duzentos crucificados.

E', a meu ver, a mais notável das nossas collecções de arte antiga.

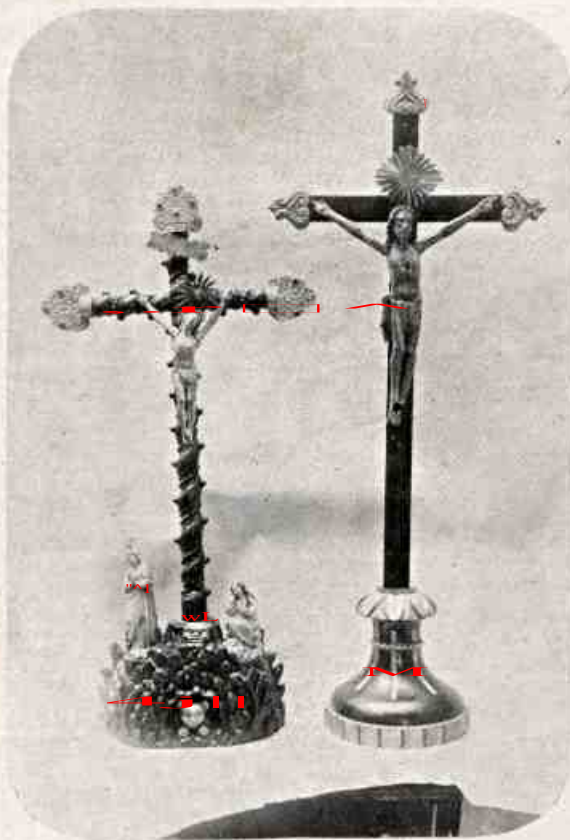
Difficillima pela pesquisa, pelo valor estimativo e pelos meios de conseguil-a. Não é simples arrancar-se um crucifixo da sua cruz de cedro com remates de ouro, prata e bronze, trocando a calma de um altar ou o recato de um nincho para figurar no mostruario profano de um amador de raridades.

Essa paixão tem dado agua pela barba a esse desvelado amigo. Andei com elle, no anno atrazado, por S. João del-Rey, toda uma semana santa, á caça de reliquias imprestáveis para as igrejas, mas utilissimas para a sua collecção. Era de vel-o quasi a atropelar vigarios, sacristães e baixos funccionarios das irmandades, á cata dos motivos do seu desmesurado interesse. E quasi sempre os encontrava ao alcance da mão, quando não era necessario emprehender uma escalada ao sitio indicado, onde uma velha ermida, em ruinas, ainda occultava no seu bojo augusto um Nazareno supliciado, com as carnes dilaceradas, escorrendo rubis sobre uma pelle de camelia morta.

Destarte, os seus preciosos marfins merecem a maxima estima.

Ha no meio delles assumpto para um estudo interessante de expressões, de anatomias, de raças, de épocas, de interpretações artisticas, e até de sentimento e poesia, nessa immensa tragedia do Calvario, que a esculptura modelou na plasticidade de um dente de elephante.

Parece-me unica na America, e pouquissimas existirão no mundo, como essa esplendida exposição de soffrimentos christãos que a mão do artista condensou em traços indeleveis, perpetuando no mesmo rasgo de genio arte e religião.

As proprias cruzes se apresentam imponentes, verdadeiros prodigios de talha e cinzeladura.

Crucificados da collecção José de Souza Lima.

monstruosas offensas ao lenho humilde onde o doce galileu fechou os olhos para redimir o seu povo.

Como disse além, curioso seria um estudo de signaes que evidenciem as varias raças onde se moldaram esses magnificos especimens sagrados. Vêem-se, na bella mostra de Souza Lima, Christos latinos, orientaes e anglo-saxonios, supportando a tortura ao modo do seu sangue. Pendem os rostos em diversos sentidos. Tombam os membros em multiplas posições, que accentuam as phases do martyrio. Ha imagens que ainda vivem, outras que agonizam, outras que expiram. Olhos escancarados, que illuminam o mundo, espargindo scentelhas de ampla fé christã. Olhos que a pouco e pouco se vão cerrando para o mysterio da morte, numa dorida sensação de drama que se acaba. Olhos que ainda parecem sorrir, seguindo uma alma que se evola ao céo e já vae quasi a attingir as lindes da bemaventurança.

Por outro lado, um paciente anatomista teria, nesse vistoso amphitheatro, campo vasto de indagações scientificas, desde o modelo mais grosseiro ao exemplar de linhas mais cuidadas. Para não accrescentar quantos poemas um poeta seria capaz de colher nessa amargura que se distilla em cada gotta de sangue daquelles corpos macerados que a dôr contorce como a ensaiar o vôo supremo para a mansão celestial, onde os espera um regaço de consolo e redempção.

"Perdoae-lhes, Pae. Elles não sabem o que fazem..."

Tal qual os colleccionadores.

GASTÃO PENALVA

NOTA

Temos o prazer de communicar ás nossas amaveis leitoras que, no presente numero, esta revista iniciará a publicação de uma *Secção Culinaria*, na qual serão incluidas receitas simples para se fazerem em casa deliciosos bolos e doces. Todas as receitas são de peritos na arte culinaria e foram experimentadas, assegurando, portanto, resultados perfeitos, uma vez que as instrucções sejam cuidadosamente seguidas.

A redactora desta secção terá muito prazer em attender a quaesquer pedidos de informação que as leitoras porventura desejem fazer. Pedimos que essas perguntas, assim como os pedidos para receitas especiaes, sejam enviadas á redacção do FON-FON. (Secção Culinaria). As receitas solicitadas serão publicadas em numeros subsequentes.

8 REGRAS PARA SE OBTEREM OPTIMOS RESULTADOS NA CONFECÇÃO DE BOLOS EM CASA

E' ambição de toda dona de casa obter sempre um resultado perfeito na confecção de bolos. No emtanto, isso facilmente se conseguirá, praticando as regras abaixo:

1. Ter tudo de tal modo preparado, que os ingredientes e utensilios necessarios estejam á mão quando precisos.
2. Escolher sempre os melhores productos. Os melhores são os mais economicos, no final das contas.
3. Seguir á risca as instrucções dadas.
4. Ser sempre systematica e precisa nas medidas, de modo que os resultados nunca variem.
5. Usar sempre medidas rasas.
6. Si não tiver experiencia, escolha, para a sua primeira tentativa, um bolo simples, sem coberta.
7. As fôrmas para bolos, em camadas e outros, variam em tamanho. Portanto, ao escolher a fôrma que vae usar, veja primeiro quanto a receita vae dar.
8. Todos os bolos devem ser assados no centro da grelha do meio — onde o calor é uniforme. Bolos pequenos e em camadas devem ser assados rapidamente em forno quente, e bolos maiores devem ser assados mais lentamente, em forno moderado.

DOIS BOLOS TEMPERADOS COM CAFÉ

O que seria mais apropriado para ser servido em casa de brasileiros do que bolos temperados com café? Pois bem, experimente estes — são deliciosos. Nenhuma pessoa da familia deixará de apreciai-os. O café dará a estas receitas um sabor novo e delicioso.

No emtanto, é tão facil temperar bolos com café como o é com chocolate ou outros ingredientes quaesquer. Faça o café como de costume, como si fosse para o jantar, com a unica excepção de que deverá ser adoçado; depois, junte-se á massa, de accordo com as exigencias das receitas.

As receitas abaixo dão as instrucções necessarias para a confecção dum delicioso bolo de chocolate, ao qual o café dará um sabor novo e interessante, e de um bolo esponja commum. Por que não experimentar uma destas receitas hoje e fazer uma surpresa á sua familia?

BOLO ESPONJA

3/4 de chicara de café môrno.
3 ovos.
1 colher de chá de essencia de baunilha.
3/4 chicara de assucar.
3/4 chicara de farinha de trigo.
1 colher de chá de Pó Royal.
1/4 de colher de chá de sal.

Junte as gemmas dos ovos ao café e bata até ficar bem leve. Junte, aos poucos, a essencia de baunilha e o assucar e bata durante cinco minutos. Peneire a farinha com o Pó Royal e o sal e junte, aos poucos, á massa. Junte, depois, as claras bem batidas. Asse em fôrma não untada e em fôrno moderado (169° C) durante 40 minutos. Deixe a fôrma de cabeça para baixo até esfriar. Este bolo deverá ser servido com sorvete de baunilha ou com crême batido, adoçado e temperado com algumas gottas de baunilha.

BOLO DE CHOCOLATE E CAFÉ

1/2 chicara de manteiga.
1 chicara de assucar.
1/4 chicara de calda de assucar.
5 gemmas de ovos.
1 colher de chá de essencia de baunilha.
3 barras de chocolate amargo.
3/4 chicara de café forte e quente.
1 3/4 chicara de farinha de trigo.
3 colheres de chá de Pó Royal.
1/4 colher de chá de sal.
3 claras de ovos.

Bata bem a manteiga; junte o assucar, aos poucos. Junte a calda. Bata as gemmas até que estejam bem grossas e côr de limão. Junte á massa. Derreta o chocolate no café quente, deixando a mistura engrossar; esfrie. Peneire tres vezes os ingredientes seccos e junte-os e o café, alternadamente, á massa. Junte, aos poucos, a baunilha, e, em seguida, as claras bem batidas. Asse em fôrno moderado (175° C) durante 35 minutos. Ponha em duas fôrmas quadradas rasas. Junte as camadas e cubra com merengue.

É FACIL FAZER UM BOLO PERFEITO

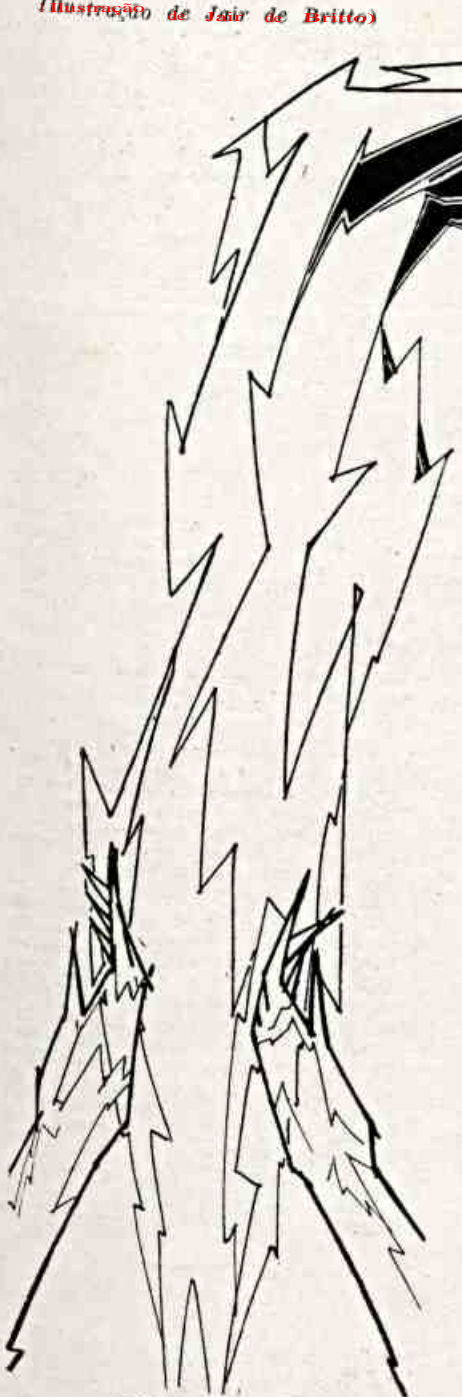
Sente-se verdadeira satisfação, e até orgulho, ao apresentar-se um bolo feito por nós. A sensação é semelhante á do artista que acaba de terminar uma obra prima. E, verdadeiramente, ha razão de sobra para que qualquer bolo feito com as receitas *Royal* seja, por este só facto, uma obra prima. Com estas receitas, scientificamente comprovadas, ao ponto de absoluta perfeição, até uma novata não precisa temer um fracasso.

Quasi todos os bolos são uma variação de uma receita "modelo" que serve de base. De posse desta receita, tem-se possibilidade de fazer uma infinita variedade de bolos deliciosos e sempre perfeitos. Aqui temos a receita basica, ou seja a receita "modelo":

BOLO DE MANTEIGA MODELO

1/3 chicara de manteiga.
1 " de assucar.
1 " de leite.
2 " de farinha.
1 colher de chá de extracto de baunilha.
1 colher de chá de Fermento Royal.
1/4 colher de chá de sal e 2 ovos.

Bate-se bem a manteiga até ficar em creme; addiciona-se o assucar aos poucos, batendo bem; juntam-se as gemmas dos ovos e a baunilha; bate-se bem; addiciona-se o leite alternadamente com os ingredientes seccos, os quaes devem ter sido peneirados juntos; mistura-se bem, mas não se bate. Misturam-se ás claras de ovos batidas. Assa-se dentro de uma fôrma untada em forno moderado (350 F°) cerca de 45 minutos ou em duas fôrmas razas, untadas, em forno moderado (375 F) por 20 minutos, ou ainda em pequeninas fôrmas untadas, em forno moderado (380° F) cerca de 20 minutos.

(Illustração de Jair de Britto)

Os tres aspectos da minha alma

Por Padua de Almeida

DESEJARIAS, talvez, que eu te fizesse rolar mais cem degráos de humilhação, na descida para o odio... Querias que eu te despertasse uma revolta maior do que a que te despertei. Mas, eu me calei, impassivel, deante do teu desejo. Quedei-me deante de ti como um horizonte em face de um navio que o ameaça com todos os seus mastros. Não me irritei. Não sorri. A minha alma acolheu-te mais fria do que a mão de um cadaver...

E, então, amaste-me. E, depois que o teu amor chegou para a minha alma, tornei-me outro.

Um arco-iris pousou em meus cabellos transfigurados... E a brisa falou-me: "Vim do céo para sentir-te...:" E as sombras se ergueram do chão, como passaros, e adoçaram o meu caminho... E toda a ternura do espaço me seguiu, para que eu me identificasse ao silencio, ao ar e ás estrellas...

* * *

Foi sob o influxo dessa espiritualidade que te confessei:

"E' só a ti que eu amo, é só a ti, meu amor.

"Eu te amo, eu te amo! E este sentimento, que paira na luz infinita e vagueante das minhas retinas, cresce dia a dia, e faz-se immenso como o ar, e vae além das constellações, e perde-se na eternidade branca do céo.

"Meu amor, quanto me sinto grandioso por te amar!

"Este amor põe uma aza tremula em cada uma das minhas idéas; e, agora, o que falo toma uma belleza ágil e desconhecida que lembra as alturas, — porque a tua graça me envolve de uma serenidade celeste, ignotamente celeste.

"Desde que te amo, tenho a impressão de que sou eterno, de que sou immensuravel, de que estou fóra do tempo e do limite. Sou todo um vôo, todo o espaço, todo um rythmo sem fim. Tudo isto devido ao teu olhar, que me disse: *Socega, que eu tambem te amo.*

"Não quero, todavia, magoar a tua placidez, nem ferir a tua quietude, nem macular o teu socego, affirmando que vim de longe, — de longe, — só para amar-te, meu amor!

"Não quero que o Destino pouse o dedo de luar sobre o teu hombro delicado, e te avise: *Alguem está para fazer-te soffrer. Ahi vem alguem que deseja quebrar o fio espiritual da tua existencia.*

"Não! Não o quero. O meu egoismo vibra mais largo do que este capricho.

"Mas, eu te amo, eu te amo! E, por te amar, o céo se desenrola até a minha alma, esquecendo-se de mim.

"O azul do espaço estende-se dentro de mim, e alonga-se pelos meus nervos, e afunda-se em meu sangue, e alteia-se em meus olhos, e anniquila-se em minha tristeza.

"Eu te amo, eu te amo! E, amando-te, sigo pela Terra como um céo perdido, um céo que não sabe si ha de anoitecer, si ha de amanhecer, si ha de ir para o teu coração, si ha de ir para a morte..."

* * *

No emtanto, eu descobri, emfim, que a espiritualidade que me elevava sobre o mundo não era infundida por ti: era de mim que ella subia, era de mim que ella voava para as alturas...

Era da minha alma, e não da tua...

Após essa descoberta é que te venci: e hoje para o meu olhar és apenas como uma nuvem que passou entre as minhas mãos e que se deu para sempre em minha indifferença...

NOTAS DE ARTE

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO — Mais um bello triumpho da O. P. R. J., o concerto realizado no T. M. em a noite de 22 de junho, 5.ª da assignatura e 6.ª da serie desta temporada. Ao lado do notavel regente Burle Marx, figurou como solista a grande pianista Antonietta Rudge. Teve inicio o sarão musical com a *Suite*, de Lorenzo Fernandez — *Reisado do Pastoreio*, seguiu-se-lhe o *Concerto em dó maior*, de Beethoven; e finalizou com a *Symphonia Fantastica*, de Berlioz.

A *Suite* de Lorenzo Fernandez, quaesquer que sejam as restricções que lhe possam fazer os technicos, pareceu-nos um bello poemeto de brasilidade, sem ser musica inteiramente plebéa. Reflecte toda ella melodias e rythmos significativos da alma citadina ou sertaneja, mas devidamente tratados por um poeta do som. Certo não é esse o genero de arte que mais nos agrada, nem é elle que constitue a grande arte que não tem patria e pertence a todas as patrias, como é, por exemplo, a *Symphonia Fantastica*. Mas, no genero, é um louvavel esforço em prol da musica inspirada no meio physico e social brasileiro. O *Pastoreio* e a *Toada* nos impressionaram melhor que o *Batuque*, não obstante ser este o tempo mais applaudido. Nesta época de apotheose ao *pontapé* e ao *murro*, é natural que o gosto se deturpe e se prefiram mais *ruidos* do que sons...

O *Concerto em dó maior*, que pertence ao periodo inicial da carreira de Beethoven, que criticos como Chantavoine consideram de *interesse relativo*, foi interpretado com a costumada mestria por Antonietta Rudge, que deu ao piano saliente papel no conjuncto orchestral. Era de ver-se a perfeição parnasiana, a serenidade classica com que a grande pianista interpretou o poema beethoviano. Deu-nos a impressão de uma deusa no marmore esculpida que, descendo do altar, começasse a tocar. Dir-se-á agora, esse toque era frio como o marmore; mas nós diremos que era sereno como a deusa. Poder-se-ia, na verdade, exigir mais calor, mais vida, mas talvez, se nos satisfizesse a exigencia, a pianista não conseguisse interpretar com tanta perfeição a obra do artista. Ademais, nas peças que se lhe seguiram, executadas a chamados insistentes da platéa, e foram *Impromptu*, de Henrique Oswald, *Mazurka*, de Chopin, e *Estudo*, de Mendelssohn revelou-se-nos toda a sentimentalidade de que é capaz a arte pianistica de Antonietta Rudge.

Burle Marx revelou todas as suas grandes qualidades de regente dirigindo a execução da *Symphonia Fantastica*. Obra genial pela concepção e pela realização, tem alguma coisa de dantesco e de shakespereano. Desses tempos, mais especialmente admirámos: o lyrismo da scena campestre e o sonho infernal da noite do Sabbat. Tudo é grandioso e empolgante. Ouvindo a *Symphonia Fantastica* tem-se a impressão de que ninguem, mais do que o proprio Berlioz, lhe caracterizou o genio musical: "As qualidades dominantes da minha musica — escreveu nas suas *Memorias* o genial compositor — são a expressão apaixonada, o ardor intimo, o arrastamento rythmico e o imprevisto". Tudo isso se nos depara na celebre epopéa sonora. Tudo isso percebemos na interpretação da Philarmonica, apesar das restricções que lhe possam fazer os technicos, affeitos com a leitura e audição da partitura. Para nós, como para o publico, foi mais um espectaculo de belleza sonora ouvir-se, pela orchestra de Burle Marx, a celebre composição de Berlioz.

MARIA EUGENIA CELSO — Na E. B. A., em beneficio de instituição catholica patrocinada por dona Noemia de Almeida Fagundes, realizou-se, numa tarde do penultima semana, artistica palestra de d. Maria Eugenia Celso, que nos deu mais uma opportunidade de ouvir a palavra conceituosa e brilhante da eminente poetisa do verso e da prosa. Discorrendo sobre o thema

— *O perigo de ter idéas* — desenvolveu-o com a costumada *verve*, esmaltando o discurso com lindos versos, de que destacamos *Inspiração* e *Azas*. Os dois poemas merecem bem o elogio tirado da reciprocidade dos titulos, chamando-lhes *azas da inspiração* e *inspiração das azas*: tanto são aladas as palavras do primeiro, como inspiradas as estrophes do ultimo. E' escusado dizer que a conferencista foi vivamente applaudida.

ADACTO FILHO — Anthologia de canções estylizadas, o bello e invulgar concerto do barytono brasileiro Adacto Filho, realizado no salão nobre do L. A. O. em a noite de 24 de junho. Bello pela escolha das peças e pela interpretação do cantor, e invulgar pela variedade racial das canções: 3 ciganas, 3 gregas, 1 hebraica, 3 russas, 7 hespanholas, 4 sicilianas, 2 argentinas, 8 brasileiras. Se os motivos de cada peça representam melodias e rythmos inventados pela imaginação popular, a sua estylização resulta da arte superior que as recreou, tornando-as cantos novos, ou as harmonizou, valorizando-lhes a creação inicial. Reduzidas ao estado primitivo, não seriam obras de verdadeira arte, como são recreadas por A. Dvorak, Maurice Ravel, Rinsky-Korsakow, Balakirew, Mousorgsky, Falla, Favara,

De Oscar D'Alva

Lopes Buchardo, Lorenzo Fernandez, e harmonizadas por L. Gallet e Villa-Lobos.

Pareceu-nos quasi irreprehensivel a interpretação. Adacto Filho tudo cantou como quem possue bella voz, ama e sabe a sua arte. Foram favoraveis todas as impressões que experimentámos, muito embora, dada a variedade das canções, nem todas nos produzissem o mesmo gráo de emoção. Entre as que mais se destacaram pela propria belleza e pelo valor da interpretação, assignalamos *Canção hebraica*, de Ravel; *Kopak*, de Mousorgsky; *Tunazzioni di li catitara*, de Favara, e *Papae curumiassú*, de Villa-Lobos. As tres ultimas foram bisadas.

Merece elogio especial a organização do programma. Não foi o recital apenas a exhibição de bellas canções, mas tambem uma demonstração da alma musical de cada povo, segundo o seu cancioneiro estylizado. Além de agradar, instruiu o concerto do cantor patricio. Oxalá que outros cantores, ou instrumentistas, em relação a todos os generos de musica, adoptem, em alguns dos seus concertos, o mesmo criterio de Adacto Filho.

ALEXANDRE UNINSKY — Depois de alguns annos de ausencia, reappareceu entre nós o pianista russo Alexandre Uninsky, fazendo-se ouvir no T. M., na tarde de 25 de junho, em — *Preludio e fuga em ré menor*, de Bach-Busoni; 2 *Sonatas*, de Scarlatti, e *Capricho em mi maior*, do mesmo autor; *Fantasia em fá menor*, 2 *Mazurkas* e 2 *Estudos*, de Chopin; *Triana* e *Cordoba*, Albeniz, e *Rhapsodia Hespanhola*, de *Liszt* — e ainda alguns extra, todos ou quasi todos *Estudos* e *Valsas* de Chopin.

Adolescente quando aqui esteve ha tres ou quatro annos, é ainda muito moço, e no emtanto se revelou um pianista de escol. Se não nos emocionou bastante tocando Bach e Scarlatti, em compensação exaltou muito a nossa sensibilidade ouvindo-o em Chopin e Liszt. Sem falar nas *Mazurkas*, nos *Estudos* e na *Valsa*, bellamente interpretados, destacamos especialmente a *Fantasia em fá* e a *Rhapsodia Hespanhola*, onde se conjugaram, em nitido relevo, a perfeição da technica e a belleza da expressão. Pena foi que, para ouvir o pianista, houvesse apenas reduzido auditorio. Uninsky merece mais attenção e mais enthusiasmo.

ASTUCIA FEMININA. — Teu marido não tem o costume de tirar os sapatos, quando chega de madrugada?
— Tinha; agora, porém, desistiu desse habito. Antes de deitar-me, espalho umas tachinhas pelos degráos da escada...

EM CASA DO SR. JULIO LEQUIN

BELCHIOR

— ... Tenho um amante, dizia a senhora Bleuze, subindo, a partir do Boulevard Saint Michel, a rua Soufflot, para entrar na rua do Quarteirão — S. Jacques... Tenho um amante!... ou pelo menos, dentro de uma hora, o terei. Meu Deus, como é interessante!

Passava a lingua nos labios como para saborear o gosto dum bon-bon. E, ainda que fôsse "a primeira vez", parecia-lhe "divertido"; de facto: nada de mais. Era uma mulherzinha muito simples, sem complicação.

A coisa se passára de um modo tão natural! Em companhia do marido, sr. Bleuze, chefe de escriptorio de grande empresa official, ella fôra, certo domingo, áá noite. jantar em Hyeres, em casa de uns amigos. Sr. Bleuze levou *Turco*, o cão. A's dez horas tomaram o trem, de segunda, para voltar a Paris. Na estação do P.-L.-M., a sra. Bleuze, fatigada, propoz tomarem um taxi. Bleuze recusou. Isso por duas razões: pela despesa que considerava inutil; e porque achava que *Turco* tinha ainda necessidade de ser "passeado". A sra. Bleuze chamou-o de egoista e avaro. O sr. Bleuze resistiu; e, com autoridade, embarcou a mulher no bonde — linha 14 — emquanto elle tocava a pé com o cão.

No trajecto, a sra. Bleuze, exasperada, soluçava baixinho, por debaixo do lenço, sem desconfiar que, em frente á ella, certo joven a observava. Era pequenino, de cabellos castanhos tocados ao ruivo, nariz arrebitado, bonita pelle, de esmalte, transparente. Trinta annos apenas, segundo as apparencias. O joven viu os soluços pararem pouco a pouco, emquanto os labios esboçavam um sorriso perverso: "Aqui está uma mulherzinha, pensou elle, que acaba de rusgar com o marido ou o amante... Antes com o marido. Tem um ar "honesto". E sentiu com a vingança, que, no caso, todas as mulheres procuram exercer." Comquanto se houvesse em conta de psychologo, maior motivo para se enganar, por acaso não errara.

Elle chamava-se Lequin — Julio Lequin. Tão pobre que foi obrigado a renunciar aos estudos na escola de direito. O pae morrera-lhe de repente. Para viver, precisou retomar a direcção da pequena loja de belchior-livreiro do quarteirão Latino: *Jurisprudencia, livros novos e de occasião*. Isso dava-lhe apenas para não morrer de fome. No emtanto não era infeliz, pois soffria da estranha e pouco vulgar molestia, do gôsto pelas coisas e pelos livros de direito, o que lhe proporcionava o inicio de certa clientela. Mas tinha tambem gôsto pelas mulheres e não possuia nenhuma. Sabendo latim, frequentemente repetia esta phrase das *Confissões*, de Santo Agostinho: "*Non dum amabam, sed amare amabam, et, amans amare, quod amarem quærebam*". O que significa: "Eu não amava ainda, mas gostaria de amar, e, gostando de amar, procurava a quem amar".

...A sra. Bleuze desceu na estação da rua de Sena, porque morava na rua de Buci. O sr. Lequin desceu atraz. Inspirado por mysterioso demo, poz-lhe a mão sobre o hombro, como si a conhecesse muito. Voltando-se, por sua vez, coisa estranha, pareceu reconhecel-o.

— Senhor, senhor! Vá-se embora depressa! disse-lhe ella. Meu marido está a chegar com um cão muito máo!

Assim já os estreitava, á primeira vista, um laço de cumplicidade.

O humilde revendedor de obras de direito, novas e de occasião, não insistiu muito. Mas combinaram de se tornar a vêr; e reviram-se realmente, diversas vezes, nas alamedas do bosque de Luxemburgo. Não foi preciso muito tempo á sra. Bleuze para se decidir. Ficou convencionado que a coisa seria para cinco horas de quinta-feira da Quaresma, dia em que a loja estaria fechada aos freguezes, mas se abriria para ella.

Havia nos fundos da loja uma cama-sofá onde o belchior dormia á noite. Estava coberta de um chale imitação de casemira das Indias que pertencêra á defunta sra. Lequin, mãe do sr. Lequin; e, sobre a mesa, uma garrafa de vinho do Porto e biscoitos, pois o joven caprichou em arranjar a coisa.

A sra. Bleuze curvou-se para passar debaixo da cortina de ferro meio arriada. Como era de esperar, beijaram-se nos labios, longamente. A sra. Bleuze tomou a mão do joven.

— Vê como bate meu coração? disse ella, collocando a mão delle sobre o seu peito palpitante.

O coração batia-lhe, nada mais certo, mas era sobretudo porque ella havia caminhado depressa. De facto não se sentia muito commovida, e estava quasi humilhada. Queria ter um amante sobretudo, "porque devia ser assim", porque tinha sentidos e porque o sr. Bleuze a desprezava, porque se vê nos romances e no cinema que todas as mulheres têm um amante, portanto, por uma especie de

A garota naufraga — Oh, veja; veja quantos vapores! Façamo-lhes signaes!
O namorado — Não sei a que te referes, queridinha. Eu não vejo vapor nenhum.

EM CASA DO SR. JULIO

altivez devia ter ella tambem um amante.

Mas estava admirada de não se sentir como que transportada ás nuvens. Não haveria outra coisa? Não haveria mesmo mais nada?

O sr. Julio Lequin, por falta de habito, estava tão embaraçado quanto ella. Para disfarçar, serviu o vinho e offereceu os biscoitos. Renovava os beijos, e ensaiva caricias. A sra. Bleuze molhou os labios no calice e depois voltou á loja.

— Quantos livros! disse ella, francamente, quantos livros!

Nunca tinha visto tantos, estava impressionada. Sobre a escrivaninha, achava-se aberta a obra mais rara da collecção, offerecida aos clientes: o *Tratado das leis civis, de Domat*, 1724, dois volumes in-folio. Ella leu:

"As leis escriptas são um compromisso entre duas leis naturaes que se contradizem".

— Que asneira! disse ella: si duas leis são naturaes, não pódem se contradizer?

— Sim! replicou sentenciosamente o erudito belchior. E' uma lei natural, não é, que podemos dispôr da nossa fortuna como entendemos?

— Sim...

— Mas é tambem natural uma lei que diz que os filhos têm direito á fortuna dos paes. Então...

A sra. Bleuze nunca havia pensado nisso.

— Meu Deus! disse ella, muito compenetrada, como a vida é complicada!

Abandonou logo o importante in-folio de Domat. Seu olhar cahiu sobre uma obra mais modestamente encadernada, in-oitavo: *Tratado do adulterio*, por Godofredo Cahuzac, primeiro presidente da côrte de appellação de Angers, 1842.

Como, exclamou ella, os juizes se occupam do adulterio?... Ah, sim! Para o divorcio.

— Para o divorcio e para muitas outras coisas. As leis, ou antes, a jurisprudencia mudou: este livro é sobretudo interessante no ponto de vista da psychologia social! Elle mostra como a lei, a magistratura, a sociedade encaravam o adulterio, ha um seculo... Olha, artigo 337 do Codigo Penal, e pagina 57 do tratado de Cahuzac: "A mulher que pratica o adulterio soffrerá a pena de prisão durante tres mezes no minimo e dois annos no maximo; o cumplice soffrerá a mesma pena e, além disso, será passivel de uma multa de cem francos pelo menos e dois mil francos no maximo".

— Oh! mas é extraor-

Oh! balão branco que vae subindo!...

DEZEMBRO! O luar azulado! Sinos que badalavam alegregremente! Arvores cheinhas de luz! A vigilia tão serena no collo macio e morno da mamã! O velhinho invisivel e bom que distribuia a sua fortuna de brinquedos ás creancinhas bôas! Eu devia ser um anjo... pois elle nunca se esquecia de mim!

Meu sapatinho! Minhas bonecas! Minha infancia!...

JUNHO! O collo da mamã é sempre o mesmo, doce e acolhedor! Mas eu cresci tanto... Estou mais alta do que ella! Tantos sonhos povôam-me o pen-

LEQUIN-BELCHIOR — (conclusão)

dinario... Eu pensava, eu pensava...

— Que?

— Eu pensava que isso não tinha nada a vêr com ninguem: que o marido e a mulher... Pois até se matam por isso! Está nos jornaes que se matam! Signal que a lei não se envolve nisso e que a gente se arranja sozinha...

— Hoje... O flagrante delicto de adulterio só é passivel de uma multa de 25 francos. Mas é questão de uso... De resto, o marido tem sempre o direito de matar, segundo o Codigo: "O crime commettido pelo esposo sobre a esposa, assim como sobre o casal, no momento em que os surprehender em flagrante delicto na casa conjugal, é perdoado.

— Perdoado?

— Nem mesmo está sujeito a processo. O juiz póde dar absolvição.

— Mas si é a mulher que surprehende o marido?

— Oh! elle paga apenas cem a dois mil francos de multa. E ás vezes, mesmo, antes de 1842, elles livravam se por muito menos... Godofredo Cahuzac cita muitos casos...

Os olhos castanhos da sra. Bleuze tornaram-se singularmente brilhantes. Ella repetiu:

— A lei occupa-se disso, a lei occupa-se disso!...

("Tão pouca coisa, pensava ella, tão pouca coisa!")... O pobre sr. Lequin sentiu o coração gelar. "Sou estupido, dizia comsigo, absolutamente estupido! Metti-lhe médo. Não receiava nada! E vou eu, mostro-lhe o Codigo, a magistratura, a sociedade, surgidos entre ella e mim!"

— Não é mais isso, tentou elle dizer, não é mais assim! E' um livro antigo... Praticamente, tudo mudou!

Mas a sra. Bleuze não o ouvia. Subitamente, elle sentiu-se enlaçado. Subitamente foi elle que foi tomado, que se sentiu alvo de caricias ardentes.

— Eu não sabia, murmurou ella, eu não sabia!... E' pois muito sério! E' pois muito sério! Oh! como eu te amo, como eu te amo!

Ella achava-se em presença do perigo. Ella se admirava, amava-se a si propria, dentro desse perigo. Era ao perigo, era contra á sociedade que ella se dava.

Duas horas depois, no auto-omnibus que a conduzia á casa conjugal, os passageiros viam uma mulherzinha que devorava gulosamente as folhas do *Tratado do Adulterio* do sr. Godofredo Cahuzac, esse velho alfarra...

PIERRE MILLE

---

samento! Que frio, minha saudade!

O luar, macio e claro, parece feito de petalas de myosotis.

No céo, uma legião de de estrellas... No espaço, a chuva de fogos... os balões. Uns, tão pertos, tão accessiveis, outros a perder de vista como esperanças que se vão apagando...

Sortes! Sortes! Sortes! Que risadas tão frescas, tão sonoras! Sinto-me tão só! Tanto silencio envolve o meu amor!

Tic, tac, tic, tac... Dentro de meu peito, o relogio de meu destino bate compassado, esperando por você...

Oh! que balão branco, tão bonito, vae subindo! Leva aos céos a minha prece de amor...

Santo Antonio, Papa-Noel dos namorados, dae-me aquelle coração precioso que escolhi, um dia, para eu ser feliz...

Lys D'Orléans

ROMAN

JEANNE

SER seguida não é nada. As mulheres são sempre seguidas. O que importa é a especie do seguidor. Nisso é que reside a unica e verdadeira homenagem á belleza e á elegancia. Marton bem o sabe. Filha de pequenos negociantes, esposa de pequeno funccionario, pequena intelligencia, pequena figurinha, insignificantes vestidos, sonha com a grandeza. As artistas de cinema exhibem typos de amantes tão photogenicos! Que linhas naquellas calças collantes! Que graça naquelles smokings! Que perfis! Que olhares! Si essas maravilhas existem, porque não encontral-as?!

Sempre que seguem Marton, appetitosa e saliente, ella espera a aventura, a Aventura como a do film... E' a unica condição em que ella permitte quebrar, como uma chicara que deixassemos cahir, a honra do pobre senhor Marinet, Gaston Marinet, acceito sem amor, ha tres annos.

Até aqui, os acompanhadores ou os conquistadores de Marton têm sido de uma especie-série, absolutamente lastimavel. Não sei onde se mettem os bellos rapazes, os homens chic. Sem duvida nos meios luxuosos. E não abandonam isso para bater calçadas ou viajar no metro. Talvez nas grandes praias... nos casinos das estações de aguas... nos palacios da Côte d'Azur...

Marton encontra centenas de milhares de homens calvos, canhôtos, obésos, rachiticos, asmaticos, tuberculosos, valetudinarios, neurasthenicos, heredo... toda especie de coisas, que trazem as taras alcoolicas e dos desregramentos dos seus ascendentes: pelles cinzentadas, olhos myopes, boccas mal guarnecidas, unhas não feitas, gente inteiramente suspeita. E a gente é levada a pensar involuntariamente que se houvesse uma catastrophe, não seria dos mais bellos espectaculos, despir toda essa gente... E os mais tratados são feios, tão feios que está explicado porque não existe mais amor...

Marton mergulha dia a dia na neurasthenia. Torna-se irritada, sceptica, aggressiva. Recebe as homenagens sem polidez. Já não sabe repellir o ataque com o mesmo espirito de dantes, pardal de Paris de resposta prompta.

Vê-se condemnada a permanecer honesta. Que graça terá então a vida? Nem mesmo o movimento dos coupons e das liquidações nos grandes Armazens, poderá substituir as emoções divinas dos *rendez-vous*.

Estava justamente empenhada em arrumar numa prateleira uns chapéos de saldo, quando ouve murmurar um galanteio. Mal humorada, volta se com olhos flammejantes e fica boquiaberta. Ah! este sim! Certamente alguma "estrella" dum studio. Alto e magro, cabeça de artista, fino, ardente, já um tanto vincado pela vida, cabellos negros e espessos, mãos longas seccas, uma distincção e encantos mais perturbadores...

Marton perde-se em reminiscencias. Será um irmão de Mosjoukine, de John Barrymore, do defunto Valentino, de... de... Emfim, delles todos? Que surpresa quando elle lhe revelar o nome!

E, tanto estupor, tanta immobilidade animaram o assaltante. Apanha logo Marton pelo cotovello, offerecendo-lhe o chá. E ainda não havia respondido, quando um psyché... da secção de "manteaux", reflectia já as duas imagens caminhando lado a lado.

Diante de tão auspiciosos preludios, inuteis quaesquer protestos. Ella toma o chá com elle. Chá de limão. Tres bolos... Elle fala como um deus. Ella sente-se besta como uma mortal. O feno de Ceylão sobe-lhe á cabeça, como o champagne. Tudo gira.

Ao cabo de uma hora, elle a conduz ao metro, polidamente, satisfeito com a promessa de um *rendez-vous* naquelle mesmo sitio, para o dia seguinte.

Gaston Marinet, inquieto com esta mulher em hypnose, fareja com a ligeireza de um cão. Só depois de deitada é que ella se lembrou que não perguntou o nome, o nome que a deslumbrará certamente... Talvez não o quizesse confessar de momento, para ter a certeza de se fazer amar por si mesmo, não por seu prestigio.

No dia seguinte, só no momento do até logo é que ella ousa dizer timidamente:

— Não sei como se chama!

TISMO

L E U B A

E elle responde sem hesitar, com um sorriso estonteador:

— Fidelio.

Ella tem um choque. Tudo quanto havia previsto, pois não? elle deseja occultar-se. Achou de prompto esse nome admiravel: Fidelio! Como é bello, como é romantico! Fidelio... Parece a Marton já ter ouvido falar nisso... Musset? Victor Hugo? Rostand? Lamartine? François Coppée?... E' seguramente, na obra dum mestre, um heróe de alguma coisa de commovente! Que infelicidade, a falta de memoria!

Desta vez o *rendez-vous* é fixado para dahi ha tres dias, no parque Monceau. O mão trabalho corre sempre mais depressa que o bom, as seducções são mais rapidas que as conversações.

A multidão perde a cabeça com uma rapidez vertiginosa e tanto maior quanto a sua imaginação espuma, como ovos nevados. Ella julga-se portanto nada mais, nada menos que uma mulherzinha prestes a se transviar; é a heroina dum scenario magnifico, dum amor acima da sua vida quotidiana.

Tanto assim que não foi preciso muito tempo para marcarem a visita á casa do senhor.

Noite em claro! Horas de espera! Toilette nupcial! Febre... Fidelio!...

A's cinco horas, Marton sóbe uma escada, não das mais enceradas, num modesto immovel de uma rua movimentada. Sexto andar! Setimo céo! Marton está certa que é uma moradia provisoria. Elle alugou em qualquer lugar, para esperar coisa melhor.

No emtanto, lá em cima, debaixo do tecto, o romantico seductor tem o ar de quem está bem installado. As duas peças exiguas são inteiramente despidas de guarnição. E' limpo e completamente banal. Marton ri mais com os nervos que com alegria. Esquadrinha como mulher. Tagarella para esconder a avidez do exame.

E de repente, sobre os papeis duma escrivaninha, vê um enveloppe tão espantoso que não comprehende á primeira vista. O enveloppe traz:

Senhor Auguste Phidéliaut
caixeiro-viajante
17, *rue...*

Como o facho de um pharol rotativo, tres vezes o olhar de Marton passa e repassa.

E, logo, mais secca que uma pega deante dum corvo, ella diz, apontando o enveloppe:

— E' assim que se escreve o seu nome?

— Sim, faz o homem espantado.

— E você é caixeiro-viajante?

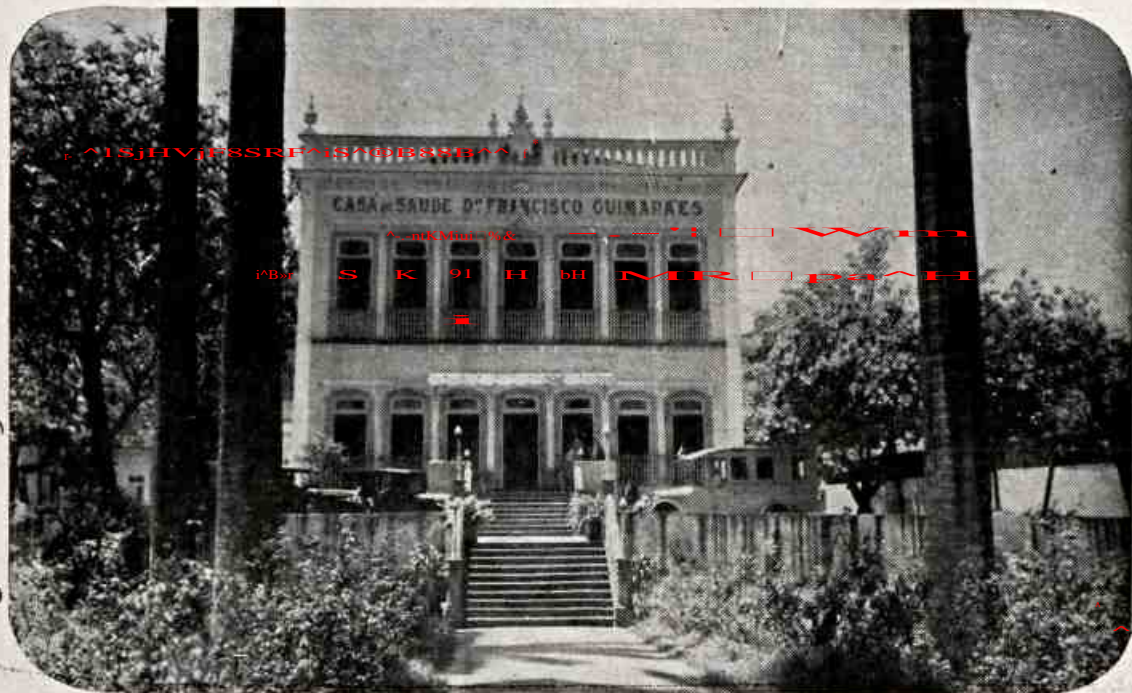
Sim, de perfumarias... Vou offerecer-lhe uns *sachets* de minha casa, para seus armarios...

Ella interrompe-o com um gesto e, com os olhos no relogio-pulseira, diz:

— Perdôe-me, esqueci que tinha uma volta a dar antes do jantar...

Fidelio fica aniquilado.

Marton volta espumando.

Gaston Marinet não comprehendeu que a sua honra valia bem uma crise de nervos.

TRAHIDA PELO MARIDO...

ENTRANDO no salão, M. Chaberolles vê sua mulher em conversa com uma dama elegante, desconhecida. Inclina-se reverentemente, esperando que mme. Chaberolles o apresente. Mas diz apenas:

— E' uma cozinheira que me mandam.

— Ah! ah! — faz Chaberolles. E, instinetivamente, faz-se muito erecto, para dissipar o effeito da curvatura precedente. Mme. Chaberolles examina os papeis que tinha nas mãos.

— Mas, diz ella, esses certificados são já antigos. O mais recente é de um anno. V. não trabalha ha um anno?

— Não, madame. Mas isso não quer dizer nada, porque eu estava presa.

Os Chaberolles têm um leve estremecimento. A cozinheira continúa:

— S o l a n g e Doucet. Monsieur e madame não se recordam do caso Solange Doucet?... Uma mulher que queimou o marido? Não? E' verdade que a gente não póde guardar todos os nomes... Ha tantos! E' por isso mesmo que, agora, quando uma mulher mata o marido, não é como a n t i g a m ente... contaram-me na prisão que antigamente, quando uma mulher estava nesse caso, por assim dizer, seu futuro estava garantido... eram cartas e mais cartas!... pedidos de casamento, mão direita ou mão esquerda... não se cumpria pena!... Pois bem! acabou tudo isso! Ah! lá! lá! As pessôas estão gastas, seu duvida! Eu não fui pedida em casamento, nem uma só vez! A prova é que me vejo forçada a trabalhar como dantes...

M. Chaberolles olha a joven cozinheira com certa inquietação.

— Será que, disse elle, você terá tido seu... emfim, seu gesto... na esperança de... de achar uma situação?...

Ella sorriu elegantemente e dá de hombros.

— Não, senhor, absolutamente!... Meu gesto, como diz o senhor, não foi, nem mesmo, o que conta o a d v o g a d o... Quando eu lhe contei como a coisa se havia passado, elle respondeu-me: "E' possivel que isso se tenha passado assim, mas é preferivel apparecer outra coisa". E appareceu o que elle chamou: "meu martyrio". A verdade é que a culpa foi muito simplesmente do jornal que estava debaixo do forno a gaz...

"Meu ciume, uma conversa. Acabava de me casar e casei-me com Luciano como com qualquer outro. Elle era bem mais velho que eu, não era nenhum homem bonito... comtudo, honesto, franco, razoavel... emfim, não era um desses homens com quem se sonhe á noite... Eu disse sim, quando elle me pediu a mão, porque todas as mulheres são iguaes: a gente se julga alguma coisa de extraordinario quando se vê deante do senhor! No momento em que iamos fixar a data do casamento, Luciano disse-me, tornando-se rubro, até os olhos, pobre rapaz: "Solange, precisamos esperar um pouco porque... porque tenho uma ligação... é uma mulher que me ama muito... muitissimo... Isso vae abalal-a, deixal-a... Preciso preparal-a pouco a pouco e ainda não ousei dizer-lhe nada... A prova que eu não era ciumenta é que fui eu que propuz. Offereceram-nos aos dois um logar muito interessante, muito bem remunerado, numa casa forte bancaria que ainda não havia fallido; mas o banqueiro tinha um "*ménage*". Eu disse a Luciano: "Ouve, seria estupido perdermos esse logar. Casemo-nos e tu continúas a ir ver a tua amiga como si nada houvesse, durante algum tempo, o necessario para ella acceitar pouco a pouco a idéa dum rompimento...'" Era razoavel. Foi o que fizemos.

"Tres vezes por semana, depois do jantar, meu Luciano dava um suspiro resignado, beijava-me ternamente, dizendo-me: "Então, vou vêl-a..." e lá se ia. Voltava duas ou tres horas depois e punha-me ao c o r r e n t e: "Disse-lhe isso, ella respondeu-me aquillo... Eu discutia com elle, dava-lhe conselhos, muita vez lhe disse: "Não a forces... Não vale a pena fazer escandalo...'" Certamente essa situação pesava-lhe mais que a mim... Porque elle me amava...

"E foi então que se passou a tal coisa do jornal debaixo do fogão a gaz... Mme. sabe bem: botamos sempre um jornal debaixo do fogão, por limpeza; para receber os pingos de gordura que saltam dos pratos, as pontas de phosphoros, etc.

NO REINO DE NEPTUNO. — O *peixe grande* (ao pequeno). — Reza um padrenosso por teu pae, meu filho, que acaba de subir ao céo.

De André Birabeau

Eu puz, portanto, um jornal, um jornal velho... não importa qual, e puz, não importa como... A infelicidade foi pol-o naquelle sitio.

"Sim, senhor, porque, que é que se dá quando somos cozinheiras? Vinte vezes no dia, ficamos paradas deante do nosso fogão. Ora, olhando uma caçarola, ora esperando que a agua ferva, ora cozinhando um legume. Emfim, durante todo o dia, os nossos olhos não sáem do jornal debaixo do fogão. Durante todo o dia lemos os mesmos titulos de artigos...

"No meu jornal, lia-se: *M. Briand pronuncia um discurso em favor da paz. Um desastre no Charollais. Uma chuva torrencial desaba sobre Nice. Trahida por seu marido, uma cozinheira queima-o...* O senhor comprehende: *Trahida por seu marido, uma cozinheira queima-o...*"

"Ah! posso dizer a noticia de cór: "*Um drama rapido desenrolou-se hontem e poz em polvorosa a pacifica rua Scheffer. Uma cozinheira, Josephina Berger, de 26 annos, ao serviço de M. A., industrial, tinha, ha muito, duvidas sobre a fidelidade do seu marido. Ao correr da discussão, ella agarrou uma vasilha dagua fervendo e jogou-a na cabeça do desgraçado...* (A continuação na 5.ª pagina.)"

"A continuação nunca a li, não ia levantar o fogão. O senhor comprehende, eu não lia esse jornal por curiosidade; propriamente, a noticia saltou-me aos olhos, sem que eu quizesse. E bastou.

"Pense bem, vinte vezes por dia, todos os dias a mesma phrase! E durante um mez! Ah! acaba por impressionar, juro! E' como si nos cochichassem ao ouvido sempre a mesma coisa! Si me dissessem agora que M. Briand faz discursos sobre outros assumptos que não a paz, não acreditaria; o Charollais parece-me destinado a um desastre perpetuo; e eu disse sinceramente a uma amiga, criada de quarto: "V. acceita uma collocação em Nice? V. está louca! Com as chuvas torrenciaes que estão cahindo lá?!..."

Quanto ás cozinheiras que são trahidas pelos maridos...

"Os senhores comprehendem bem? Ler vinte vezes por dia a mesma phrase durante um mez! Em pleno trabalho! Misturado a toda minha vida! Emquanto remexia minhas panellas! Emquanto areava as minhas facas! Emquanto cozinhava uma costelleta! Emquanto eu não fazia nada!... Ah! E' como quando a gente tem os cavallinhos de páo debaixo da janella: acaba-se por cantar a aria que elles nos verrumam aos ouvidos. Foi o que fez que, certa noite... vejo Luciano que se apromptа para sahir e digo-lhe: "Onde vaes?"; elle responde: "Tu bem o sabes. E' sabbado. Vou á casa de Raymunda..." Isso chocou-me de repente, pela primeira vez... Subito, pensei que eu tambem era uma cozinheira trahida pelo marido... Havia uma vasilha dagua que começava a ferver sobre o fogão: joguei-lha na cara... muito naturalmente...

Pequeno silencio, depois:

— Comprehendo muito bem, disse mme. Chaberolles. Mas nessas condições não posso tomal-a a meu serviço.

Quando Solange Doucet partiu: Tu tens muita razão, disse M. Chaberolles. Não é interessante ter-se um assassino dentro de casa! Mas mme. Chaberolles sacode os hombros:

— Isso não seria nada. Mas não ouviste a sua historia? O que ha de mais claro nisso, é que essa mulher passou mais de um mez sem mudar o jornal de sob o fogão!... Perdoaria á minha cozinheira muitas outras coisas, mas quero ao menos que seja limpa!...

— Quantos annos tens, avôsinho?
— Noventa e cinco, querido.
— Caramba! Deves estar quasi morto.

Conselho util:

De todos aquelles que têm sabido apreciar o quanto é util a leitura do magazine FON-FON, chamamos agora a attenção para o novo romance do consagrado escriptor MICHEL ZÉVACO intitulado *O FIM DE PARDAILLAN*, que está sendo editado pela primeira vez e cuja venda se iniciará quarta-feira, 1.º de julho proximo.

Ella — Tenha melhores modos, Pancracio. Lembre-se de que não está dirigindo nenhum caminhão.

O que nem

Havia, na Gallia, uma lei que prohibia aos rapazes cortarem os cabellos e a barba antes de terem dado uma prova de coragem entrando em combate, ou matando algum inimigo, pagando dessa fórma o seu tributo á patria.

*

Entre os cachorros domesticados contam-se cento e setenta e cinco raças differentes.

*

O costume de tragar o fumo, tão commum entre os fumantes, tende a apressar a degenerescencia physica, pois a quantidade de veneno que conduz directamente aos pulmões, e dahi ao sangue, causa, entre outros males, o endurecimento das arterias e a angina de peito.

*

Londres é a cidade do mundo que consome maior quantidade de carne, cerveja e batatas. Stockolmo, agua. Nova-York, ostras. Constantinopla, café e perfumes. Madrid, cigarros e phosphoros. Paris, pão. Napoles, macarrão. Lima, merengues. Buenos Aires, matte. Santiago do Chile, graxa de boi.

*

Descobriu-se um meio de dissipar, ou pelo menos diminuir o nevoeiro. Consiste em abrir na cerração uma especie de rua, por meio de uma corrente electrica, que a condensa e precipita no sólo em fórma de neve.

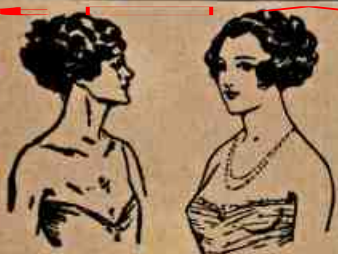
*

Acreditava-se até 1804, que o monte Chimborazo era o mais alto do mundo, mas depois verificou-se que no Himalaya estão os pontos culminantes da terra.

*

Um milhão de habitantes, approximadamente, vive na immensa região do Sahara, apesar das difficuldades que alli encontram para manter-se.

*

Nos tempos actuaes não ha nação onde não se possa ler a Biblia

— Mamãe: veja como estes dois senhores são carécas.
— Cala-te, Joãosinho; olha que te podem escutar.
— Mas, então, pensas que elles ainda não o sabem?

todos sabem

no idioma local, pois este livro se acha traduzido em todas as linguas.

•

A semana dos romanos, até a época dos Cesares, era de oito dias; a dos Athenienses de dez, e a dos hindús de sete.

•

As algas marinhas preparadas como os espinafres e misturadas com farinha constituem um manjar muito apreciado na cozinha ingleza do paiz de Galles.

•

Em Sevilha, havia no seculo XIV cerca de sessenta mil teares que se occupavam exclusivamente de tecer sêda.

•

Um automovel, que tinha a velocidade de 96 kilometros por hora, foi levantado do solo, á altura de 3 metros, por um aeroplano que voava sobre elle, e do qual jogaram um cabo a que devia agarrar-se um acrobata. O cabo emmaranhou-se no carro e o elevou a essa altura. O avião cahiu e o piloto ficou ligeiramente ferido.

•

O fóco de luz artificial mais possante que se conhece, é o do pharol de Heligoland, que tem quarenta milhões de velas.

•

Uma mocinha de quatorze annos, de uma familia muito rica, adquiriu o contagio da tuberculose usando uns brincos de brilhantes que haviam pertencido a uma amiga fallecida e atacada desse mal. Começou por uma ulceração nos lóbos das orelhas e logo incharam as glandulas do collo. A tuberculose fez-se de caracter pulmonar e generalizou-se rapidamente, dando-se o desenlace fatal em poucos mezes.

•

O centro universal do mercado de pedras preciosas é a Inglaterra; dali sae a cotação de alta ou baixa desses valores.

PALAVRAS DE AMOR

De Mitsi

PALAVRAS de amor — canção sentimental em que a alma enamorada de outra alma canta toda a sua adoração.

Palavras de amor — prece de carinho e ternura murmurada, de mansinho, por uns labios na poesia de uma noite romantica.

Palavras de amor — petalas de sonhos, de illusões e venturas que caem sobre dois corações, sobre duas vidas.

* * *

Quando encontramos, em nosso caminho, a creatura ideal, e queremos dizer toda a felicidade sentida por termos ficado presos á fascinação desse alguem, sómente as palavras de amor é que podem traduzir toda a ventura que nos empolga.

Quando se tem o amor no coração, com todo o seu sequito de illusões, o coração que vibra de alegria ergue, em sons vibrantes, as melopéas de sua ternura, de seu carinho.

Quando a alma desperta da sua solidão e haure as gottas de luz de um amor intenso, vibra de emoção quando dentro de uma palavra de amor desvenda todo o seu segredo.

* * *

Na manhã primaveril de um grande amor, as palavras de ternura têm o perfume que inebria o coração e a alma no encantamento de uma ventura.

No silencio de uma tarde azul, que lentamente morre, para duas pessôas que se adoram, as palavras de amor ecôam como melodias sentimentaes tangidas por deuses na harpa do destino.

Na poesia de uma noite de luar, — luar a acariciar dois enamorados — as palavras de amor têm o esplendor e a belleza das estrellas que sorriem no céo.

* * *

Ouvir as notas suaves de uma canção de amor, em que alguem canta todo o seu immenso querer, é viver a mais emotiva felicidade.

Ouvir aquellas palavras lindas que encerram um mundo de promessas, é erguer no amago d'alma o altar do sonho, noite e dia illuminado pelos cirios da esperança.

Ouvir palavras de affecto de alguem que é todo o nosso ideal, é sentir que, na caricia de um beijo espiritual, uma alma irmã vem prometter o que mais ambicionamos na vida: — o amor... a felicidade...

DOIS CASOS

QUEM não gosta de ouvir um caso interessante?

Quem não aprecia uma anecdota alegre, que nos faça rir e esquecer por momentos as magoas que nos envolvem e ensombram a alma? Mas não nos satisfaz sómente ouvir; queremos tambem passar adeante.

Tenho visto muitos semeadores de alegria, mas nenhum se compara a um moço que conheci em Pernambuco, pelo espirito, a graça espontanea, o chiste com que bordava os casos que contava aos amigos. Bem differente desse era um outro, do Rio de Janeiro, sem graça e sem memoria.

Com um amigo a quem suppliciava dava-se o seguinte: repetia-lhe a anecdota que delle tinha ouvido no dia anterior.

— Fulano, — dizia ao amigo, — vou contar-lhe um caso muito engraçado.

Repetia então, truncado e sem graça alguma, o que ouvira do outro.

O amigo fingia não conhecer e ria-se com elle, mas ria-se principalmente por achar graça na sua falta de memoria e... de graça.

Como esse desmemoriado, a cada passo se encontra um por estes Brasis a fóra, que, olvidando a maxima ingleza — *time is money* (tempo é dinheiro) — quando nos agarra de geito, para nos impingir os seus insulsos casos, não nos quer deixar mais.

* * *

Ha tempos, numa cidade do Estado do Rio, um infeliz desempregado suicidou-se, deixando em situação critica a sua familia, composta de mulher e seis filhos pequeninos.

A esposa do suicida, então, com um grosso cacete, entrou a esbordoar o cadaver do marido, exclamando, colérica, na maior indignação:

— Malvado! Como é que se vae matar deixando-me sem recursos e com tantos filhos para sustentar?!

Si não acodem depressa, o defunto seria reduzido a frangalhos.

O infeliz suicidára-se porque estava desempregado e lhe faltára a coragem para lutar pela vida.

— Eu mesmo trato do meu carro. Não encho os pneumaticos sinão a uns cincoenta kilometros fóra da cidade. O ar é mais puro...

AMERICANADAS

De Florio Falcão Alves

No hall. Elle a Ella:

— Bem, minha filha: vou-me para São Paulo, bem saudoso de ti! Mas, em compensação, regressarei breve, e então jamais nos separaremos. Só mesmo a morte. Dá, minha filha, um beijinho em teu querido. Não chores, por favor, sim? Não vês que eu te quero muito? Muito! São só 20 dias! Adeus, sim, meu amor?

— Não sei como poderei viver estes dias, sem ti! Sinto tantas saudades! Só ha 15 dias e já me abandonas!

— Mas, minha filha, si eu puder, regressarei antes, está bem? Adeus, meu amor!

No taxi.

— Toque para a Central!

Na Central.

— Oh! diabo! Deixei o sobretudo, e as luvas, juntamente com uns papeis que fazem tanta falta!

No taxi.

— Volte novamente para onde acabamos de vir! Entrando de repente no *hall*.

— Oh! Miseravel! Trahindo-me! Com outro?!... E eu, que te julgava a mulher mais fiel do mundo! Tu, em quem eu depositei tanta confiança! Tu, que foste os meus sonhos dourados, a minha vida! Miseravel! Que é que merecias agora? Um tiro, dois, tres, um milhão! Sem vergonha! Enganando-me desta forma! E ainda dizias que não poderias passar 20 dias na minha ausencia, hein? Falsa! Vertendo lagrimas de crocodilo! Mas fica certa que isto não póde ficar assim! Hei-de dar um fim a este espectaculo! Sonsa! Infame! Pôr-te-ei na rua como se põe um cão! E, então, has de vir cá pedir-me dinheiro, e eu hei-de cuspir no teu rosto!

Dirigindo-se ao outro:

— E o senhor, que é que faz aqui? Pelintra, que não tem onde cahir morto! Só cortando-lhe a cara a chicote! Quem é, afinal, o senhor?

O outro:

— Eu.... Eu.... sou o primeiro marido della!

Leopoldo D. Amaral

Differente é o caso de um casal morador numa pequena casa na Gavea.

O marido não trabalhava, por espontanea vontade, no que era imitado pela mulher. Ambos ociosos, a sorte lhes sorrira no jogo do bicho. Havia entre os dois a mais perfeita conformidade de genio e de desoccupação. Formaram um bom peculio e emprestavam o dinheiro tão mal adquirido a juros altos, a quem estava com a corda na garganta, o que lhes permittia viver sem trabalhar.

Depois que enriqueceram, o marido deixou de jogar, porém a mulher, não! — continuou viciada.

Do consorcio desse casal de usurarios, cujos nomes eram João Iria e Iria João, nasceu um filho, que recebeu o nome de Geroncio.

O pequeno era todo o enlevo de seus paes, que contavam fazer delle um grande homem do Brasil. Andando sempre descalço, aconteceu o Geroncio ferir-se num pé. Um prego enferrujado entrara-lhe na carne. Sua progenitora poz-lhe sobre a ferida uma droga caseira. Como peorasse, foi a creança conduzida a uma pharmacia.

O pharmaceutico medicou mal o doente, que não cessava de gemer. A despeito do remedio applicado, manifestou-se o tetano, que não tinha entrado nas cogitações do boticario.

Chamado um medico, este declarou que nada mais podia fazer, porque era um caso perdido e o menino não se salvaria.

Chamaram outro esculapio, que confirmou o diagnostico do primeiro.

Após prolongada agonia, fazendo contorsões horriveis, o pequeno veiu a fallecer.

Máu grado a seriedade do momento de grande dôr para o João Iria, que juntamente com sua esposa, soluçava ao lado do cadaver do pequeno Geroncio, Iria João, com a idéa fixa no jogo do bicho, após pronunciar phrases de desespero, exclamou:

— Meu filho, meu rico filho, peça a São João, pelo amor que elle tem a seu carneirinho, para dar amanhã o carneiro. Faça, meu filho, faça uma *forcinha* por sua mãe, lá no céo!...

Elle. — Margarida, quando "Lulú" acordar e desempedir a poltrona, deixas que eu me sente um pouquinho?

AS FAIAS

(SHERLOCK-HOLMES)

(Continuação do numero anterior)

— Olhe lá, não vá accusar-me de incivil, pelo facto de haver passado ao pé da menina sem lhe falar, ouviu? Vinha preoccupado com negocio sério.

Affirmei-lhe que não me formalizára de modo nenhum.

— A proposito, accrescentei, quer-me parecer que tem lá em cima uma série inteira de quartos devolutos. Ha um até, com os postigos fechados.

Manifestou surpresa, estremecendo, até, um quasi nada, ao ouvir a minha observação.

— A protographia é uma das minhas paixões, disse. Aquillo lá em cima é a minha camara escura. Mas valha-me Deus! Sempre me sahiu uma tal observadora! Quem o diria? Quem o diria, na verdade?

Dizia aquillo a modo de gracejo; os olhos, porém, é que não gracejavam, antes pelo contrario, denunciavam desconfiança e contrariedade.

Desde então, senhor Holmes, desde que me farejou que havia mysterio, apoderou-se de mim uma idéa fixa: desvendal-o! Não era motivo unico a curiosidade, comquanto me caiba o meu quinhão, tal qual succede a muita gente; era tambem um sentimento de dever, — o sentimento de que, se eu alli entrasse, poderia resultar algum bem. Ha quem ponha nas nuvens o instincto das mulheres: foi talvez esse instincto que me serviu de guia.

Em todo caso, eu dispunha delle, e com insistencia puz-me á espreita de um ensejo de transpôr a porta vedada.

Hontem apenas, se me offereceu este ensejo. Devo dizer-lhe que, além de Rucastle, tinham entrada naquelles aposentos inhabitados o Toller e a mulher; observei até que o homem levava para alli um sacco de encerado.

Ha tempos a esta parte, entregava-se mais do que nunca á bebida, e hontem á noite estava ébrio de todo. Quando subi, encontrei a chave na fechadura. Estou persuadida de que foi elle que alli a deixou. *Mister* e *mistress* Rucastle estavam ambos cá em baixo, com o pequeno, e portanto a occasião era excellente para satisfazer a minha curiosidade. Dei volta á chave, muito de mansinho, abri a porta, e insinuei-me naquelle recinto interdicto.

Encontrei-me em um corredor estreito, sem alcatifa e com as paredes caiadas. Voltava para a direita, em angulo recto o corredor. Na volta, tres portas, das quaes a primeira e a terceira estavam abertas, patenteando dois quartos vazios, empoeirados e tristes, um com duas janellas e o outro com uma só.

Achavam-se tão sujas as vidraças, que a custo deixavam coar a luz.

A porta do meio estava fechada, e segura com o que se me afigurou ser o varão de um leito de ferro, amarrado, de um lado com uma corda, e do outro preso por um cadeado. A propria porta estava fechada a chave; esta não se achava, porém, na fechadura.

A porta correspondia manifestamente á janella entaipada que eu observára na frontaria, e, comtudo, o raio de luz coado por baixo da porta confirmava-me não ser escuro o quarto. Era evidente receber luz por uma claraboia. Ao passo que eu observava aquella porta mysteriosa, cogitando qual o segredo que porventura encobriria, senti passos no quarto, e por entre a réstea de luz filtrada por debaixo da porta lobriguei um vulto a mover-se. Apoderou-se de mim um pavor desatinado, senhor Holmes. Faltou-me o animo, de subito, e deitei a fugir ás carreiras, como para escapar a uma férrea mão que tentasse agarrar-me pelas saias.

Atravessei o corredor, a porta, e vim esbarrar com *mister* Rucastle, que estava á minha espera do outro lado.

— Ah! Ah! disse, sorrindo, era a menina! Assim me quiz parecer, quando vi a porta aberta.

— Ai! Tive tanto medo! exclamei, offegante.

— Minha querida menina, — não imagina a que ponto era maviosa e terna a sua voz? — o que foi então que tanto a assustou?

A sua voz, comtudo, era insinuante em demasia. Exagerava. E eu acautelei-me desde logo.

— A curiosidade instigou-me a entrar na ala deshabitada, repliquei; mas lá dentro é tanta escuridão, que tive medo e deitei a correr. Ai! Que lugubre e silencioso esse corredor!

— E... mais nada? perguntou, varando-me com a vista.

— Ainda acha pouco?

— A que motivo attribue o achar-se fechada a chave aquella porta?

— Eu sei lá!

— Saiba então que é para impedir a entrada a quem não tem lá que fazer. Percebeu?

E sorria com a maxima amabilidade.

— Certamente... E eu, se o soubesse...

— Pois sim, mas ficou sabendo. E se tornar a pôr aqui os pés, — e num relance o sorriso demudou-se em contracção de ira, aterrando-me com o olhar diabolico que me lançou, — solto-lhe o cão de fila.

Tão assustada fiquei que nem sei o que fiz. Supponho que me afastei de repente e me retirei para

RUBRAS

Por CONAN DOYLE

o meu quarto. Não me lembro de coisa nenhuma até ao momento em que dei por mim, estirada em cima da cama. Lembrei-me então do senhor Holmes. Não podia persistir ali sem me aconselhar com alguem. Tinha mêdo daquella casa, daquelle homem, daquella mulher, da criadagem, do proprio pequeno. Incutiam-me pavôr. E parecia-me que a sua presença poria fim a tudo. Era evidente eu poder fugir daquella casa, mas póde mais em mim a curiosidade do que o medo. Resolvi telegraphar-lhe então.

Puz a capa e o chapéu, fui á estação telegraphica que fica a meia milha da residencia, e, á volta, já me sentia alliviada de um enorme peso. Invadiu-me, porém, um pavor medonho á medida que me approximava de casa, lembrando-me de que teriam talvez soltado o cão; occorreu-me, comtudo, que o Toller estava ebrio a cahir, áquella noite e que lhe não lembraria soltar o animal, o que só elle poderia levar a effeito, tão feroz era o molosso. Entrei sem embaraços, e passei uma parte da noite sem poder dormir, com a alegria de o ver apparecer de um momento para outro. Com facilidade alcancei licença para vir a Winchester esta manhã, mas tenho que estar de volta ás tres horas, visto que *mister* e *mistress* Rucastle vão visitar umas pessôas de amizade, e estarão ausentes toda a noite, de modo que tenho que fazer companhia ao pequeno. E agora, senhor Holmes, que já lhe expuz o accôrdo, muito desejaria saber-lhe a explicação e muito mais ainda o que é que devo fazer.

Tanto eu como Holmes haviamos escutado o mais attentamente possivel toda a historia. Levantou-se o meu amigo, entrou a passear pelo quarto de mãos nos bolsos, e lendo-se-lhe na physionomia intensa preoccupação.

— Achar-se-á ainda ebrio o Toller?

— E' mais que provavel. Ouvi a mulher dizer a *mistress* Rucastle que não conseguia sacar-lhe uma resposta em termos.

— Optimo! E os Rucastles sairão esta noite?

— Sáem.

— A casa tem algum subterraneo, com bôa fechadura?

— Tem.

— Quer-me parecer, *miss* Hunter, que o seu comportamento em toda esta conjunctura é o de uma senhora tão intelligente quanto animosa. Achar-se-á com forças de tentar ainda mais alguma coisa? Não lh'o pediria, se a não considerasse como uma mulher especial.

— Tentarei. E que vem a ser?

— Chegaremos ás Faias Rubras, eu e o meu amigo, ás sete horas. Achar-se-ão já ausentes os Rucastles, e o Toller ainda fóra de combate. Resta apenas a mulher para dar alarma. Se pudesse mandal-a buscar qualquer coisa ao subterraneo, e fechál-a á chave, facilitar-nos-ia sobremodo a tarefa.

— Fal-o-ei.

— Optimamente. Procederemos desde logo a minuciosissimo exame. Existe apenas uma explicação plausivel. Attrahiram-na para alli no intuito de representar o papel de alguem, e a legitima pessôa foi encerrada no quarto mysterioso. E' fóra de duvida. Quanto á reclusa, estou persuadido de que será a filha de *mister* Rucastle, Alice Rucastle, se a memoria me não falha, aquella de quem diziam ter partido para a America. A menina foi escolhida, sem a minima duvida, pelo facto de se parecer, pela altura, pela figura, e pelos cabellos. Os della haviam sido cortados, em resultado de qualquer doença provavelmente, e os seus, como é natural, tinham tambem de ser sacrificados. Mercê de curiosissimo acaso, a menina encontrou a trança que fôra cortada. O homem que se postava na estrada é sem duvida um namorado da infeliz — o noivo, provavelmente — illudido pela semelhança e ainda por aquelle vestido que a obrigaram a envergar. A sua attitude e a sua alegria incutiram-lhe a crença de que *miss* Rucastle vive muito alegre e satisfeita e que já não deseja ser requestrada por elle. Soltam o cão todas as noites para obstar qualquer communicação entre elle e ella. Tudo isto é claro como agua. O ponto mais serio da questão é a indole do pequeno.

— Mas que relação poderá existir?... exclamei.

— E' medico, meu caro Watson, e aprendeu a descobrir as propensões duma criança estudando os paes. Pois não vê que é verdadeira a reciproca? Por mais de uma vez encontrei um indicio ácerca do caracter de um pae estudando-lhe os filhos. A indole deste de quem estamos tratando é cruel a um ponto anormal. Atormenta por amor puro e simples á crueldade, e quer a propensão fosse da mãe, é um triste presagio para a malfadada menina que lhes caiu nas mãos.

— Estou convencida de que tem razão, senhor Holmes, exclamou *miss* Hunter. Occorrem-me mil pormenores que me provam que acertou. Ah! Não podemos perder um instante, se quizermos salvar a pobre creatura.

— Cumpre-nos ser circumspectos, pois temos que haver-nos com um individuo matreiro. Nada podemos emprehender antes das sete horas. Nesse mo-

(Segue adeante)

mento, achar-nos-á a seu lado, e em pouco tempo far-se-á luz sobre este mysterio.

IV

Fieis á nossa palavra, davam as sete horas quando chegámos ás Faias Rubras, deixando a carruagem na estrada, em uma estalagem. O grupo de arvores, de folhagem sombria, fulgindo como metal polido á luz do sol no occaso, seria para nós segura indicação da casa, se não se achasse presente a propria *miss* Hunter, toda risonha, á nossa espera no patamar.

— Foi bem succedida? perguntou Holmes.

No mesmo instante, chegou-nos aos ouvidos um ruido abafado, proveniente do sub-solo.

— E' *mistress* Toller no subterraneo, disse a aia. O marido está a resonar, estatelado no capacho da cozinha. Aqui tem as chaves della, são identicas ás do senhor Rucastle.

— Houve-se admiravelmente! exclamou Holmes, enthusiasmado. E agora queira ensinar-me o caminho, e, dentro em breve, achar-nos-emos inteirados acerca desta historia tão tetrica.

Galgamos escada acima, abrimos a porta, seguimos pelo corredor, e encontramo-nos em frente da barricada descripta por *miss* Hunter. Holmes cortou a corda, e arriou a tranca transversal. Experimentou diversas chaves na fechadura, mas sem resultado. Lá dentro não se sentia o minimo rumor, e ante um silencio tão absoluto, o semblante de Holmes assumiu expressão carregada.

— Ouso esperar que não tenhamos chegado tarde, disse elle. Sou de opinião que entremos ambos tão sómente, *miss* Hunter. Vamos, Watson, metta hombros a esta porta, a ver se a arrombamos.

A porta era muito velha e desde logo cedeu aos nossos esforços. Investimos por ali dentro. Estava vazio o quarto! Por unica mobilia havia um leitozinho de campanha, uma banca e um cesto com roupa.

A claraboia do telhado estava aberta e a presa fugira.

— Mais um acto de malvadez, exclamou Holmes. Aquella bôa alma adivinhou as intenções de *miss* Hunter e raptou a victima.

— Mas por onde?

— Pelo telhado. Vamos verificar como seria. Içou-se até á claraboia.

— Sem tirar nem pôr! bradou. Cá está o topo de uma escada de mão encostada ao beiral. Foi por aqui que elle se escapou com ella.

— Isso não póde ser, impugnou *miss* Hunter. Quando sahiram os Rucastles, ainda ahi não estava a escada.

— Voltou de proposito. Já lhe disse que é homem muito fino e multissimo perigoso. E não me admiraria nada que fosse elle que eu ouço na escada. Watson, parece-me que não seria mão armar o seu revolver.

Ainda bem não proferira estas palavras, eis que assoma á porta um homem muito alto e muito nutrido, brandindo um alentadissimo cacete. Miss Hunter soltou um grito agudo, e encostou-se á parede, mas Sherlock Holmes tomou o passo ao intruso.

— Miseravel! Que é feito de sua filha?

O homemzarrão lançou a vista em derredor e deu com a claraboia aberta.

— A mim é que me assiste o direito de lh'o perguntar, bramiu. Ladrões! Espiões! Salteadores! Apanhei-os, hein? Cahiram-me nas unhas! Eu lhes direi, deixem estar! Arremetteu por ali fóra e galgou os degraus da escada, a quatro e quatro.

— Foi buscar o cachorro, exclamou Violeta Hunter

— Tenho aqui o meu revolver, acudi.

— Será melhor fechar o portão, retorquiu Holmes, e descemos por ali abaixo a toda a pressa. Ainda bem não tinhamos tocado o andar inferior, já ouvimos ladrar o cão, em seguida um uivo de agonia, e o tropel de uma luta pavorosa. Assomou á porta um homem já de edade, com o rosto afogueado e as pernas a tremer.

— Valha-nos Deus! exclamou. Soltaram o cão. E o bicho ha dois dias que não come! Acudam, acudam, emquanto é tempo!

Holmes e eu corremos por ali a fóra, torneamos o predio, e, atraz de nós o Toller. O agigantado e faminto animal derrubára por terra Rucastle, arrastando-o comsigo aos puxões, com as presas aferradas á guela do desgraçado. Acerquei-me e despedacei-lhe o craneo com um tiro de revolver. Baqueou, mas as presas brancas não largaram as roscas da papeira da victima. Apartamol-as a muito custo, e levamos em braços o ferido para dentro de casa, ainda vivo, pavorosamente malferido, porém. Estendemol-o em cima de um sofá, e emquanto o Toller ia buscar a mulher, fiz quanto pude para o alliviar das dores. Para ali estavamos todos em redor do misero, quando se abriu a porta e entrou uma mulher, e que mulherão!

— Mistress Toller, exclamou Violeta Hunter.

— Sou eu, sou, minha menina. O senhor Rucastle quando entrou, abriu-me a porta, antes de ir lá a cima ter com a menina. Ai, que pena não me ter dito as suas intenções! Adverti-a-a desde logo de que era escusado.

— Ah! exclamou Holmes, mirando de fito a velha. Percebe-se que está mais bem informada a este respeito do que qualquer outra pessôa...

— E não se engana. Acredite que me promptifico a dizer tudo quanto sei.

— Se assim é, sente-se e vá dizendo, que, eu, por mim, confesso que ha varios pontos nos quaes não vejo nada!

— Vou pôr-lhe tudo em pratos limpos, e puder eu sahir, lá de baixo, do subterraneo, que ha mais tempo o teria feito. Se o acaso fôr parar ás mãos da justiça, sempre ella se lembrará que estava do lado dos senhores, como tambem fui sempre a favor de miss Alice.

Ella nunca viveu feliz nesta casa, desde que o pae tornou a casar. Tratavam-na por demais, e nem siquer tinha direito de abrir a bocca, mais muito peor foi desde o dia em que ella, lá em casa de umas pessôas da sua amizade, travou conhecimento com o sr. Fowler. E' preciso saber que a menina tinha de seu uns dinheirinhos de uma herança, dos quaes não devia contas a ninguem. Era tão meiga e tão paciente, que nem sequer falava em tal e entregava o governo de tudo ao senhor seu pae.

(Cont. no proximo numero)

As Desordens dos Rins

PARALYSAM O CORPO

Está V.S. atacado por estes males?

O Rheumatismo é uma das peiores doenças. Começa endurecendo os musculos e paralysando as juntas, atacando as cadeiras, augmentando de tal forma até prostral-o na cama, ou impossibilital-o de suas occupações diarias. Alem disto, o excesso de impurezas no sangue póde fazer sentir suas terriveis consequencias no coração.

O Rheumatismo, com as suas dores mortificantes, póde ser causado pela existencia de bacterias e impurezas no sangue. Realmente é missão dos rins eliminar do sangue todas estas impurezas. Quando, porem, os rins falham na sua principal funcção, as impurezas são arrastadas pela circulação do sangue a todas as partes do corpo, provocando as dores que excitam os nervos. Veja o seu medico e consulte-o sobre as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, o tratamento que tem a formula impressa na caixa.

As Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga fortificam os rins e limpam as vias urinarias livrando o organismo de certos venenos. Compre um frasco de Pilulas De Witt e comprovará as suas boas qualidades. São recommendadas pelos medicos para combater todas as formas de Rheumatismo, Sciatica, Lumbago, Acido Urico, Desordens dos Rins e da Bexiga.

AS PILULAS DeWITT PARA OS RINS E A BEXIGA

O Remedio Que Mostra Effeito Em 24 Horas.

AS PILULAS DE WITT PARA OS RINS E A BEXIGA SÃO UM REMEDIO MARAVILHOSO PARA O EXCESSO DE ACIDO URICO NO SANGUE.

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. M 9 ·),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome ....

Endereço ....

....

INSTITUTO DE UROLOGIA DO RIO DE JANEIRO

DIRECTOR
Dr. EDSON AMARAL

Tratamento das doenças das VIAS URINARIAS (estreitamentos, cystite, prostatite, inflammação do utero e ovarios), pela DIATHERMIA, ALTA-FREQUENCIA, RAIOS INFRA-VERMELHO, ULTRA-VIOLETA.

Cura da impotencia — Plastica dos seios e dos orgãos Genito-urinarios — Manchas e signaes da face.

Sala de endoscopia e ultra-violeta.

O Instituto devolverá a importancia paga se não conseguir a cura radical.

RUA BUENOS AIRES, 85, IV andar — T. 4 - 2087
Das 10 ás 20 horas
Domingos e feriados, das 11 ás 14 horas

Artigos para todos os sports

FOOT-BALL — Camisas, calções, meias, shooteiras, joelheiras, tornozelleiras, bolas, bombas, agulhas, rêdes, etc.

TENNIS — Rackets, bolas, rêdes, etc.

BOX — Luvas, sapatos, bandages, etc.

VOLLEY-BALL — Rêdes, bolas, postes, etc.

BASKET-BALL — Rêdes, aros e bolas.

Patins, discos, dardos, pesos, martellos, varas para salto, bastões de revesamento, medicine ball, etc.

A melhor de artigos para sports
Remettem-se catalogos

RAUL CAMPOS

25, Rua dos Ourives, 27 — Rio de Janeiro